



caderno do aluno

**leitura e interpretação
de desenho**

**programa
integrar**

programa integrar

leitura e interpretação de desenho

questão desencadeadora
a cidade como espaço de
intervenção do cidadão

caderno do aluno



SETRAB / 2000
PROC. SETRAB / 2000 1611/00
PROC. ADM. N° E-22/1611/00

Apresentação

Quando nós, da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT), lançamos o Programa Integrar – Formação e Requalificação para o Trabalho, não imaginávamos a proporção que ele alcançaria. O saldo de dois anos aponta que ele envolveu mais de 300 mil pessoas em vários Estados, o que nos mostra que o caminho que trilhamos é o correto, porque construímos um modelo educacional voltado para adultos que hoje é referência no Brasil.

A CNM/CUT se orgulha dos resultados do Integrar, ainda mais se considerarmos que, de maneira inédita, uma entidade sindical voltou a sua atenção para o resgate de direitos elementares de milhares de trabalhadores desempregados, como o da educação. Desenvolvemos o Programa como uma das formas de devolver a esperança a estes trabalhadores, para que eles tenham maior qualificação para disputar uma vaga num mercado cada vez mais competitivo.

Agora, além de darmos continuidade a esta vertente do Integrar, ampliamos a nossa responsabilidade, ao darmos início ao projeto de formação profissional dos metalúrgicos que estão na ativa. Queremos contribuir com estes trabalhadores para que eles possam entender melhor os processos de reestruturação da produção nas empresas onde trabalham e, assim, estarem melhor preparados para o cotidiano de suas funções.

O desafio é grande, mas nós, da direção da CNM/CUT, da equipe curricular e as instituições parceiras do Programa Integrar, temos a certeza de que os resultados trarão tanto êxito quanto o já obtido até agora com o curso para desempregados.

Ao mesmo tempo, estamos dando continuidade às ações sindicais buscando a ampliação dos direitos dos trabalhadores e suas famílias. E temos certeza de que poderemos contar com cada um dos alunos do Programa Integrar. Afinal, o que buscamos é o sonho por um futuro melhor para a grande maioria da sociedade brasileira.

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Presidente da CNM/CUT

Este caderno de **Leitura e Interpretação de Desenho** dirigido aos alunos é uma publicação da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores — CNM/CUT, elaborada pela equipe responsável pelo Programa Integrar – Formação e Requalificação para o Trabalho no ano de 1999.

Expediente editorial:

Coordenação e edição: Alipio Freire

Edição de textos: Emilio Alonso

Projeto gráfico e edição de arte: Silvana Panzoldo

Assistente: Maria Inês de Carvalho

Revisão: Vânia Fontanesi

Gerenciamento administrativo: Tapiri

Impressão: Editora Raiz da Terra

Caros participantes do Programa Integrar

Para esta área curricular de Leitura Interpretação de Desenho propomos uma reflexão sobre a cidade numa perspectiva que avance para além da sua dinâmica produtiva e que se restringe ao chão de fábrica. Propomos a leitura e observação mais ampla da realidade.

Do ponto de vista espacial, a cidade expressa, através da paisagem, as contradições de uma sociedade desigual e injusta.

As atividades sugeridas procuram estimular a observação, a percepção e a apreensão da realidade da cidade em que vivem, entendendo que a cidade não está pronta e acabada, mas que a realidade é dinâmica e permanece num processo de eterno constituir – se. O intuito é subsidiar uma reflexão crítica para influir sobre a realidade com perspectiva de mudança. Para além de uma discussão denunciadora, propomos uma reflexão através de diversos textos e atividades que articuladamente com os laboratórios e as oficinas pedagógicas poderão servir de elementos motivadores para uma ação mais concreta dos sujeitos nas políticas públicas e ,especialmente em geração de emprego e renda.

Esperamos que este caderno possa ajudar nos aprofundamentos necessários.

Para nós todos ,

Um bom trabalho !

Sumário

Introdução	9
Leitura e Interpretação de Desenho	
Vendo o urbano	17
Observando alguns tipos de desenhos	23
O que é a cidade?	27
Morar é preciso	35
A Bruxa	38
Debate: o que é a cidade?	40
Festa (fragmento)	43
A cidade de Paris vista de cima	46
Cidades negreiras	49
As cidades como suportes de memórias	50
Meio Ambiente	
Inversão Térmica	56
Chuva ácida	56
Poluição da água	58
Poluição do solo – lixo urbano	60
A Cidade Saudável	
A saúde no espaço urbano	64
A Lógica da desordem	69
A formação do operariado urbano	77
A caminho da cidade	82
A cidade saudável	86

Inglês

Produtos com nomes em inglês	92
Produtos que mesclam inglês/português	93
Identificação do tipo de produto em inglês	94
Aproximação indireta com nomes em inglês	95
Fusão Preto	96
Depoimentos sobre o Brasil e os brasileiros	97

Do espaço ao papel

Do espaço ao papel	107
Introdução à Geometria	107
Elementos da Geometria	107
O volume	110
Do volume à área	117
Da área ao comprimento	121
A anatomia do espaço: a geometria	125

Créditos

131

Introdução

1. Por que Integrar?

As mudanças socioeconômicas vividas no Brasil e no mundo, neste final de século, caracterizam-se por dois aspectos contraditórios: de um lado, o enorme crescimento da produtividade e da incorporação de novas tecnologias à produção e organização; e, de outro, a eliminação de postos de trabalho, levando à crescente exclusão de um número cada vez maior de trabalhadores do mercado de trabalho.

O reordenamento da gestão da produção e organização exerceu impactos diretos sobre o mercado de trabalho e a vida dos trabalhadores, aumentando o desemprego, rebaixando os salários e precarizando as relações de trabalho.

Além disso, as políticas de formação profissional não têm sido capazes de suprir as demandas exigidas por esse mesmo mercado, especialmente os cursos que vêm sendo implantados nos marcos das políticas emergenciais que se caracterizam pela extrema fragmentação, curta duração e treinamento instrumental voltado para o aprendizado de operação de tarefas, no contorno do equipamento. E, para os trabalhadores que buscam o emprego, é exigida a comprovação de que tenham concluído o 1º grau escolar.

Entre o final de 1995 e o início de 1996, sondagem feita junto a grupos de trabalhadores desempregados nos locais da cidade de São Paulo, onde costumeiramente se reúnem (praças limítrofes da área central da cidade com a periferia, estações ferroviárias suburbanas e terminais periféricos de ônibus), evidenciou a falta de perspectiva, a diminuição da auto-estima e, em alguns casos, até o desespero desses trabalhadores.

Frente a essa realidade, a Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT propôs desenvolver uma experiência de educação profissional, no sentido de implementar as resoluções de seu 3º Congresso Nacional, relativas à ampliação do debate e da formulação de uma política para a formação profissional.

Foi então elaborado o Programa Integrar, cuja finalidade é desenvolver uma experiência metodológica de formação de trabalhadores desempregados ou em risco de perder o emprego que contribua para a criação de novos parâmetros de políticas públicas de formação para o trabalho, geração de emprego e renda e de combate ao desemprego e à exclusão social.

Em outubro de 1996, o Programa Integrar foi implantado no Estado de São Paulo. Em 1997, nos Estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Em 1998, três Estados – Pará, Santa Catarina e Paraná – iniciaram seus cursos e Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia realizaram Oficinas Pedagógicas. Para 1999, estão previstas a introdução dos cursos nesses três últimos Estados e a implantação do programa no Amazonas.

Com a expansão do Programa Integrar, com a incorporação de vários Estados, surge a preocupação de garantir a unidade de princípios, objetivos e de metodologia. O fato é que tivemos duas experiências curriculares – uma em São Paulo e outra no Rio Grande do Sul –, que possibilitaram uma reflexão que apontou para a necessidade de uma reformulação curricular que atendesse às preocupações citadas e, ainda, que considerasse a diversidade regional e as especificidade de cada Estado.

A proposta metodológica que apresentamos, mesmo sendo o resultado das avaliações realizadas durante todo o processo, não é definitiva. Fruto de um trabalho coletivo, estará sempre em reformulação, com a participação dos sujeitos desse processo.

2. O Papel do Programa Integrar

O Programa Integrar – que integra a formação para o trabalho com a certificação em nível de Ensino Fundamental e com a geração de alternativas de Emprego e Renda – tem como papel:

- desenvolver uma experiência de formação para o trabalho, tendo como base uma concepção de educação que forme um cidadão criativo, crítico, autônomo e com capacidade de ação social;
- contribuir na criação de experiências alternativas de Emprego e Renda, numa perspectiva solidária de desenvolvimento sustentável, e subsidiar o Movimento Sindical para uma ação junto a estas experiências;

- subsidiar o Movimento Sindical na construção de políticas públicas de geração de Emprego e Renda e de formação para o trabalho.

3. Objetivos do Programa Integrar

Geral

Desenvolver uma experiência de formação profissional que contribua para a criação de alternativas de políticas públicas de formação para o trabalho, geração de emprego e renda e de combate ao desemprego e à exclusão social.

Específicos:

- assegurar a adultos trabalhadores, excluídos do sistema formal de educação, oportunidade apropriada de desenvolvimento pessoal e profissional, conjugando formação para o emprego com certificação em nível de Ensino Fundamental e com geração de alternativas de trabalho e renda;
- construir propostas e alternativas de formação para o trabalho que superem a prática de cursos isolados e a formação compartimentada e limitada pelo contorno do equipamento;
- contribuir para a formação da cidadania, capacitando os desempregados para o exercício de seus direitos;
- formar e organizar os desempregados para desenvolver projetos de geração de trabalho e renda numa perspectiva solidária de desenvolvimento sustentável.

4. As Ações do Programa Integrar

A integração educação/trabalho concretiza-se através de grandes ações, distintas, articuladas, que são os **Cursos Regulares**, os **Laboratórios Pedagógicos**, as **Oficinas Pedagógicas** e a **Formação de Formadores**.

Cursos Regulares

Os Cursos Regulares são implementados a partir da ação de um professor e um instrutor em cada um dos núcleos. Estes profissionais têm a função de organizar a aprendizagem dos conhecimentos no âmbito de Ensino Fundamental e qualificação técnica. Desta forma, os Cursos Regulares articulam a

formação para o trabalho com a formação geral (com certificação equivalente ao Ensino Fundamental).

Nas 700 horas dos Cursos Regulares, são desenvolvidos conhecimentos de Áreas Técnicas (120 horas de Trabalho e Tecnologia, 180 horas de Matemática, 120 horas de Leitura e Interpretação de Desenho, 120 horas de Gestão e Planejamento e 160 horas de Informática) e de Áreas do Saber Geral (Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Língua Estrangeira e Artes) – áreas que compõem o Ensino Fundamental.

A certificação no âmbito de Ensino Fundamental é reconhecida pelo Ministério de Educação e do Desporto (Secretaria de Educação Média e Tecnológica), expedida de acordo com a Lei 9.394, de 20/12/1996. Pela Portaria, o MEC reconhece a escolaridade equivalente ao Ensino Fundamental do Programa Integrar e credencia as Escolas Técnicas Federais dos Estados a expedir os certificados de conclusão.

Laboratórios Pedagógicos

Os Laboratórios Pedagógicos, articulados com os Cursos Regulares, consistem no desenvolvimento de atividades socioculturais, através de inúmeras iniciativas, que propiciam o conhecimento do funcionamento de diferentes indústrias e de órgãos públicos e entidades da Sociedade Civil, assim como dos diferentes espaços da cidade, de alternativas existentes em termos de geração de emprego e renda e, ainda, a participação em eventos culturais (teatro, exposições, música, dança, cinema). Essas atividades visam criar melhores condições de aprendizagem e contribuir para a formação da cidadania, capacitando os desempregados para o exercício pleno de seus direitos.

Oficinas Pedagógicas

As Oficinas Pedagógicas são espaços educativos de integração dos educandos com a sociedade e visam capacitar e organizar os desempregados para desenvolver e participar de projetos de geração de trabalho, emprego e renda, numa perspectiva solidária de desenvolvimento sustentável.

As Oficinas Pedagógicas abordam temas diversos, buscando, entre outros aspectos, integrar os educandos com a sociedade, analisar modelos de desenvolvimento, identificar oportunidades e empreendimentos adequados ao desenvolvimento, instrumentalizar os educandos para a identificação e

conquista de recursos disponíveis e capacitar os educandos para o aprendizado de métodos de planejamento e gestão.

Formação de Formadores

Tendo em vista a concepção, o papel e os objetivos do Programa, a Formação de Formadores é um processo sistemático e está centrada no aprofundamento de grandes temáticas e no desenvolvimento de metodologias de formação para o trabalho e de geração de trabalho, emprego e renda.

5. Leitura e Interpretação de Desenho

Objetivos:

- identificar a informática na mudança de comportamentos, valores e relações sociais;
- discutir os avanços tecnológicos nos campos: saúde, educação, artes, ciências e comunicação em relação a qualidade de vida;
- discutir os avanços das telecomunicações e as relações sociais;
- estabelecer relação entre: fenômenos/recursos naturais, descobertas científicas/produção de conhecimento e tecnologia/interesses econômicos, políticos e sociais
- refletir sobre a produção, distribuição, divulgação, controle da informação.
- conceituar a informática (o que se entende?)
- desmistificar a informática

Leitura e Interpretação de Desenho

Vendo o urbano

Sérgio Martins

Saio a passeio. Caminhando pela rua, observo o espaço que a preenche: muitos aspectos me chamam a atenção. Desprevenido, porque repentinamente atento, experimento surpresas visuais: um enorme *outdoor*, uma casa de cor diferente, um prédio mais alto ou um estreitamento ou alargamento do meio fio, a diversidade de desenhos das calçadas ao correr dos quarteirões.

Em certo momento, deparo-me com uma igreja. Normalmente, as igrejas estão bem no meio do quarteirão aberto para uma praça, mas existem aquelas localizadas no meio de uma rua normal ou numa esquina, como essa diante de mim.

Fixando a atenção na igreja, pergunto: como será seu interior? Ela pode conter uma imensa gama de detalhes construtivos. Seus vitrais coloridos, provavelmente, têm a intenção de passar uma luz agradável e tranqüilizante, que se harmoniza com o silêncio projetado pelas paredes sólidas. As linhas e as cores dos vitrais dessa igreja serão harmoniosas? Haverá imagens dos santos apenas no altar central ou existirão altares laterais? As imagens podem seduzir pela harmonia de proporções ou pelas expressões dos olhares e poses.



SERGIO MARTINS

O que acontece na igreja que você frequenta? Que altura terá? Sua altura pode ser imensa e passar a sensação mística quando você eleva seu olhar. E se, ao contrário, tiver dimensões mais acanhadas? Não cumprirá, então, seu objetivo? Hoje em dia, muitas construções baixas são transformadas em templos. Me pergunto: uma igreja tem de ser alta?

Continuo o passeio imaginário pelas ruas de minha cidade. Esta pela qual caminho é bem iluminada? Que tipo de iluminação será? Os postes são altos e muitos fios cruzam a rua. Tantos fios me atrapalham a visão. Lembro que, em alguns países, a maioria das cidades tem fiação subterrânea. Somente com eliminação visual deste emaranhado de fios já melhora a qualidade da paisagem urbana.

Mas a poluição não é apenas poluição do ar, da água, dos solos. É também visual: as informações visuais vão se somando e provocam confusão (ruídos visuais). Numa esquina, uma imensa placa de propaganda tapa a visão do semáforo para os motoristas: além de ser um exemplo de poluição visual, é uma perigosa situação urbana.

A briga por espaços publicitários aumenta a poluição visual. Placas, cartazes, painéis, *outdoors* lutam por visibilidade e querem aparecer em todos os lugares, competindo até como imagens sacras.

Interessa-me resgatar da paisagem urbana a idéia de lugar, que não é qualquer espaço, mas o local com o qual me identifico, com o qual tenho

Um gigantesco painel da cerveja Kaiser, ocupando toda a lateral de um prédio, disputa o olhar com um outdoor do detergente OMO. Graaaaande não é a limpeza, é a poluição.



SERGIO MARTINS

mais relação afetiva. Os motivos podem ser vários: desde o local freqüentado na infância que me traz lembranças agradáveis até o lugar que freqüento atualmente, sejam aqueles mais de referência de pequenos grupos, como a pequena praça, o bar, a igreja, o sindicato, o campo de futebol, sejam aqueles de referência mais ampla. Monumentos e esculturas podem ser lugares importantes de referência visual, espacial e afetiva.



SERGIO MARTINS

O Cristo parece não se aperceber de que, atrás de si, a mulher da foto seduz para vender.



Estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva, feito por Alfredo Ceschiatti (1918), localizada na Praça do Patriarca, em São Paulo. A estátua aparece perdida num espaço de trânsito apressado. No entanto, pode ser referência histórica de velhos cidadãos e eventual ponto de encontro para jovens urbanos.

Um monte de lixo largado diante de um muro velho me faz lembrar que as cidades apresentam regiões deterioradas, com graves problemas. Podiam ser alvo de projetos de recuperação urbana, uma operação que tenta reorganizar os elementos da cidade. Penso: se houver vontade política, locais abandonados ou deteriorados poderiam, com poucas mudanças e pouco investimento, voltar a ter uma função social no contexto da cidade.

Neste estranho passeio vi o que não vejo sempre. A verdade é que, acostumado às imagens, não estou acostumado a ver a cidade, a perceber a paisagem urbana. E isso me impede, muitas vezes, de participar de decisões que interferem no meu espaço vital.



SERGIO MARTINS

Projeto Sesc-fábrica da Pompéia (1977-1986), de autoria da arquiteta Lina Bo Bardi). A antiga fábrica desativada de tambores deu lugar a um espaço de convivência, cultura e esporte.

Sem a compreensão crítica da cidade e da sociedade podem ocorrer equívocos como o que aparece no desenho de humor de Chaval, que mostra um cavaleiro sentado em seu cavalo olhando por um espelho retrovisor.

O cavalo como símbolo de transporte de uma época pré-industrial é enfeitado com componente típico do automóvel, símbolo da sociedade industrial e das cidades atuais.



Chaval, Zun Lachen –
Gesammelte Cartoons I, Zurich,
Diogenes, 1974, p. 35.

O mesmo desenhista, em outro desenho, antecipou ironicamente uma situação que está prestes a acontecer em muitas cidades: pessoas dormindo nos carros durante um congestionamento. Completando a situação caótica, teias de aranha se formam entre os automóveis.



O caos é o contrário da ordem, e o *designer*, assim como planejador urbano, tenta colocar ordem nas coisas e lugares.

Chaval, Zun Lachen – Gesammelte Cartoons I, Zurich, Diogenes, 1974, p. 71.

Sabemos que as cidades crescem desordenadamente e podem ser melhoradas, não apenas através dos políticos e dos profissionais especializados, mas também através dos seus cidadãos, conscientes das suas cidadanias e democraticamente organizados. Segundo o arquiteto Cândido Malta Campos Filho, ex-secretário do planejamento da cidade de São Paulo, "a idéia de cidadania é a idéia de cidadão plenamente capaz de definir o seu futuro".

Aprender a ver é, assim, uma forma de ampliar meu poder de atuar politicamente. E o conhecimento do desenho técnico é uma etapa desse aprendizado, facilitando a compreensão de desenhos e projetos nas mais diversas atividades em fábricas, indústrias e construtoras, além de ajudar na leitura e compreensão do *design* de objetos com os quais convivo e, de uma forma mais ampla, do *design* urbano.

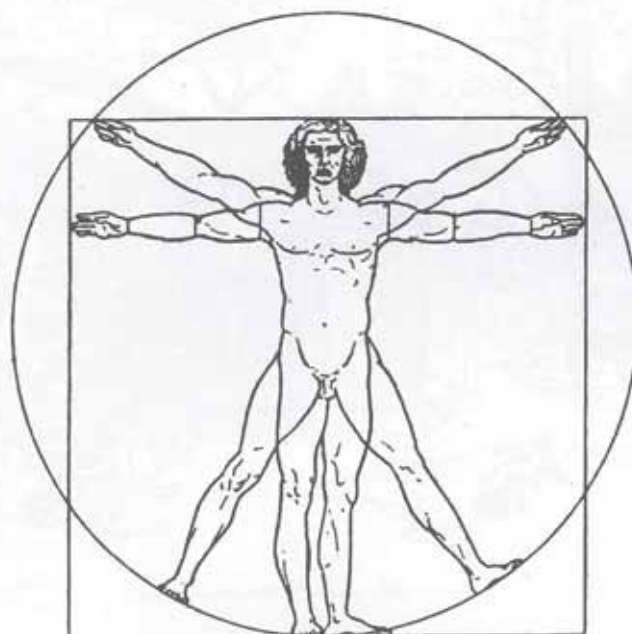
Todos os componentes que existem numa cidade foram projetados e deveriam funcionar satisfatoriamente para que nós, seus habitantes e usuários, tivéssemos conforto. Por isso é que conhecer um pouco de *design* facilita a compreensão do mundo urbano, não apenas no plano social, histórico e econômico, mas também no plano visual e formal.

Observando alguns tipos de desenhos

Sérgio Martins

Quando falamos em desenhos e *design*, não podemos nos esquecer que tudo que criamos é para nosso próprio uso. Portanto, as dimensões dos objetos e prédios devem sempre levar em conta as suas relações com as pessoas e suas atividades.

O famoso pintor, escultor, inventor e arquiteto renascentista Leonardo da Vinci (1452 – 1952) estudou profundamente as relações do corpo com as figuras geométricas. O artista inscreveu o corpo em duas figuras geométricas: o círculo e o quadrado. Descobriu que o centro do círculo está no umbigo e o centro do quadrado está nas partes genitais.



Desenho de Leonardo da Vinci

Desde então, ficou mais evidente que há uma harmonia matemática considerada perfeita entre as diversas partes do corpo.

Muitos *designers*, artistas e arquitetos levam em conta estes aspectos quando fazem seus desenhos e projetos.

Porém, existem vários tipos de desenhos com intenções e objetivos diversos. Alguns desenhistas procuram uma forma de expressão mais pessoal, objetivando passar uma informação visual mais livre, mesmo quando representam objetos, pessoas, bichos e paisagens. São chamados de desenhos de observação.

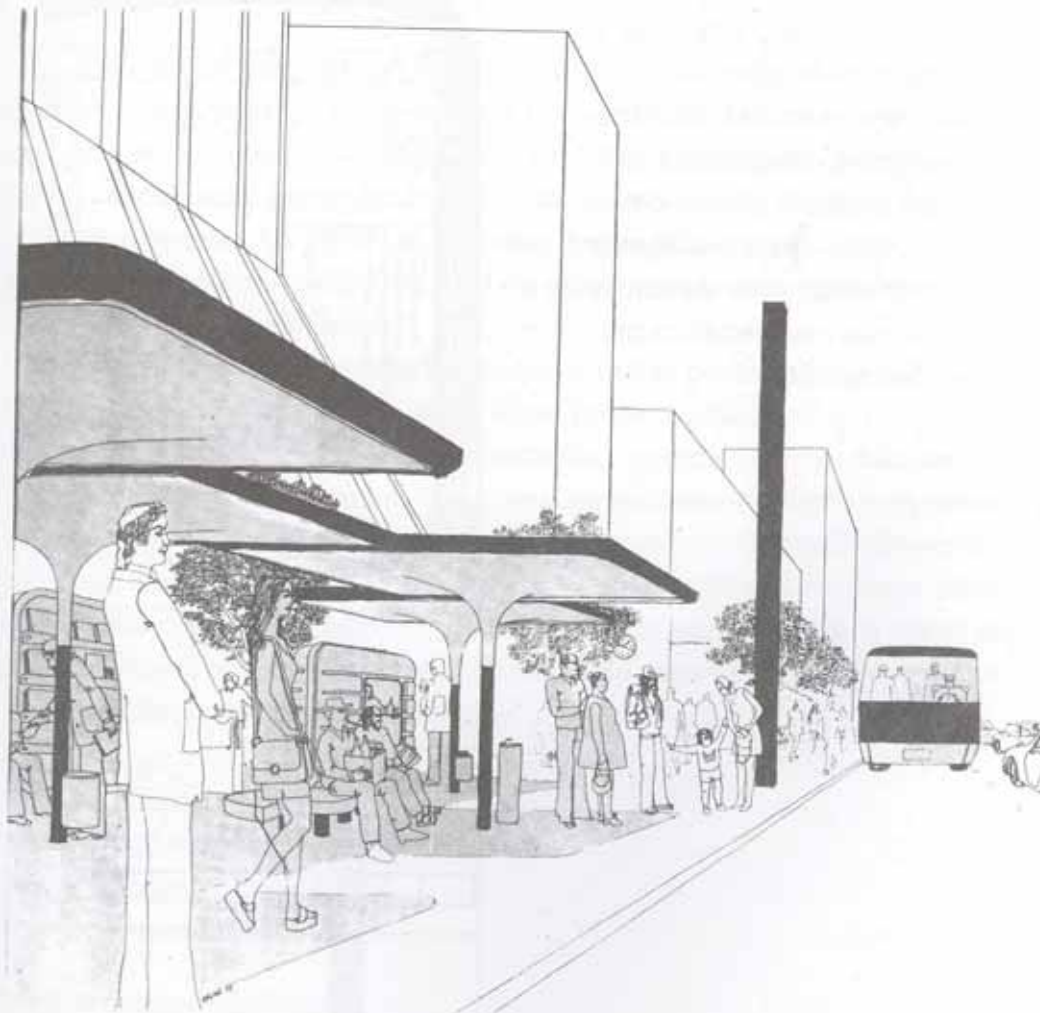


Desenho a mão livre de parque

No exemplo selecionado – um pequeno parque em Londres desenhado por Ebbe Sadolin –, vemos pessoas sentadas nos bancos, uma estátua de personagem famoso, um cachorro, arvoredo e uma construção no canto superior direito.

É um desenho feito rapidamente, mas nos passa a sensação de ser um lugar agradável que merece ser visitado para podermos descansar, ler e contemplar a natureza.

Já os desenhos de perspectiva são mais eficientes e pragmáticos, pois são utilizados profissionalmente para informar às pessoas envolvidas os objetivos de um trabalho. São desenhos que mostram um local existente ou projetado através da representação geométrica no uso de pontos de fuga.



Desenho de perspectiva

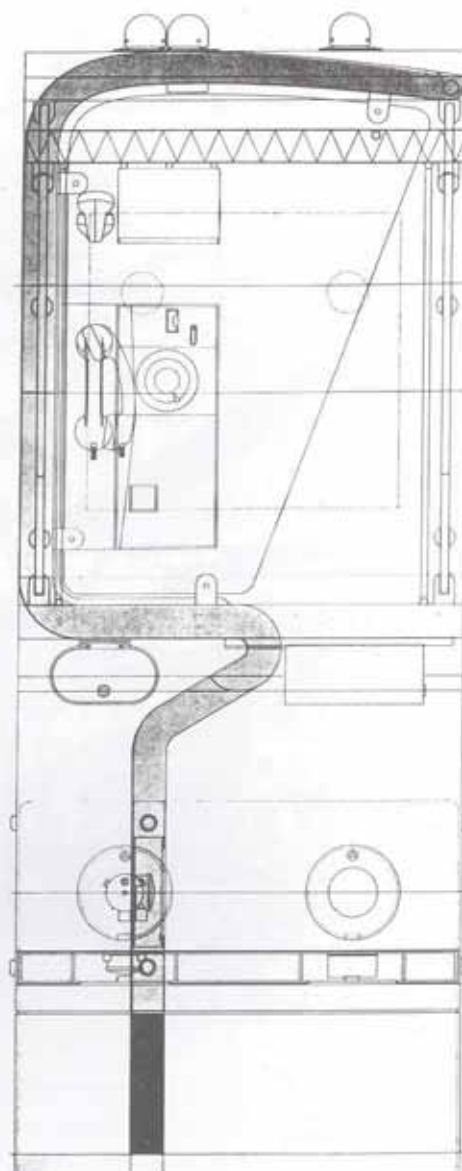
O desenho anterior, em perspectiva, mostra detalhes do Projeto de Comunicação Visual e Equipamento Urbano para a Avenida Paulista, de autoria do Escritório Cauduro/Martino Arquitetos Associados.

Além das informações técnicas do projeto (poste de sinalização, coberturas para ônibus, bancos, lixeiras, etc.), podemos constatar as linhas horizontais da calçada e dos prédios convergindo para o mesmo ponto de fuga, que fica num ponto específico do desenho do ônibus localizado à direita.

Os desenhos técnicos propriamente ditos, por sua vez, necessitam ser exatos, pois representam, em escala, todos os detalhes e medidas dos projetos a serem construídos.

Esse último desenho é o projeto de uma cabine telefônica em aço inoxidável feito por Klavs Helweg-Larsen, em 1980, para a cidade de Kopenhagen.

Além dos detalhes técnicos do desenho, é interessante salientar que a cabine parece desenhada por uma única e elegante linha, lembrando uma escultura moderna, mas resolvendo os problemas funcionais.



Desenho técnico de cabine telefônica

O que é a cidade?

Sônia Morandi

Como definir uma cidade? Como, em poucas palavras, traduzir os sentimentos que as pessoas geralmente nutrem por ela? Mais de 300 milhões de pessoas se movimentam dentro das vinte maiores cidades do mundo. Outras tantas, espalhadas geograficamente, concentram-se em milhares de outras cidades menores. No Brasil, atualmente, quase 80% da população vive nas cidades. Há uma tendência mundial de concentração populacional, embora não tenha sido sempre assim.

Afinal, o que é uma cidade? Por que atrai tantas pessoas? Que palavras as pessoas associam à palavra cidade? Ruas, prédios, praças, viadutos, concentração de casas, carros, congestionamento, multidão, gente. São associações que fatalmente fazemos, isto é, noções apoiadas na forma e na aparência. No entanto, o fragmento do poema "A Bruxa", de Carlos Drummond de Andrade, tratando do Rio de Janeiro dos anos 50, alerta para outras dimensões, para o cotidiano, em que as relações do homem com o outro são marcadas pela ausência de comunicação, pelo isolamento em meio à multidão, pela fragmentação, pela solidão.

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído

anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona de luz

Esta cidade do Rio!
De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo...

O tempo e o ritmo são outros elementos que nos remetem à cidade, ou o viver na cidade. O tempo visto como sinônimo de pressa, de dinheiro. O ritmo da cidade marca o modo de vida das pessoas, que perdem a identificação com o lugar e com outras pessoas. O mundo dos homens é o mundo da mercadoria e do que é possível comprar. Assim, diz Paulinho da Viola na letra da música "Sinal Fechado":

Olá como vai?
Eu vou indo e você, tudo bem?
Tudo bem, eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro e você?
Tudo bem, eu vou indo em busca de um sonho tranquilo, quem sabe,
quanto tempo.
Pois é, quanto tempo!

Me perdoe a pressa é a alma de nossos negócios.
Ah! Não tem de quê, eu também só ando assim.
Quando é que você telefona? Precisamos nos ver por aí.
A semana, prometo, talvez, nos vejamos quem sabe?
Quanto tempo, pois é, quanto tempo!

Tanta coisa que eu tinha a dizer, mas eu sumi na poeira das ruas.
Eu também tenho algo a dizer, mas me foge a lembrança.
Por favor, telefone, eu preciso beber alguma coisa rapidamente.
A semana, o sinal, eu procuro você, vai abrir.
Por favor, não esqueça, por favor.
Adeus, não esqueço
Adeus.
Adeus.

É essa a idéia de tempo que permeia a vida das pessoas: o corre-corre, o andar apressado, sem tempo para conversar, para ouvir, para o encontro.

Mas ainda permanece a questão inicial: o que é a cidade? Spósito responde:

"Cidade é o lugar do trabalho, (...) mas também do lazer. É o lugar da produção e do consumo, do ir do vir e do estar. É o lugar da ordem e da contra-ordem, dos sistemas econômicos e das lutas sociais. É o lugar das funções, mas é também natureza que se rebela (basta lembrar das enchentes). É comunicação e encontro, mas também isolamento, desencontro e procura. Enfim, a cidade é riqueza e é pobreza, beleza e feiúra, é evolução, transformação e revolução, é unidade e diversidade, é contradição."

É preciso pensar a cidade além da sua forma, além das necessidades prementes do homem (morar, vestir, comer), resgatando-a como modo de viver, pensar e sentir. Ou, no dizer de Ana Fani Carlos, "a cidade produz idéias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer e, também, uma cultura".

Produto do processo do trabalho e da divisão técnica, a cidade representa um processo de apropriação do espaço. Enquanto produto de relações sociais, do embate entre capital e trabalho, do embate entre o que é bom para o capital e o que é bom para a sociedade, o urbano se produz e a cidade ganha configuração. Fruto de um processo dialético, ela pode ser espaço de ruptura, campo privilegiado de lutas de classe e movimentos sociais que questionam o *status quo*. É, nesse sentido, possibilidade aberta de transformação.

A cidade como expressão das desigualdades socioespaciais

Ainda se usa o termo *urbanidade* como sinônimo de fineza, cortesia, polimento. Houve época em que se atribuíam ao habitante urbano essas qualidades. Era de se esperar que o crescimento das cidades as socializasse a um número sempre crescente de pessoas e que a vida pudesse transformar-se em algo prazeroso e confortável. Infelizmente, não é o que assistimos neste final de século.

Sempre houve segregação nas cidades, pois sempre se reproduziram as desigualdades sociais. Porém, nunca com tanta intensidade como na época em que vivemos. O que vemos hoje é a sobreposição de duas dinâmicas no interior das cidades: expansão e segregação.

A cidade cresce, enquanto o campo se esvazia. Ao mesmo tempo, no espaço urbano, materializa-se a dialética das contradições. Bairros nobres, isolados por opção, ao lado de aglomerações miseráveis. Enquanto uns têm dificuldade em escolher moradias mais sofisticadas, muitos se ajeitam em casas desconfortáveis, eternamente provisórias, e outros perambulam sem

endereço pelas ruas. A cidade é a expressão visível das contradições sociais. E o espaço de conflitos e de luta de interesses divergentes é, portanto, político e ideológico. Qual a lógica que alavanca este processo?

Construído pela lógica do sistema capitalista, o espaço geográfico urbano expressa a sociedade composta por classes sociais, entre as quais existe diferença de renda, de poder político e de gestão. Diz Castell:

"A dualidade urbana representa uma estrutura social que existe sobre a base da interação entre pólos opostos, cuja lógica de desenvolvimento polariza a sociedade, segmenta grupos sociais, separa culturas e segrega os usos de um espaço metropolitano. [...] A segmentação social expressada em um padrão de segregação espacial entre centro formal e periferia informal está determinada por um mercado de trabalho dominado por processos contraditórios de exclusão social e inclusão."

A dualidade social engendra uma dualidade espacial: por um lado, tem-se a cidade formal, dos bairros centrais e nobres, dotada de infra-estrutura, tais como redes de água, esgoto, transporte coletivo, ruas e avenidas asfaltadas, coleta de lixo, escolas, hospitais, postos de saúde, policiamento; por outro, a cidade informal, carente de todos os recursos e equipamentos urbanos necessários, é a periferia, onde vive a maioria da população de baixa renda, excluída do mercado imobiliário formal e submetida ao mercado ilegal de terras, formando os bairros clandestinos constituídos por loteamentos clandestinos. No Brasil, multiplicam-se, na periferia, os bairros clandestinos em todas as cidades e áreas metropolitanas, engendrando e impondo uma segregação espacial das classes sociais.

A especulação imobiliária, os "vazios urbanos" e as favelas

Uma das características do processo de ocupação do solo urbano nas cidades brasileiras são os "vazios urbanos", produtos da estratégia do setor imobiliário de guardar áreas mais próximas aos núcleos centrais à espera de valorização. O loteamento e a ocupação das franjas periféricas – os lotes de pior localização em relação aos equipamentos e serviços da cidade – forçam o poder público a construir as benfeitorias necessárias ao atendimento do novo núcleo de povoamento, levando linha de transporte, pavimentação, rede de água e esgotos, eletrificação e serviços, como padaria, farmácia, botiquim, mercearia. Com isso, os terrenos vazios, situados no espaço intermediário, são beneficiados e valorizados. Em geral, tais terrenos são de propriedade de grandes empresas imobiliárias, que estocam lotes urbanos e manipu-

lam estratégias de ocupação para fins especulativos.

As Favelas

João Apolônio Gomes, morador da Favela da Biquinha, em São Bernardo do Campo, assim se expressa em sua carta publicada no *Vai e Vem*, Boletim das Migrações de São Paulo¹

"A favela cresce através do migrante, do homem do campo, porque na roça não dá mais para viver. Porque o fazendeiro dá mais para um boi, ou plantar um capim do que deixar um trabalhador plantar um milho ou feijão. Através também do aluguel que prefere alugar para quem tem cachorro, do que a pessoa que tem um filho. O boi e o cachorro valem mais que o trabalhador e o filho. E através do salário mínimo que é muito baixo e da falta de emprego. Por isso não está mais existindo mais lugar, nem de fazer barraco. Porque já está tudo lotado

A favela serve também através da mentira. Uma pessoa sai de qualquer cidade grande e vai passear no interior e chega lá, e mente para um companheiro dele. Que lá onde ele está ele vai ganhar mais; e chega ele não vai ganhar, então ele não tem condições de pagar um aluguel e vai morar na favela. Sempre aparece na favela um para dar ordem, mas não aparece um para pedi melhoria na favela. E quando aparece é perseguido. A gente não mora na favela porque gosta e nem porque quer, mas porque é obrigado: para manter a família e não morrer de fome".

As primeiras favelas surgiram no Rio de Janeiro no século XIX, logo após a Guerra de Canudos. Aos soldados que retornavam da guerra e não tinham onde morar, foi permitido construir barracos em áreas que não tinham importância imobiliária, as encostas dos morros. Sua característica essencial era a irregularidade da propriedade das terras. Porém, sua ocupação tornou-se cada vez mais legitimada pelo poder público, incapaz de resolver a questão da moradia.

O processo de favelamento acentuou-se a partir da década de 50, como reflexo das transformações econômicas do país, marcadas principalmente pela industrialização. A crise no campo e a expulsão dos trabalhadores rurais, somadas aos baixos salários na cidade, contribuem para a chamada "explosão urbana". Assim nos diz Carlos Drummond de Andrade:

1. Apud Rodrigues, Arlete Moysés. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo, Contexto, 88, P. 34.

São 200, são 300 as favelas cariocas?
 O tempo de contá-las é o tempo de outras surgirem
 Onde haja terreno vago, onde ainda não se ergueu
 um caixotão de cimento esguio (mas vai se erguer) surgem trapos e painéis,
 surge fumaça de lenha em jantar improvisado...
 Que fazer com tanta gente brotando do chão,
 formigas de um formigueiro infinito?
 Ensinar-lhes paciência, conformidade, renúncia?
 Cadastrá-los e fichá-los para fins eleitorais?...
 Deixar tudo como está para ver como é que fica?"

Observe os dados e tabelas abaixo:

Brasil: número de favelas por estado, capital e interior (1991)¹

Unidades de Federação	Número de favelas		
	no estado	na capital	no interior e área metropolitana
São Paulo	1269	585	684
Rio de Janeiro	705	462	243
Minas Gerais	248	101	147
Ceará	162	154	12
Paraná	141	87	54
Pernambuco	111	62	49
Bahia	100	70	30
Alagoas	45	45	0
Piauí	45	44	1
Mato Grosso do Sul	31	25	6
Amazonas	27	25	2
Pará	27	20	7
Goiás	22	16	6
Paraíba	21	20	1
Maranhão	20	8	12
Santa Catarina	15	3	12
Rio Grande do Norte	7	7	0
Amapá	4	2	2
Tocantins	4	0	4
Espírito Santo	3	1	2
Sergipe	3	3	0
Distrito Federal	2	2	0
Rondônia	1	1	0
Mato Grosso	0	0	0
Roraima	0	0	0
Acre	0	0	0
Total	3183	1812	1371

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico do Brasil, 1995, p. 2-218 a 2-220.

(1) Favelas com mais de 50 domicílios. Se considerarmos as favelas com menos de 50 domicílios, seu número no Brasil passa de 3.183 para 3.471.

Participação dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais no total do número de favelas no Brasil (1991)

Estado	participação
São Paulo	39,8 %
Rio de Janeiro	22,1 %
Minas Gerais	7,8 %
Total	69,7 %



Fonte: IBGE, Anuário Estatístico do Brasil, 1995, p. 2-219 (com adaptação do autor)

População favelada dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e de seus municípios das capitais (1991)

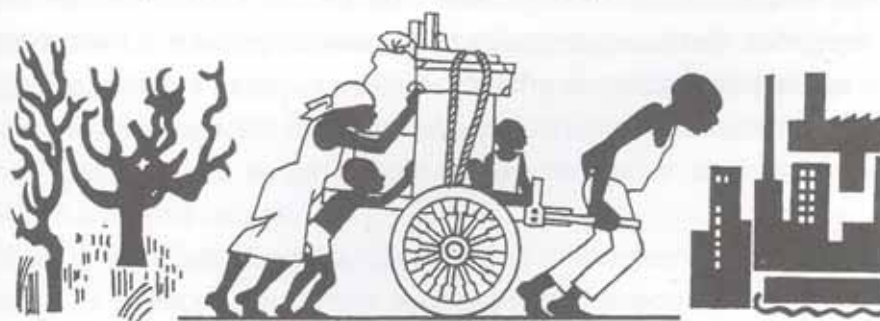
em números absolutos e relativos

Unidade da Federação	população que mora em favelas		participação no total da população brasileira que mora em favelas	
	no estado	da capital no município	do estado	do município da capital
São Paulo	1.327.829	644.907	29,80%	14,50%
Rio de Janeiro	1.105.712	876.761	24,90%	19,70%
Minas Gerais	425.823	236.997	9,60%	5,30%
Total	2.859.364	1.758.665	64,30%	39,50%

Fonte: IBGE, Anuário Estatístico do Brasil, 1995, p. 2-219 (com adaptação do autor)

OBS: O total da população brasileira que vive em favelas é de 4.450.594 pessoas. É uma população superior ao total da população do Uruguai, que é de 3,2 milhões de habitantes.

Industrialização e a relação cidade-campo



Fonte: Folha de S. Paulo, 9 maio 1986

Até por volta de 1940, quase 3/4 da população brasileira vivia no campo e o setor agrário representava cerca de 70% do PIB (produto interno bruto) do país. Com a intensificação da industrialização a partir de 1950, através da

instalação de empresas multinacionais, o eixo econômico deslocou-se do campo para a cidade. O modelo industrial, pautado na substituição da importação, criou um conjunto de novas necessidades, determinando, por consequência, um novo papel para o campo.

A velocidade das máquinas em transformar matérias-primas em alimentos industrializados e outros produtos de primeira necessidade (entre eles, os energéticos), o consumo de alimentos *in natura* pela população, que cada vez mais se urbanizava, e a política do governo em dinamizar as exportações de gêneros agrários, como forma de gerar divisas para que o país pudesse adquirir mais maquinaria, redimensionaram a agropecuária, particularmente no Centro-Sul do Brasil, com profundas alterações na estrutura fundiária e nas relações de trabalho no campo. Observe a tabela a seguir.

**Taxa de urbanização da população residente
Regiões no Brasil (1960-1991)**

Regiões	em porcentagem			
	1960	1970	1980	1991
Norte	37	45	50	59
Nordeste	33	41	50	60
Sudeste	57	72	82	88
Sul	37	44	62	74
Centro-oeste	34	48	70	81

Fonte: Fundação IBGE

As pequenas propriedades policulturas passaram a ser engolidas pelas grandes monoculturas mecanizadas de cana-de-açúcar, soja, café, laranja, cacau, algodão. A mão-de-obra familiar foi sendo substituída pelo assalariamento do trabalhador rural, surgindo o bóia-fria. O campo foi se esvaziando, enquanto proliferaram, nas cidades, os bairros periféricos, os subempregados, os desempregados e, conseqüentemente, a marginalidade e todos os demais problemas urbanos.

Morar é preciso

Arlete Moysés Rodrigues

De alguma maneira é preciso morar. No campo, na pequena cidade, na metrópole, morar, assim como se vestir e se alimentar, é uma das necessidades básicas dos indivíduos. Historicamente mudam as características da habitação, no entanto, é sempre preciso morar, pois não é possível viver sem ocupar espaço.

No interior da casa é onde se realizam outras necessidades; além de se ter um abrigo, é onde se dorme, tem-se privacidade, fazem-se as refeições, realiza-se a higiene pessoal, convive-se com o grupo doméstico, etc. A moradia também é local de trabalho: sempre se trabalha em casa para a própria manutenção, como lavar, cozinhar, passar e, muitas vezes, para a concretização de um valor em dinheiro, para a subsistência.

Espacialmente mudam as características da habitação. É suficiente observar qualquer cidade para verificar que há uma grande diferença entre as características de moradias dos bairros, tamanho dos lotes das construções, "conservação", acabamento das casas, as ruas – asfaltadas ou não –, a existência de iluminação, esgotos, etc., obtendo-se, assim, uma noção da segregação espacial. Ao mesmo tempo, há espaços na cidade com infra-estrutura e outros sem. Há espaços densamente ocupados e outros com rarefação de ocupação. Amplos espaços servidos de infra-estrutura e outros com grande densidade de ocupação, mas com poucos serviços. Isto significa que a diversidade não se refere ao tamanho e às características das casas e terrenos, mas sim à própria cidade.

Esta diversidade não está relacionada a diferentes tempos de ocupação, ou seja, os espaços não foram ocupados em tempos diferentes e, "com o passar do tempo", serão servidos por infra-estrutura de equipamentos e serviços coletivos. Trata-se de uma variação no mesmo tempo e no mesmo espaço. O computador é contemporâneo do analfabetismo; a vela, das usinas

nucleares; as mansões, das favelas. Num mesmo espaço e ao mesmo tempo, a segregação espacial é visível até para os observadores menos atentos.

Desde as mansões até os cortiços e favelas, a diversidade é muito grande, em função de uma produção diferenciada das cidades e da capacidade diferente de pagar dos possíveis compradores, tanto pela casa/terreno quanto pelos equipamentos e serviços coletivos. Somente os que desfrutam de determinada renda ou salário podem morar em áreas bem servidas de equipamentos coletivos. Os que não podem pagar vivem em arremedos de cidades, nas extensas e sujas periferias ou áreas centrais ditas "deterioradas". Nestes locais, há inclusive aqueles que "não moram", vivem embaixo de pontes, viadutos, em praças, em albergues, não têm um teto fixo ou fixado no solo, onde mergulha-se num turbilhão de miséria, de sujeira, o que torna cada dia mais difícil ter força para resistir a estas cidades e aos efeitos da miséria.

Como muitos moram mal, é de se supor que faltam casas que possam ser compradas ou alugadas. Uma rápida observação mostra o contraste existente entre o grande número de anúncios de casas, terrenos, apartamentos para vender ou alugar, de imóveis utilizados para comércio e serviços – casas transformadas para este novo uso – e a carência de moradias. Se todas as casas e terrenos que estão em oferta fossem ocupados, mesmo assim continuaria faltando casas para se morar. Estima-se que o déficit de moradias no Brasil seja de dez milhões de unidades, o que corresponde a 10% do déficit mundial.

A chamada crise habitacional está presente sempre que se consideram os recursos financeiros dos compradores. Não são conhecidos grandes empresários ou executivos que tenham dificuldades de morar adequadamente, desde que, é claro, paguem por esta mercadoria tornada escassa e cara. Para quem conta com recursos limitados, a oferta de imóveis no mercado não é compatível com seus salários. Para quem vive com recursos limitados, a crise habitacional não é nova.

Diz Engels, quando analisa a crise de moradia na Alemanha de 1872, que "uma sociedade não pode existir sem crise habitacional, quando a maioria dos trabalhadores só tem seu salários, ou seja, o indispensável para sua sobrevivência e reprodução; quando melhorias mecânicas deixam sem trabalho massas operárias; quando crises industriais determinam, de um lado, a existência de um forte exército de desempregados e, de outro, jogam repetidamente na rua grandes massas de trabalhadores; quando os proletários se amontoam nas ruas das grandes cidades; quando o ritmo da urbanização é tanto que o ritmo das construções de habitação não acompanha; quando, enfim, o proprietário de uma casa, na sua qualidade de capitalista, tem o

direito de retirar de sua casa os aluguéis mais elevados. Em tal sociedade a crise habitacional não é um acaso, é uma instituição necessária”.

Se deste período há demonstrações evidentes desta “crise”, neste último quarto de século XX a “crise” agrava-se em função de um processo de empobrecimento da classe trabalhadora em seu conjunto, pela vinculação da política urbana às exigências dos mecanismos financeiros internacionais nos países do Terceiro Mundo (de contenção de serviços públicos), pela apropriação elevada da renda da terra, dos lucros e dos juros na produção das cidades.

Ao findar o século XX, a população urbana mundial corresponderá a 50% do total. No Brasil, desde 1980, 70% da população mora em cidades, concentrada principalmente nas áreas metropolitanas. Urge portanto tratar a questão da habitação.

Neste estudo, procurou-se fornecer alguns elementos teóricos para a compreensão dos chamados problemas habitacionais no Brasil, em especial nas grandes cidades.

A Bruxa

Carlos Drummond de Andrade

Nesta cidade do Rio,
de dois milhões de habitantes,
estou sozinho no quarto,
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?
Ainda há pouco um ruído
anunciou vida a meu lado.
Certo não é vida humana,
mas é vida. E sinto a bruxa
presa na zona de luz.

Esta cidade do Rio!
De dois milhões de habitantes!
E nem precisava tanto...
Precisava de um amigo,
desses calados, distantes,
que lêem versos de Horácio
mas secretamente influem
na vida, no amor, na carne.
E a essa hora tardia
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.
Precisava de mulher
que entrasse neste minuto,

recebesse este carinho,
salvasse do aniquilamento
um minuto e um carinho loucos
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,
quantas mulheres prováveis,
interrogam-se no espelho
medindo o tempo perdido
até que venha a manhã
trazer leite, jornal e calma.
Porém a essa hora vazia
como descobrir mulher?

Tenho tanta palavra meiga,
conheço vozes de bichos,
sei os beijos mais violentos,
viajei, briguei, aprendi.
Estou cercado de olhos,
de mãos, afetos, procuras.
Mas se tento comunicar-me
o que há é apenas a noite
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!
Essa presença agitada
querendo romper a noite
não é simplesmente a bruxa.
É antes a confiança
exalando-se de um homem:

Debate: o que é a cidade?

Willian Echikson

O século XX viu a consagração do processo de urbanização e suas consequências – a extensão contínua dos subúrbios. Em quase todo o mundo, aproxima-se a era da urbanidade total e de uma sociedade liberada do dualismo entre a cidade e o campo.

Para uns, a cidade moderna simboliza a essência da cultura, o paraíso da civilização. Para outros, essas aglomerações atingidas de gigantismo aparentam-se a monstros e estão associadas à poluição, à criminalidade e ao estresse. A única saída, para esses críticos, é fugir para o campo.

A filósofa Anne Cauquelin e o pesquisador Henrik Reeh, em entrevista a Willian Echikson, sustentam que é impossível fugir dos arredores urbanos. Logo, previnem eles, a cidade estará em toda parte.

Willian Echikson – Qual é sua visão da cidade moderna?

Henrik Reeh – Não se pode negar a amplitude da metamorfose urbana que se acelera há mais de dois séculos. Quem mora numa metrópole que conta com 10 ou 20 milhões de habitantes tem motivo para estar horrorizado com o fenômeno urbano. No entanto, com muita frequência, o morador consegue criar uma imagem de sua cidade – certamente fragmentada, mas coerente e suportável. Longe de ser monstruosa, essa concepção pessoal acentua os aspectos mágicos da vida urbana.

Anne Auquelin – O que conta hoje é o comportamento urbano e não mais a oposição campo *versus* cidade, que é obsoleta. O modelo medieval de cidade, com suas portas e barreiras, desaparece completamente. Hoje, é muito difícil determinar uma fronteira material entre a cidade e o exterior.

No Japão, esses fenômenos são levados ao extremo. Não se sai de Tóquio. O urbano é onipresente, os únicos lugares não-construídos são aqueles em que é impossível fazê-lo, como nas montanhas. Na Europa, há apenas ilhotas protegidas no seio de uma enorme aglomeração que cobre o território. São os últimos representantes da cidade passada. Constituem identificações psicológicas e simbólicas da cidade tradicional.

Willian Echikson – Vamos continuar a viver na cidade ou voltar para o campo?

Henrik Reeh – Antigamente, as pessoas moravam e trabalhavam no mesmo lugar. Nenhum bairro tinha o rótulo de uma classe social particular. A população se misturava, mais ou menos harmoniosamente. O resultado é que havia uma maior interferência entre as diferentes atividades dos habitantes. A cidade formava, então, um pequeno mundo que continha todas as funções da vida humana e social.

Essa situação modificou-se radicalmente no século XIX. Desde o fim da Segunda Guerra, o centro da cidade conheceu um processo contínuo de homogeneização. Progressivamente, as atividades industriais e as classes populares foram empurradas para fora. A cidade perdeu sua função de produção, suas oficinas.

Copenhague (Dinamarca) é um exemplo. Perdeu, assim, há uns 20 anos, centenas de milhares de habitantes e de empregos. Esse fenômeno cria um problema enorme para a municipalidade. Isso porque se as atividades de produção são deslocadas, os problemas sociais subsistem.

Anne Auquelin – O teletrabalho é outro exemplo desse processo de redefinição da cidade: vivendo no campo, trabalha-se com a cidade, pela cidade e como na cidade. Trata-se, portanto, de aprender o comportamento urbano e não mais de se ligar a uma compreensão espacial da cidade. A existência da cidade poderia estar associada à possibilidade de se religar a uma ou várias redes. Sem essa conexão, algumas cidades, mesmo existindo materialmente, poderiam desaparecer do mapa.

Henrik Reeh – A importância do teletrabalho não deve ser supervalorizada. Diz respeito apenas a um número restrito de profissionais: escritores, tradutores, jornalistas. A maioria das outras profissões requer presença no escritório, necessária para a criação de um meio intelectual comum. Do mesmo modo, a cidade é necessária para encontros inesperados, encontros imprevisíveis.

Willian Echikson – As megalópoles que não se beneficiam do desenvolvimento tecnológico não são colocadas de lado?

Anne Auquelin - Realmente, a sociedade de comunicação deixa de lado todos os países que não têm acesso a essa rede. Cidades do Terceiro Mundo apresentam mais pontos comuns com cidades da Idade Média do que com as aglomerações modernas. Hoje, a cidade ainda responde a uma definição espacial, diferenciando-se radicalmente do resto do território. Nos países ocidentais, ao contrário, o urbano não pára de se estender, à custa do espaço rural.

Vivemos a fase de transição da sociedade industrial, marcada pela dualidade da cidade-campo, para pós-industrial, caracterizada por uma urbanização quase total.

Willian Echikson – Quando o assunto é concepção da cidade, é possível identificar várias escolas opostas?

Anne Auquelin – Poderíamos opor os “fetichistas” aos “loucos pelas redes”. Os primeiros têm uma visão seletiva da cidade. Os amantes da cidade trabalham sobre a memória, ligando-se apenas a alguns fragmentos, a monumentos-símbolos – pedaços escolhidos que têm poder de fetiche. Para os segundos, a cidade clássica não corresponde mais a nenhuma realidade. Só conta a inserção em redes internacionais. A cidade é um ninho de comutações.

Henrik Reeh – Essas duas correntes coexistem, mas é preciso unir as duas perspectivas. Em vez de pretender manter que a cidade responda sempre à mesma abordagem, é necessário considerar a vida urbana no seu encontro com os fluxos sociais de informação. E, inversamente, em vez de considerar a mídia como a responsável pelo fim da vida urbana, deveríamos vê-la como a fonte virtual de uma nova dinâmica urbana. A urbanidade contemporânea é bem mais complexa para ser reduzida a um único modelo sociocultural.

Anne Auquelin – Pode-se aceitar a existência das redes, mas pode-se permanecer ligado à poesia da cidade, ao encanto que emana de Copenhague, Londres ou Paris. Toda essa cultura, essa memória milenar, pode ser facilmente esquecida.

Festa (fragmento)

Graciliano Ramos

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tanta casa e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinhá Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encandeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.(...)

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e nas contas. O patrão realizava com a pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinhá Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu beata o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisso.

– Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. Mordeu os beiços. Não poderia dizer semelhante coisa. Por falta menor agüentara facão e dormira na cadeia. Ora, o soldado amarelo... Sacudiu a cabeça, livrou-se da recordação desagradável e procurou uma cara amiga na multidão. Se encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir bater palmas. Depois falaria sobre gado. Estremeceu, tentou ver o cocó de sinhá Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. Aproximou-se deles, alcançou-os no momento em que a igreja começava a esvaziar-se.(...)

Sinhá Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. Podia esconder-se no fundo do quadro, por detrás das barracas, para lá dos tamboretas das doceiras. Ergueu-se meio decidida, tornou a acocorar-se. Abandonar os meninos, o marido naquele estado? [Fabiano havia bebido e dormia no chão ao lado da mulher] Apertou-se e observou os quatro cantos com desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente, chegou à esquina da loja, onde havia um magote de mulheres agachadas. E, olhando as frontarias das casas e as lanternas de papel, molhou o chão e os pés das outras matutas. Arrastou-se para junto da família, tirou do bolso o cachimbo de barro, atochou-o, acendeu-o, largou algumas baforadas longas de satisfação. Livre da necessidade, viu com interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. Realmente a vida não era má. Pensou com um arrepio na seca, na viagem medonha que fizera em caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, tentou naquele belezas. O burburinho da multidão era doce, o realejo fanhoso dos cavalinhos não descansava. Para a vida ser boa, só faltava à sinhá Vitória uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. Ficou ali de cócoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa.

Os meninos trocavam impressões cochichando, aflitos com o desaparecimento da cachorra. Puxaram a manga da mãe. Que fim teria levado Baleia? Sinhá Vitória levantou o braço num gesto mole e indicou vagamente dois pontos cardeais com o canudo do cachimbo. Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha? Indiferente à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jogo e aos foguetes, só se importavam com as pernas dos transeuntes. Coitadinha, andava por aí perdida agüentando pontapés.

De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos,

manifestando com a língua e com o rabo um vivo contentamento. O menino mais velho agarrou-a. Estava segura. Tentaram explicar-lhe que tinham tido susto enorme por causa dela, mas Baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odres desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos.

A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprando-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

Baleia cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertavam.

Sinhá Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomás da bolandeira, uma cama de verdade.

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes reiúnas e ameaçavam-no com facões terríveis.

A cidade de Paris vista de cima

Eça de Queirós

Sob o céu cinzento, na planície cinzenta, a cidade jazia, toda cinzenta, como uma vasta e grossa camada de calça e telha. E, na sua imobilidade e na sua mudez, algum rolo de fumo, mais tênue e ralo que fumar de um escombros mal apagado, era todo o vestígio visível da sua vida magnífica.

Então chasqueei risonhamente o meu príncipe. Aí estava pois a cidade, augusta criação da humanidade! Ei-la aí, belo Jacinto! Sobre a crosta cinzenta da Terra – uma camada de calça, apenas mais cinzenta! No entanto ainda momentos antes a deixáramos prodigiosamente viva, cheia de um povo forte, com todos os seus poderosos órgãos funcionando, abarrotada de riqueza, resplandecente de sapiência, na triunfal plenitude do seu orgulho, como Rainha do Mundo coroada de graça. E agora eu e o belo Jacinto trepávamos a uma colina, espreitávamos, escutávamos – e de toda a estridente e radiante civilização da cidade, não percebíamos nem um rumor nem um lampejo! E o 202, o soberbo 202, com os seus arames, os seus aparelhos, a pompa de sua mecânica, os seus trinta mil livros? Sumido, esvaído na confusão de telha e cinza! Para este esvaecimento pois da obra humana, mal ela se contempla de cem metros de altura, arqueja o obreiro humano em tão angustioso esforço? Hem, Jacinto?... Onde estão os teus armazéns servidos de três mil caixeiros? E os bancos em que retine o ouro universal? E as bibliotecas atulhadas com o saber dos séculos? Tudo se fundiu numa nódoa parda que suja a Terra. Aos olhos piscos de um Zé Fernandes, logo que ele suba, fumando seu cigarro, a uma arredada colina – a sublime edificação dos tempos não é mais que um silencioso monturo da espessura e da cor do pó final. O que será então aos olhos de Deus!

E ante estes clamores, lançados com afável malícia para espicaçar o meu príncipe, ele murmurou, pensativo:

– Sim, é talvez tudo uma ilusão... E a cidade a maior ilusão!

– Tão facilmente vitorioso redobrei a facúndia. Certamente, meu príncipe, uma ilusão! E a mais amarga, porque o homem pensa ter na cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria. Vê, Jacinto! Na cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trêmulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem febra, sem viço, torto, corcunda – esse ser em que Deus, espantado, mal pode reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! Na cidade findou a sua liberdade moral: cada manhã ela se impõe uma necessidade, e cada necessidade o arremessa para uma dependência: pobre e subalterno, a sua vida é um constante solicitar, adular, vergar, rastejar, aturar; rico e superior como um Jacinto a cidadê logo o enreda em tradições, preceitos, etiquetas, cerimônias, praxes, ritos, serviços mais disciplinares que os de um cárcere ou de um quartel... A sua tranqüilidade (bem tão alto que Deus com ela recompensa os santos) onde está, meu Jacinto? Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugidia rodela de ouro! Alegria como a haverá na cidade para esses milhões de seres que tumultuam na arquejante ocupação de *desejar* – e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desilusão, desesperança ou derrota? Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na cidade se desumanizam! Vê, meu Jacinto! São como luzes que o áspero vento do viver social não deixa arder com serenidade e limpidez; e aqui abala e faz tremer; e além brutalmente se apaga; e adiante obriga a flamejar com desnaturada violência. As amizades nunca passam de alianças que o interesse, na hora inquieta ou na hora sôfrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. E o amor, na cidade, meu gentil Jacinto? Considera esses vastos armazéns com espelhos, onde a nobre carne de Eva se vende, tarifada ao arratel, como a de vaca! Contempla esse velho deus do himeneu, que circula trazendo em vez do ondeante facho da paixão a apertada carteira do dote! Espreita essa turba que foge dos largos caminhos assoalhados em que os faunos amam as ninfas na boa lei natural, e busca tristemente os recantos lóbregos de Sodoma ou de Lesbos!... Mas o que a cidade mais deteriora no homem é a inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância. Nesta

densa e pairante camada de idéias e fórmulas que constitui a atmosfera mental das cidades, o homem que a respira, nela envolto, só pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas – ou então, para se destacar na pardacenta e chata rotina e trepar ao frágil andaime da gloriola, inventa num gemente esforço, inchando o crânio, uma novidade disforme que se expande e que desdenha a multidão como um monstrengo numa feira. Todos, intelectualmente, são carneiros, trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pedindo para a poeira onde pisam, em fila, as pegadas pisadas; - e alguns são macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares e cabriolas. Assim, meu Jacinto, na cidade nesta criação tão antinatural onde o solo é de pau e feltro e alcatrão, e o carvão tapa o céu, e a gente vive acamada nos prédios como o paninho nas lojas, e a claridade vem pelos canos, e as mentiras se murmuram através de arames – o homem aparece como uma criatura anti-humana, sem beleza, sem força, sem liberdade, sem riso, sem sentimento, e trazendo em si um espírito que é passivo como um escravo ou impudente como um histrião... E aqui o belo Jacinto o que é a bela cidade.

- Zé Fernandes é o narrador da história que tem como personagem principal Jacinto, herdeiro de grande fortuna e amigo de Zé Fernandes.
- O 202 é o luxuoso apartamento em que mora Jacinto.

Cidades negreiras

Carlos Heitor Cony

Não pude ler o caderno que a *Folha* publicou ontem, sobre as megametrópoles do próximo século. Cisquei aqui e ali para chegar ao que por antecipação já temia.

Com a globalização, que é a subordinação das economias nacionais à economia internacional, as cidades dos países desenvolvidos chegarão ao estado ideal em termos de serviços. Falo em "serviços" e não em qualidade de vida. Há sempre rapazes dispostos a comemorar o aniversário de Hitler.

Para obter serviços a preços bons, ou mesmo de graça, a globalização está criando gigantescos viveiros de mão-de-obra barata. Onde obter bons faxineiros? Bons lixeiros, lavadores de prato, taxistas, operários, ferradores de cavalo, sujeitos que levam os tacos de golfe (têm um nome, mas esqueci)?

São máquinas humanas que podem ter vida útil de 60 anos – bem maior do que qualquer engenhoca produzida pela indústria.

No passado, a África produziu esse tipo de mão de obra. Navios negreiros levavam para as metrópoles braços e pernas negras – e, de lambujem, ventres capazes de produzir sem nenhum custo novos braços e pernas escravas.

Estados Unidos, Brasil, Cuba – para citar exemplos mais próximos – cevaram-se do tráfico negreiro. A economia era centrada na agricultura e não se exigia muito do escravo. No limiar do novo século, a indústria requer alguma especialização, sobretudo a especialidade de sobrevivência em condições adversas.

Nada mais salutar que sejam criados e mantidos enormes mercados urbanos onde os prestadores de serviços poderão aprender e treinar para chegar às metrópoles sem necessidade de estágios e reciclagens.

O tráfico de escravos era artesanal. Caçavam o negro na selva, traziam-no amarrado nos porões dos navios negreiros, os que não morriam durante a viagem, eram soltos nos campos, e havia açúcar, café, algodão e minério para o mundo que valia a pena.

As supermegametrópoles serão imensos navios negreiros.

As cidades como suportes de memórias

Laura Antunes Maciel

"Quando eu era pequena Castanhal não tinha essas ruas assim não. A gente andava por essas ruas, era um caminho, só caminhos. Depois foi melhorando, foram fazendo casas e depois ficou como tá hoje. Que hoje eu não conheço. Conhecia mais antigamente. O Castanhal que a gente andava só pelos caminhos e muito pouco movimento." (Depoimento da Sr^a Leonor, 75 anos, dona de casa, moradora da cidade de Castanhal (PA), reproduzido da dissertação de mestrado de Franciane Gama Lacerda).

"A gente lembra do passado, né, a gente entristece... Quando a gente vê essas fotografias, a gente lembra do passado.... Vêm até lágrimas nos olhos.... Porque São Paulo mudou da noite para o dia... Foi uma mudança, pra pior, pode-se dizer... (...) Hoje é uma balbúrdia enorme, uma Praça da Sé que não se entende mais, muito... Ela é muito confusa, muito barulhenta... Comparando com antigamente...é...nem há palavras pra poder dizer." (Depoimento do Sr. Orfeu, 74 anos, bancário aposentado, morador de São Paulo – SP, reproduzido do livro *Paulicéias Perdidas*).

"Na Curitiba da década de 30, a maioria das casas era de madeira, principalmente de pinho do Paraná (...) Material, então, abundante e barato. (...) A gradativa escassez da madeira fez com que a alvenaria se tornasse mais barata. O concreto substituiu as vigas de peroba, de canela, de araribá, e as construções perderam o encanto dos lambrequins, dos assoalhos de tábuas largas, das varandas de grade de madeira torneada..." (Depoimento do Sr. João Derlus Freitas Netto reproduzido de *Memória da Curitiba Urbana*).

"Aqui [na Praça da Sé] teve um acontecimento em 1918, teve a greve dos sapateiros, a cavalaria entrou em ação. Era uma greve de salário. Porque operário naquele tempo ganhava vinte, vinte e dois mil réis por mês. Então nós fizemos uma greve pra ver se nós alcançaríamos trinta mil réis por mês. Aí o governo mandou a cavalaria pisar por cima do pessoal". (Depoimento do Sr. Antonio, 84 anos, tipógrafo aposentado em São Paulo – SP, reproduzido do livro *Paulicéias Perdidas*).

"Quem já não escutou estórias de suas avós ou tias mais velhas, relembrando o doce passado de Porto Alegre antigo, mas não tão antigo assim (...). Mas que fim levaram todos esses espaços?" (*Jornal Zero Hora*, de 29 de março de 1987).

"Outro dia, caminhando para o Viaduto do Chá, observava como tudo havia mudado em volta, ou quase tudo. O Teatro Municipal repintado de cores vivas, ostentava sua qualidade de vestígio destacado do conjunto urbano. Nesse momento descobri, sob meus pés, as pedras do calçamento, as mesmas que pisei na infância. Senti um grande conforto. (...) As lembranças se apoiam nas pedras da cidade, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva". (Lembranças de Ecléa Bosi reproduzida do livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*).

Antigamente, as pessoas viviam e morriam em cidades que mudavam muito pouco. Cercadas pelo apoio da família e dos amigos, confiavam que as pessoas de sua convivência não seriam obrigadas a se afastar. Construía-se valores ligados à prática coletiva, como a vizinhança, as relações familiares, o apego a coisas e objetos que duravam a vida toda. Essa longa convivência com as ruas, os bairros e a cidade permitia criar vínculos afetivos e trazia um sentimento de conforto, equilíbrio e estabilidade. Esses eram os arrimos em que a memória dos grupos se apoiava.

Como diz a psicóloga Ecléa Bosi, nossas lembranças se apoiam nas pedras da cidade; a memória encontra seu ponto de apoio nas ruas, calçadas, casas, praças e outros espaços conhecidos com os quais convivemos um longo tempo, ao ponto deles se tornarem familiares "como a palma de nossa mão". É por isso que, mesmo passados muitos anos, podemos nos lembrar com detalhes da casa onde crescemos e dos lugares onde passamos a infância; temos a sensação de que, ainda hoje, poderíamos refazer, de olhos fechados, o caminho inúmeras vezes percorrido entre a casa e a escola, ou até a padaria da esquina e mesmo para o trabalho.

Esforçando um pouco mais, talvez fosse possível voltar a sentir os cheiros e ouvir os barulhos que acompanham as lembranças dos acontecimentos que vivemos nesses lugares. Poderíamos recordar as mudanças que acompanhamos no bairro: a chegada dos postes e da luz elétrica, as novas casas construídas (e os vizinhos que chegaram com elas), o calçamento da rua, os muros, os terrenos baldios que foram sumindo um a um, a primeira venda (ou supermercado), os orelhões, etc. Esse sentimento de familiaridade, de coisa conhecida, próxima, que a memória proporciona nos traz um sentido de pertencimento, de fazer parte de alguma coisa, de ter uma identidade compartilhada com outras pessoas. Além disso, talvez seja possível lembrar dos acontecimentos que vivemos nesses lugares, dos momentos importantes e das pessoas com as quais vivemos essas histórias.

Mas o que acontece com a nossa memória quando a cidade em que vivemos cresce com muita rapidez ou quando somos forçados a mudar com frequência? As reformas e demolições constantes nas cidades maiores destroem também as lembranças dos acontecimentos que vivemos nesses lugares. Talvez isso explique o sentimento de perda e desorientação do Sr. Orfeu, para quem São Paulo "mudou da noite para o dia" ao ponto dele não conhecer mais a cidade onde nasceu. Essa também é a sensação de Dona Leonor ao dizer que hoje conhece menos a cidade de Castanhal, onde sempre viveu. Se, para alguns, as mudanças são um sinal do progresso, para muitos significam uma perda, medo e insegurança quanto ao futuro. Talvez as pessoas mais jovens não percebam a violência e a rapidez da destruição de nossas cidades. Mas os velhos sabem que junto com os pedaços destruídos das cidades é um pouco de suas vidas que também se perde.

Voltando a Ecléa Bosi, ela nos alerta para outros aspectos do que chamou de "desenraizamento": "Entre as pessoas mais pobres, a mobilidade extrema impede a sedimentação do passado; perde-se a crônica da família e do indivíduo em seu percurso errante. Eis um dos mais cruéis exercícios da opressão econômica sobre o sujeito: a espoliação das lembranças". Perder o contato com a família ou com os companheiros de trabalho com os quais vivemos várias experiências, enfraquece, e até mata, as raízes que nos ligam ao nosso passado individual, familiar e coletivo. A mudança freqüente de rua, de bairro ou de cidade embaralha e confunde as nossas lembranças e podem provocar o esquecimento. Nas famílias obrigadas a migrar por necessidade, é comum extraviarem-se fotografias, Cartas e objetos de valor afetivo e que serviam de ligação com os lugares e as pessoas que deixamos para trás.

Mas, diz Ecléa, “a tristeza do indivíduo não muda o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada. Só a inteligência e o trabalho de um grupo [uma sociedade de amigos de bairro, por exemplo] podem reconquistar as coisas preciosas que se perderam, enquanto elas são reconquistáveis. Quando não há essa resistência coletiva, os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas”. Por isso, ela reafirma “a importância da coletividade no suporte da memória”. É no grupo que compartilhamos acontecimentos, é através das lembranças de amigos e familiares que conferimos os nossos pontos de vista, avaliamos os fatos recentes que vivemos, comparamos versões, acrescentamos detalhes, corrigimos e passamos a limpo nossas lembranças.

O grupo ajuda a transmitir, a manter e a reforçar as lembranças; quando nos identificamos com um grupo (e mantemos uma convivência duradoura), há uma tendência a criar formas semelhantes de interpretação e memorização dos fatos vividos juntos; o passado do grupo é o nosso passado. Sem essas lembranças grupais é como se estivéssemos sonhando ou imaginando; já não temos certeza, hesitamos, até nos confundimos quando falamos de algo que só nós vivemos. É que nos falta o testemunho, os detalhes, o reforço de outras lembranças. Assim também acontece com as cidades quando constroem-se grandes avenidas onde antes existiam vilas e praças, quando belos casarões são uns encobertos com propagandas e painéis e outros derrubados para servir como estacionamentos. Em nome de uma lógica que prioriza a utilidade e o lucro (para alguns), pedaços da cidade e as histórias de seus habitantes são apagados.

Mas as cidades podem contar histórias como os livros ou os documentos históricos. Desde que estejamos dispostos a olhar e sentir o que elas têm a nos dizer; desde que busquemos os lugares de onde retiramos a seiva. Portanto, é no esforço para lembrar, na rebeldia em não esquecer e na resistência que se encontram as chaves para a ação coletiva transformadora.

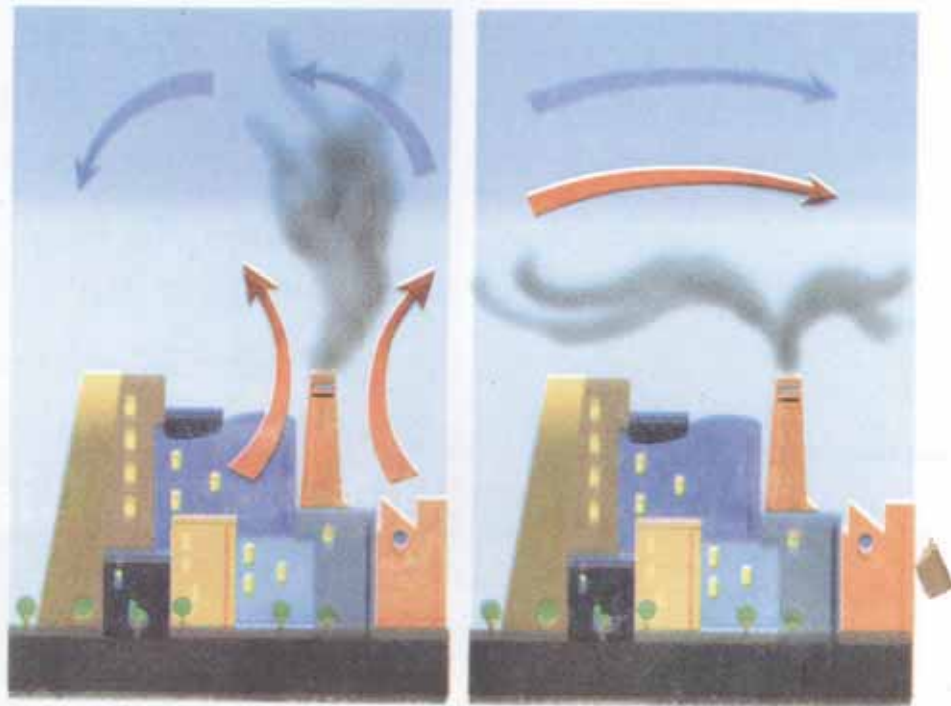
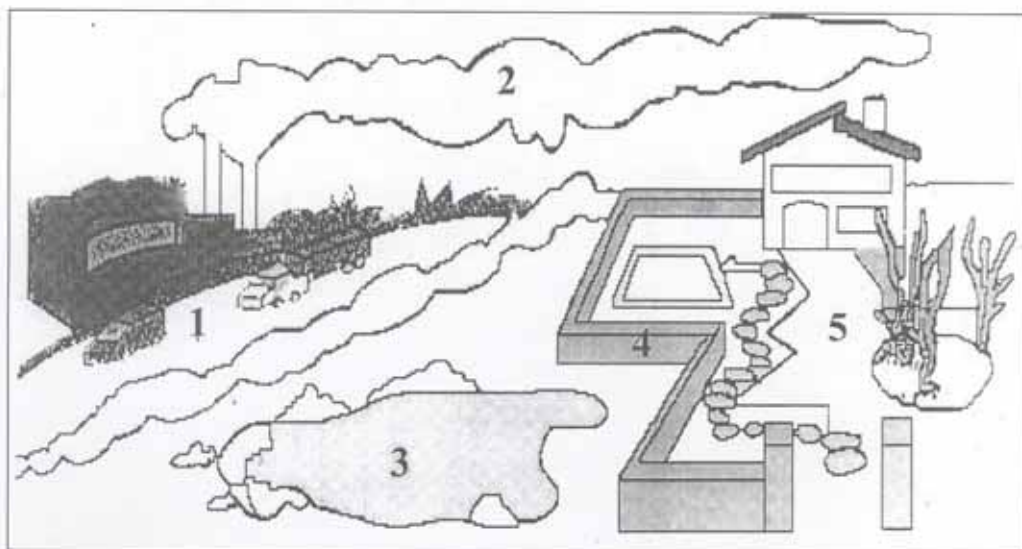
Isso não significa que seja possível ou desejável manter a cidade sem mudanças, como se ela estivesse congelada, paralisada. Significa que as mudanças deveriam expressar a vontade do conjunto dos seus moradores; que as transformações respeitassem as histórias de milhares de vidas que se misturam às ruas, aos bairros, e garantissem o direito ao passado dos diferentes grupos que compõem a sociedade e a cidade. As questões em torno da memória não podem ser tratadas apenas como saudosismo, nostalgia, apego ao passado, mas como o reconhecimento de que todos (ricos e po-

bres) têm direito ao passado e que este direito não é diferente de outros direitos básicos dos cidadãos como a qualidade de vida, a moradia, o trabalho, a educação, etc.

Estes também estão assegurados em leis desde a elaboração da Constituição Federal de 1988. A partir dela, os municípios tiveram que adequar ou criar instrumentos para garantir a participação popular (como os conselhos de representantes e a realização de plebiscitos) na definição dos destinos da cidade. Em particular, quando for proposta a construção de obras (por exemplo, *shopping centers*, conjuntos habitacionais, hipermercados, viadutos, pontes, etc.) com grande impacto ambiental e social, as Leis Orgânicas dos municípios garantiram, quase sempre, o direito à informação a qualquer cidadão, a ampla discussão através de audiências públicas, e sua aprovação ou não pela população.

Além disso, existe a obrigatoriedade dos municípios criarem Planos Diretores que estabeleçam as prioridades no desenvolvimento das cidades, ouvindo as entidades e associações de moradores. Portanto, cabe aos moradores pressionarem para transformar essas "leis de papel" em leis de fato que garantam um papel ativo na construção da cidade que queremos.

Meio Ambiente

**Inversão Térmica****Chuva ácida**

Conseqüências da chuva ácida:

1. O dióxido de enxofre resultante da queima de carvão nas usinas termoelétricas e os óxidos de nitrogênio provenientes dos motores de carros, caminhões e ônibus entram na atmosfera.
2. São transportados pelo ar, onde passam por mudanças químicas. Eles voltam à superfície sob a forma de microscópicas partículas de poeira ácida ou misturados à umidade das nuvens, como chuva ácida.
3. O material ácido concentrado na água mata os organismos vivos ou inibe sua capacidade de reprodução, alterando os ecossistemas.
4. Os ácidos corroem encanamentos velhos e poluem reservatórios de água potável.
5. A chuva ácida é a responsável pela corrosão em edifícios e monumentos.



Os automóveis são um dos grandes responsáveis pela poluição do ar, que é um dos mais sérios problemas das grandes cidades



JUCA MARTINS/PULSAR

Vila Parisi, em Cubatão, no litoral do Estado de São Paulo. Os gases tóxicos expelidos pela chaminés das indústrias entram nas casas e nos pulmões dos operários e de suas famílias. A mobilização dessas populações afetadas é fundamental para a despoluição das empresas.

Poluição da água



FERNANDO RABELO/AB

Palafita, na Baixada Fluminense. Milhares de famílias afluem às regiões periféricas da metrópole carioca, onde moram em condições precárias, ficam sujeitas a enchentes e à leptospirose e jogam seus dejetos nos rios Pavuna, Meriti e Sarapuí, que os levam à Baía de Guanabara.



JUICA MARTINS/PULSAR

Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro. É a maior poluidora do Rio Paraíba do Sul, de onde vem 80% da água que se bebe no estado. Os órgãos ambientalistas são impotentes para forçar a empresa a tratar seus despejos.



CARLOS ALBERTO JOSÉ DE CARVALHO

Águas do Rio Tietê na região da cidade de Salto cobertas por espumas, resultado da descarga de detergentes e outros poluentes no rio.

Poluição do solo – lixo urbano

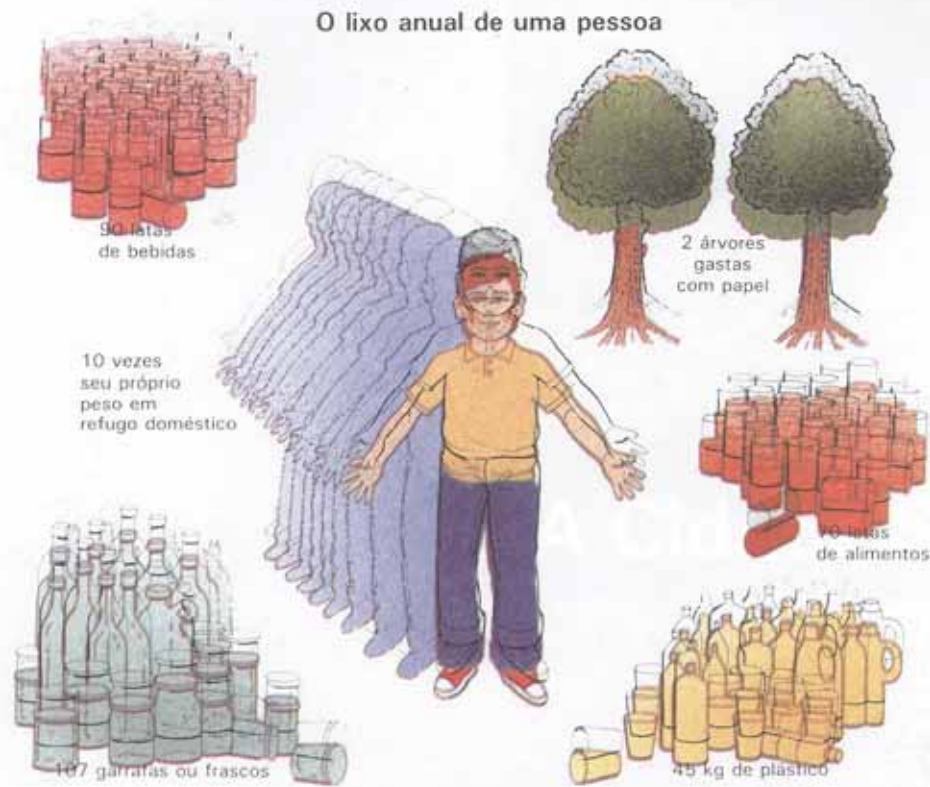


DELFIM MARTINS/PULSAR

A fumigação de agrotóxicos afeta trabalhadores, solo, mananciais e alimentos. No Brasil, ainda se utilizam substâncias cancerígenas, persistentes nas cadeias alimentares, que já intoxicaram 380 mil trabalhadores rurais entre 1990 e 1997.



A coleta de lixo é vital à saúde da comunidade. Os coletores, no destaque, recolhem-no e jogam-no num caminhão como esse



O diagrama acima ilustra a quantidade média de lixo produzida por uma pessoa em um ano



Lixão na cidade de São Vicente, no litoral do Estado de São Paulo. Em todo o país, os lixões são um retrato cruel da fusão do drama ambiental e do drama social; crianças descalças disputam o lixo com urubus e porcos, entre seringas, borra ácida e restos de comida deteriorados.

A Cidade Saudável

A saúde no espaço urbano

Muito mais do que um espaço urbano fechado, recortado por ruas e avenidas, construído com blocos de concreto e de lajes de aço destinados a dominar todas as paisagens, a cidade é, na verdade, uma linguagem. Materializa um território de relações no qual cada cidadão/cidadã busca satisfazer suas necessidades e realizar seus quereres. Para o bem ou para o mal, a cidade nos convida a refazê-la a todo momento, a consolidá-la numa forma em que possamos viver nela. A arquitetura da cidade situa-se entre o elemento natural e o elemento artificial — ela é plástica por natureza. A sua maquete não é — como muitos pensam e querem — uma criação solitária, obra fria e tecnicada de planejadores, urbanistas e arquitetos que desenham planos urbanos de larga escala, que se utilizam de tecnologias racionais e eficientes para sustentar uma arquitetura austera, despojada e impessoal. A cidade é a nossa própria identidade. É o lugar onde nascemos e crescemos: é o nosso ponto de referência na geografia-mundo. Ela realiza o mito da origem, do eterno retorno ao lugar onde somos reconhecidos e depositários de uma singularidade.



Paisagens Urbanas: o olhar a partir da periferia (Donizete Marcolino da Silva)

A cidade é uma realidade viva, pulsante. Ela é composta e compõe uma rede de fluxos de pessoas, mercadorias, construções, matérias e energias em constante movimento. É um lugar de encontros e despedidas:

É gente que chega pra ficar.

É gente que vai pra nunca mais.

É gente que veio só olhar.

É gente a sorrir e a chorar.

E assim, chegar é partir são só dois lados da mesma viagem.

O trem que chega é o mesmo trem da partida.

A hora do encontro é também despedida.

A plataforma desta estação é a vida deste meu lugar,

é a vida...

(Milton Nascimento: Encontros e Despedidas)

Essa rede de fluxos e movimentos, que a todo momento é tecida e desfiada pelas "mãos de seus artífices", para além dos desejos singulares de cada pessoa e das "tendências espontâneas do desenvolvimento urbano", concretiza e materializa processos mais gerais ligados às maneiras desiguais com que as classes sociais se apropriam dos seus espaços. Nesse sentido, cada cidade ocupa um papel específico na produção/reprodução das relações capitalistas — marcadas pela lógica da acumulação e valorização do capital. Cabe ressaltar, entretanto, que afora essa função de reproduzir as condições econômicas, políticas e ideológicas das sociedades de classes, a cidade cir-

cunscreeve um território tensionado no qual os múltiplos interesses antagônicos (especuladores imobiliários, donos de terras, empresários do comércio, da indústria e prestadores de serviços, empreiteiros de obras, concessionários de serviços urbanos, movimentos populares, trabalhadores, entre outros) buscam maleá-la em função das suas necessidades e projetos. Assim sendo, o espaço urbano deve ser apreendido enquanto uma estrutura provisória que, a todo momento, é modificada e transformada pela ação concreta do vários sujeitos-protagonistas que buscam tomar posse de seus domínios.

Entre o centro e a periferia, os condomínios fechados e as favelas às margens dos rios bosteiros, entre os bairros operários e as vilas de pescadores, o ar condicionado do shopping e o cheiro cru dos mercados populares, entre as lojas do comércio central e as barracas dos ambulantes, os supermercados e as feiras livres, entre os distritos industriais e os canteiros de obras com seus serventes empreitados, entre os clubes fechados e as praças públicas, entre os "meninos de família" e os pivetes de rua, entre as "finas meninas" e as meretrizes, enfim, entre tanto contrastes e contradições, toda cidade esconde as tramas e os dramas de sua gente. Gente do lugar, gente que chegou de fora. Negros, brancos, mulatos, amarelos, turcos, galegos, gringos, italianos, ciganos, latinos, brasileiros... Homens, mulheres, trans-homo-hetero-multissexuais, crianças, jovens e velhos, índios e padres, pastores e ateus ecumênicos, operários, patrões, andarilhos, alguns, miscigenando cores, culturas e quimeras. Gente com sonhos e desesperança. Deserdados, desterrados, desalojados de si-mesmos, todos, a procura de um lugar...



Paisagens Urbanas: cenas de um casamento (Donizete Marcolino da Silva)

Uns vão
Uns tão
Uns são
Uns dão
Uns não
Uns pés
Uns mãos
Uns cabeças
Uns só coração
Uns amam
Uns andam
Uns avançam
Uns também
Uns cem
Uns sem
Uns vêm
Uns têm
Uns nada têm
Uns mal, uns bem

Uns nada além
Nunca estão todos
Uns bichos
Uns deuses
Uns azuis
Uns quase iguais
Uns menos
Uns mais
Uns por demais
Uns masculinos
Uns femininos
Uns assim
Uns meus
Uns teus
Uns ateus
Uns filhos de Deus
Uns dizem fim
Uns dizem sim
E não há outros
(Caetano Veloso: Uns)

Uma intervenção no âmago da cidade exige um esforço para compreender sua estrutura e seu movimento. A cidade configura um espaço material e simbólico. Tudo está expresso neste ambiente artificial como se estivesse, justamente, a espera de ser captado e interpretado. As ruas e avenidas, as ladeiras, as luzes, os letreiros, os grafites nos muros, a composição dos lixos, os resíduos, a "feia fumaça que sobe apagando as estrelas", os guetos, os mocós, as fachadas das casas, as flores nos alpendres, os canteiros, a lama negra fedorenta escorrendo pelos rios, enfim, todos esses objetos (e muitos outros) sinalizam as marcas da ação humana sobre a cidade. São recortes da anatomia urbana que deixam à mostra "projetos de civilização". Sob o domínio das aparências efêmeras e dos "cartões postais", pensar o "desenho do urbano" é captá-lo nas diversas manifestações em que, ao transformar as várias matérias que o compõe, a cidade vai aos poucos adquirindo consistência e concretude, ao mesmo tempo que penetra até os miolos das almas das pessoas. Cada um capta esta arquitetura numa atitude que intercala fascínio, medo e resignação.

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruzo a Ipiranga e a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de suas esquinas
Da deselegância discreta de suas meninas...
(Sampa, Caetano Veloso)

Para além de qualquer escala urbano-arquitetônica, a cidade constitui esferas de relações. É uma construção fugaz e transitória que articula uma pluralidade de expectativas. Dentro desse enfoque, cada lugarejo, corrutela, vila, cidade litorânea, do interior, cidade pequena, média ou metrópole, é o resultado da tensão permanente entre os seus elementos constituintes (localização, geografia, etc.) com o movimento mais geral de expansão do capital (zonas de extensão agrícola, mineração, novas regiões de industrialização e de comércio, etc.). Como consequência desses fatores indutores e/ou restritivos, cidades são construídas, enquanto outras se transformam em "fantasmas". Algumas atraem pessoas em trânsito, buscando "oportunidades", emprego, saúde, escola... Muitas ficam paradas no tempo, andam para trás, expulsam seus habitantes.

O jeito como ocorre a ocupação, apropriação e a alteração do meio natural em meio ambiente urbano construído, se dá a partir de condições nas quais tanto concorrem as características geográficas de cada lugar, e que dão suporte físico para as mais diversas atividades humanas, quanto os processos mais gerais que regem historicamente a posse de um espaço e sua posterior transformação num território de produção econômica e de relações sociais. São essas condições históricas que, de um certo modo, determinam a salubridade ou insalubridade de cada lugar, bem como, as formas desiguais com que cada indivíduo e coletividades inteiras se deparam diante da vida e da morte.



Paisagens Urbana: o fascínio de luzes e cores (Donizete Marcolino da Silva)

1. A Lógica da desordem: a valorização do espaço

No início do século XX, conforme descreve Álvaro de VITA (1989: 236 - 238):

"era comum se atestar a 'vocação agrícola' e as 'raízes agrárias' do Brasil". Após décadas de expansão capitalista, é possível afirmar que o Brasil torna-se cada vez mais urbano e industrializado. "Em 1950, perto de 4/5 da população brasileira ainda viviam em áreas rurais ou em vilarejos com menos de 20.000 habitantes. Em 1980, 67,7% da população já moravam em áreas consideradas urbanas e 45,7% residiam em cidades de mais de 20.000 pessoas. A estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é que a população urbana se aproxime de 90% da população do país nas primeiras décadas do século XXI. Até a década de 1920 havia apenas uma cidade grande no Brasil: o Rio de Janeiro. Em 1980 já havia 14 aglomerações urbanas no país com mais de 500.000 habitantes, com uma delas — a Grande São Paulo — comportando uma população superior a 20 milhões de pessoas. Ainda que a urbanização na década de 70 tenha se difundido por todas as regiões, a região sudeste — onde se localiza o grosso da população brasileira — concentrou a partir desse período 60% da população urbana e 56% das cidades entre 100.000 e 500.000 habitantes. É notória, portanto, a relação entre a expansão industrial pós-30 e a urbanização acelerada do país. A formação das metrópoles brasileiras acompanhou o crescimento industrial pós anos 30 (e mais ainda pós anos 50). Entretanto, a rápida urbanização não foi seguida de uma correspondente expansão dos serviços urbanos necessários à sobrevivência das classes trabalhadoras nos grandes centros industriais. A intervenção do Estado, longe de garantir a infra-estrutura urbana fundamental para a sobrevivência das classes trabalhadoras, contribui (e vem contribuindo cada vez mais) para tornar a cidade

unicamente um espaço para acumulação do capital" (vide, mais recentemente, o processo de transferência da fábrica da Ford para Bahia subsidiado com recursos do governo federal e estadual).

Os serviços de coletivo essenciais à reprodução da força de trabalho na cidade são:

- Transporte
- Saneamento
- Rede de água e de esgoto
- Eletrificação
- Saúde
- Educação
- Habitação



Paisagens Urbanas: empurrados para beira do corgo (Donizete Marcolino da Silva)

A aparência desordenada do crescimento urbano pode ser vista no mapa das cidades grandes: seu traçado irregular e os espaços vazios intercalados com terrenos ocupados já sugerem momentos distintos e formas disparatadas de ocupação do solo. Essa impressão de desordem ainda se agrava, quando conhecida a realidade dos loteamentos clandestinos que não constam dos mapas. O aparente caos das metrópoles encobre, no entanto, a organização classista da sociedade capitalista. Por trás dos "problemas urbanos" está a vida dos habitantes da cidade, que se organizam na repartição dos benefícios do desenvolvimento e na distribuição do preço a pagar.

Trechos do livro *São Paulo: crescimento e pobreza* (transcritos a seguir), organizado pela Arquidiocese de São Paulo (D. Paulo Evaristo Arns), dão conta desses processos:

“As condições de vida de uma população dependem de uma série de fatores, ligados direta ou indiretamente às formas de produção e distribuição da riqueza. Para a maioria da população, constituída de trabalhadores e trabalhadoras, as relações de emprego são decisivas. Tanto pelas condições em que se exerce o trabalho, como pela remuneração que determina seu acesso aos bens de serviços à disposição dos habitantes da cidade. Mas ao lado da organização produtiva, a própria configuração do espaço urbano, da infra-estrutura e dos serviços da cidade determinam a “qualidade de vida” de seus habitantes.

Entre os objetos necessários à vida na cidade, muitos podem ser comprados individualmente, como os alimentos, as roupas, os móveis e utensílios domésticos, os livros, os automóveis, as casas etc. O mesmo ocorre com certos serviços, do atendimento médico individual ao uso dos táxis, do corte de cabelo à limpeza de roupas, e muitos outros. A distribuição do acesso a esses bens e serviços depende diretamente da quantidade de dinheiro à disposição do eventual comprador, isto é, da distribuição de renda”.

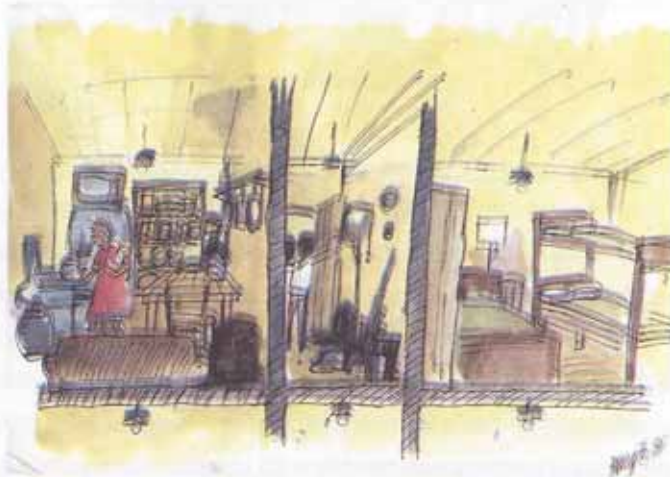


Paisagens Urbanas: trabalhando na casa dos outros (Donizete Marcolino da Silva)

“Há serviços cujo uso é coletivo, embora o acesso a eles exija também pagamento individual: as redes de água e esgotos, eletricidade, telefones, os transportes coletivos, certos divertimentos públicos e atividades culturais, entre outros, teoricamente estão à disposição de todos que possam pagar por eles. Mas seu acesso pode ser mais fácil ou mais difícil, não somente em função dos preços ou tarifas, mas também do investimento público ou privado necessário para sua instalação e funcionamento. Esse investimento, na

maior parte das vezes, é decidido em função de sua rentabilidade possível, ou de sua "viabilidade". Isso significa que esses serviços são organizados de preferência para os consumidores que seguramente podem pagar por eles. Por outro lado, há uma série de bens e serviços cujo custo recai, não sobre o consumidor individual, mas sobre a coletividade, através dos impostos: abertura e calçamento de ruas, parques e praças, a organização do trânsito, o recolhimento de lixo, a iluminação pública etc. Esses bens e serviços também se repartem desigualmente, segundo a distribuição de renda, através de um mecanismo indireto que é a valorização imobiliária. Os terrenos e moradias são mais caros nas áreas melhor servidas e os preços dos imóveis funciona como um mecanismo de reserva das instalações e dos serviços municipais, em benefício dos que podem pagar mais.

A distribuição especial da população na cidade acompanha assim a condição social dos habitantes, reforçando as desigualdades existentes. Com a intensificação do crescimento industrial, levas de trabalhadores se deslocam a caminho da cidade. Do ponto de vista das empresas, o importante era contar com uma força de trabalho abundante e barata, que permitisse produção de um lucro elevado. A aceleração do fluxo migratório permitiu a formação de um excedente de força de trabalho na cidade, tornando desnecessária a fixação do trabalhador na empresa. Com isso, aumentou a rotatividade e a mobilidade da força de trabalho, que é empregada ou não, conforme períodos de aquecimento ou de retração da demanda. Por outro lado, o crescimento da população trabalhadora intensificou a pressão sobre a oferta de habitação populares. Ao mesmo tempo, valorizaram-se os terrenos, tanto fabris como residenciais, tornando-se inconveniente para as empresas a construção de vilas operárias".



Paisagens Urbanas: moradias populares (Donizete Marcolino da Silva)

"Como acumulação e especulação andam juntas, a localização da classe trabalhadora seguia o fluxos dos interesses imobiliários. No contexto explosivo do crescimento metropolitano, a ação governamental restringiu-se quase sempre a seguir os núcleos de ocupação criados pelo setor privado e os investimentos públicos vieram colocar-se a serviço da dinâmica de valorização-especulação do sistema imobiliário-construtor.

Paralelamente a esses processos, é forjada uma nova configuração espacial, que visa ao mercado residencial ou de serviços de camadas mais abastadas, enquanto os grupos pobres tendem a ser expulsos para áreas mais distantes. As desapropriações e os planos de "reurbanização" determinados pelo Poder Público aceleram ainda mais essa expulsão.

Pelo lado do transporte coletivo, filas, superlotação, atrasos, perdas do dia de trabalho e, às vezes, a fúria das depredações não constituem simples "problemas do trânsito. As horas de espera e de percurso em detrimento do tempo de descanso, antes ou depois de uma jornada de trabalho longa e fisicamente esgotante, aumentam diariamente o desgaste daqueles que necessitam dos ônibus e trens para chegar a seus empregos".



Paisagens Urbanas: balançando no coletivo (Donizete Marcolino da Silva)

"Submetido a uma engrenagem econômica da qual não pode escapar, o trabalhador deve, para reproduzir sua condição de assalariado e de morador urbano, sujeitar-se a um tempo de fadiga que constitui um fator adicional no esgotamento daquilo que tem a oferecer: sua força de trabalho. Isso fica mais evidente nas camadas de trabalhadores menos qualificados, em que a oferta de mão-de-obra é abundante: seu desgaste não representa prejuízo para as empresas, uma vez que elas podem substituí-lo logo que decaí a sua produtividade.

O contraste entre a sofisticação do consumo de uma minoria e as condições precárias de vida da maioria tende a ampliar-se. O modelo de expansão industrial, nos últimos 15 anos, apoiou-se justamente na produção de artigos de consumo durável e de luxo, destinados aos estreitos círculos de renda média e alta. Os estratos inferiores, excluídos desse mercado de consumo, pagaram não obstante alto preço. A deterioração das condições de vida da maioria da população trabalhadora acentuou-se, enquanto a economia do país crescia a uma significativa taxa de 10% ao ano, dando origem ao que, por muitos, foi designado o "milagre brasileiro" no início dos anos 70".

A lógica da acumulação que preside ao desenvolvimento brasileiro recente apóia-se exatamente na dilapidação da força de trabalho e na depredação extensiva e intensiva dos recursos naturais. O desgaste de uma força de trabalho submetida às jornadas prolongadas e às espinhosas condições urbanas de existência, torna-se possível na medida em que a maior parte da mão-de-obra pode ser prontamente substituída.

O fim da estabilidade no emprego com a criação do FGTS (1966) ampliou a rotatividade da mão-de-obra e deteriorou ainda mais as condições de trabalho do operariado industrial. Paralelamente, estabeleceu-se uma política salarial baseada em cálculos e critérios oficiais que aumentou as disparidades ocupacionais e regionais das classes trabalhadoras. Emprego e salário tornaram, assim, "*variáveis flexíveis de ajuda às oscilações da economia e aos sucessivos planos de estabilização*" (MATTOSO, 1995: 129).

A capacidade de o governo militar gerenciar altas taxas de crescimento econômico com aumento paralelo da pobreza é o que caracteriza, precisamente, a dinâmica particular imprimida ao capitalismo brasileiro até 1974. A consolidação do processo de "modernização industrial" iniciado na década de trinta teve como base, por um lado, a expansão limitada do consumo — via concentração de renda — e, por outro, uma forma particular de gestão da força de trabalho marcada pela intensa rotatividade ocupacional, baixos salários e profundas desigualdades regionais.

O fim do milagre brasileiro (1973-1974), além de indicar o esgotamento de um certo padrão de desenvolvimento (excludente e concentrador de renda), escancarou o tamanho da nossa dívida externa e o imenso fosso social separando as elites da maioria excluída da partilha do "bolo delfiniano". Enquanto o governo militar tratava de divulgar indicadores econômicos (crescimento do PIB, renda *per capita*, etc.) que posicionavam o país no topo dos 10 mais do mundo capitalistas, permanecia "sob o tapete" — acobertada através de

uma rigorosa censura à imprensa — a realidade cruel dos indicadores sociais. O crescimento da mortalidade infantil, o recrudescimento de epidemias (como a da meningite), o aumento das mortes precoces por doenças crônico-degenerativas, as altas incidências dos acidentes de trabalho (ver tabela 1) e da violência urbana, apontavam para a dimensão e a complexidade da pobreza gerada no país durante os anos cinzentos.

Tabela 1: Acidentes de Trabalho Registrados (Brasil - 1971 a 1994)

Ano	Acidentes Típicos		Doenças Profissionais		Acidentes de Trajeto		Total
	nº	%	nº	%	nº	%	
1971	1.308.335	98,33	4.050	0,31	18.138	1,36	1.330.523
1972	1.479.318	98,31	2.389	0,16	23.016	1,53	1.504.723
1973	1.602.517	98,15	1.784	0,12	28.395	1,73	1.632.696
1974	1.756.649	97,77	1.839	0,10	38.273	2,13	1.796.761
1975	1.869.689	97,57	2.191	0,12	44.307	2,31	1.916.187
1976	1.692.833	97,07	2.598	0,15	48.394	2,78	1.743.825
1977	1.562.957	96,79	3.013	0,19	48.780	3,02	1.614.750
1978	1.497.934	96,55	5.016	0,32	48.551	3,13	1.551.501
1979	1.338.525	96,12	3.823	0,26	52.279	3,62	1.444.627
1980	1.404.531	95,92	3.713	0,25	55.967	3,82	1.464.211
1981	1.215.539	95,68	3.204	0,25	51.722	4,07	1.270.465
1982	1.117.832	94,85	2.766	0,23	57.874	4,91	1.178.472
1983	943.110	94,03	3.016	0,30	56.989	5,68	1.003.115
1984	901.238	93,73	3.283	0,34	57.054	5,93	961.575
1985	1.010.340	93,73	4.006	0,37	63.515	5,89	1.077.861
1986	1.129.152	93,46	6.014	0,52	72.693	6,29	1.207.859
1987	1.065.912	93,73	6.382	0,56	64.830	5,70	1.137.124
1988	927.424	92,42	5.029	0,51	60.284	6,07	992.737
1989	732.635	92,64	6.600	0,83	51.592	6,52	790.827
1990	632.012	91,12	5.217	0,75	56.343	8,12	693.572
1991	587.760	91,72	6.331	0,98	46.698	7,28	640.790
1992	449.754	92,20	7.718	1,59	30.312	6,21	487.784
1993	386.025	90,41	11.111	2,60	29.824	6,98	426.960
1994	350.210	90,19	15.270	3,93	22.824	5,88	388.304

Fonte: Boletim Estatístico de Acidentes de Trabalho - BEAT e DATAPREV. Os dados de 1992 e 1993 são parciais. Extraído e adaptado de Lacaz (1995).

O agravamento das condições de trabalho, dos níveis de reprodução das classes trabalhadoras e das diferenças regionais coincidiu com a fase mais intensa de urbanização caótica das grandes metrópoles. Cortiços, favelas, habitações subumanas... proliferaram no país feito mato e ocuparam o cenário (*"mangueira teu cenário é uma beleza..."*) das ruas dos centros das cidades, dos morros, das margens dos rios e corgos. Sobrepõe-se a este quadro,

o *"ocaso da Saúde Pública"* — conforme expressão de Gastão Wagner de Souza CAMPOS (1991: 37) — estampado no rosto de milhares de pessoas tratadas como indigentes nas filas e nas salas de espera dos prontos-socórrs próprios e conveniados. A história da Saúde Pública no Brasil — de acordo com as anotações de CAMPOS (1991: 37) — *"é aparentemente paradoxal. Contraditoriamente, sua importância decresce no período em que o país acelera seu ritmo de crescimento industrial"*. Tal fato, é capaz de demonstrar que a intervenção governamental, tanto na área da assistência médica individual quanto nas ações direcionadas ao enfrentamento dos determinantes coletivos do processo saúde/doença, sempre esteve subordinada *"à dinâmica da acumulação capitalista"*. No que diz respeito à saúde do trabalhador, raramente os aparelhos fiscalizadores do Estado conseguiram avançar para além dos portões das fábricas (territórios exclusivos de domínio do capital).

Se a mortalidade infantil, o padrão alimentar, a escolaridade, a habitação, a higiene, os transportes, o lazer distribuem-se desigualmente entre os habitantes da cidade é porque os recursos necessários ao atendimento das diversas necessidades humanas repartem-se desigualmente. Se, além disso, o crescimento da economia não vem significando uma melhoria das condições de vida para a maior parte da população é porque a própria forma de aumento da riqueza assim o determina.

Uma economia cresce na medida em que produz mais do que o necessário para repor o que foi gasto na própria produção, tanto em matérias-primas e equipamentos como em dispêndio físico dos trabalhadores. O excedente assim obtido, medido em alguma unidade de valor, pode ser utilizado para aumentar a produção com o emprego de mais máquinas, mais matérias-primas, mais trabalhadores etc.; pode ainda ser utilizado para melhorar o consumo dos trabalhadores, através do aumento de salário, ou da classe patronal, através de maior retirada de lucros. Assim o crescimento da economia pode teoricamente dar origem à maior distribuição ou maior concentração da renda, segundo o padrão de acumulação existente.

No caso brasileiro, a elevação gradativa da produção interna, longe de significar uma melhoria generalizada das condições de vida da população, implicou em grande parte no reforço da capacidade de acumulação das empresas. De fato, na medida em que a produção, por trabalhador (produtividade do trabalho) cresceu, a partir de 1968, a taxas superiores a 5% ao ano, enquanto o salário mínimo real evoluiu a taxas, via de regra, *negativas*, foi possível às empresas apropriarem-se da totalidade dos ganhos de produtividade obtidos, elevando dessa forma o nível do excedente gerado. Da parte das



paisagens urbana: locais de trabalho (Donizete Marcolino da Silva)

famílias operárias, o orçamento doméstico foi reequilibrado graças à venda da força de trabalho de um maior número de membros da família e ao prolongamento da jornada de trabalho. Ora, essa expansão do volume de trabalho social posto à disposição do capital amplia ainda mais a massa de lucro, ao mesmo tempo, que agrava as condições de "espoliação urbana" das camadas assalariadas.

2. A formação do operariado urbano: formas de subjetivação mediadas pelas luzes da cidade grande

A formação das camadas populares urbanas no Brasil, no contexto de expansão da sociedade de classes, foi marcada por um amplo processo de *mobilidade social*. Segundo demonstra Alvaro de VITA (1989: 197), "*nas condições próprias de urbanização da economia e da sociedade em um país de formação agrária, os setores populares urbanos emergentes, particularmente aqueles localizados nas grandes cidades, se formaram muito mais com a contribuição direta e indireta da imigração rural, da migração urbana de regiões mais pobres*

e da transferência de pessoas até então pertencentes a setores urbanos 'menos favorecidos', do que com a decadência de pessoas pertencentes às classes médias, à burguesia de pequenos proprietários ou a um artesanato de condição pequena-burguesa". A nova dinâmica dada pela ampliação das estruturas ocupacionais urbanas, após os anos 50, possibilitou à população em geral, principalmente ao operariado industrial, maiores alternativas de emprego, criando uma situação — em termos de participação econômica e social — relativamente "privilegiada" face ao restante dos trabalhadores urbanos e à condição de "vida seca" enfrentada pelos trabalhadores rurais. Não se trata, logicamente, — quando se fala em mobilidade social — de uma ascensão para outras camadas hierarquicamente superiores, mas da perspectiva — real ou ilusória — de promoção social no seio das próprias classes populares. Sem dúvida, mudando-se da zona rural para os centros urbanos, das cidades pequenas para cidades grandes, e se transferindo de setores industriais "tradicionais" para os "setores modernos", as classes populares puderam aumentar suas possibilidades de consumo. Compreende-se, assim, que nessas condições, certas frações das classes trabalhadoras urbanas, formadas por ascensão social mais do que por decadência, foram levadas a reconhecer como legítimas as regras vigentes no jogo social e político em que foram iniciadas.

Outro elemento importante para se apreender as estruturas de dominação da sociedade de classes brasileira, é a composição rural-urbana do proletariado industrial. É sob o peso do antagonismo cidade-campo que se sedimentam as formas pelas quais se realizam o capital e sua repartição, a circulação de trabalhadores no mercado de mão-de-obra, as condições técnicas e organizativas da produção e o acesso das classes trabalhadoras aos instrumentos de poder. Com a intensificação das migrações internas, no sentido das cidades e dos centros industriais — notadamente a partir de 1945 —, aumenta o contingente relativo dos trabalhadores cujo horizonte cultural encontra-se profundamente marcado pelos valores e padrões do mundo rural. No campo — conforme observa IANNI (1978: 57) —, "*predominam formas patrimoniais ou comunitárias de organização do poder, de liderança e de submissão*" que serão carregadas para o território urbano e transportadas para dentro das fábricas. As relações com o "senhor", com o dono da terra, com o "compadre" serão transferidas para o patrão, o capataz, o supervisor e o gerente.

Octavio IANNI (1978: 59-61) ressalta que "*o universo social e cultural do trabalhador agrícola (sitjante, parceiro, colono, camarada, agregado, peão, volante, etc.) está delimitado pelo misticismo, a violência e o conformismo, como soluções tradicionais*". Ao desembarcar na metrópole, trazendo essa bagagem

de vida, o horizonte cultural do homem do campo se transforma, *"mas de modo lento, parcial e contraditório"*. Perduram no seu imaginário *"elementos vividos, de tipo comunitário, que se interpõem entre as pessoas e as coisas"*. Por isso, a definição do outro não é política e sim espontânea, especular. Nos primeiros tempos de sua integração no ambiente urbano-industrial — período de simultânea ascensão social e deslumbramentos — *"a compreensão que o operário formula dos outros tipos sociais é ambígua"*. Por todas estas razões, predomina uma consciência singular no proletariado urbano e industrial onde *"os interesses de classe, em particular os antagonismos com as outras classes e grupos sociais, não se estruturam a não ser parcialmente"*.

A cidade, São Paulo, o Sul, em contraposição à roça, ao interior, ao Nordeste, produzem a sensação do progresso, que é interpretada na maioria das vezes pelas camadas populares como "mudança de vida" (ver trecho do relato de José Ribeiro transcrito a seguir). Ter, naquela época, "carteira assinada", salário garantido todo mês, direito aos institutos de pensões e aposentadoria... aparecia aos olhos do trabalhador rural, recém chegado e sem direito a nada, como "benefícios" que justificavam todas as dificuldades a serem enfrentadas no trabalho urbano e na lida diária com os "perigos da cidade". Comparece também aqui a "consciência de mobilidade", agora reforçada pelo "valor da competição" — elemento fundamental e formador da ética do trabalho capitalista —, que irá estimular comportamentos individuais ou de grupo voltados, principalmente, para a conquistas de posições na hierarquia social.

— Se a gente for associar o caso, o corte de cana em Alagoas, o trabalho na lavoura com daqui em São Paulo, a gente percebe que o tratamento é diferente, né. Porque lá cortava cana, trabalhava na lavoura e, a prática, o tipo de ferramental que a gente tinha pra trabalhar, era mais sofrido, né. A tecnologia de São Paulo é bem mais avançada. O ferramental, por exemplo, aqui eles plantam cana e tem as máquinas pra sulcar a terra. E lá, o caboclo ainda trabalha na base do enxadão... Só em alguns lugares mais adequados, mais planos que usavam os animais. E aqui, quando eu cheguei aqui, percebi que a coisa era mais avançada. Eu trabalhava com as máquinas, trator que fazia, arava, gradeava e sulcava o solo, né. Entre Alagoas e São Paulo a gente começava a perceber que o avanço era outro, né. Por exemplo, quando eu saí de Alagoas pra cá, eu me senti que tava em outro mundo, que estivesse vivendo em outro país. A formação que as pessoas têm aqui em São Paulo e a formação nordestina, a gente percebe que é bem diferente. Por exemplo, no tratamento, né. Via que o tratamento que o trabalhador nordestino recebe, é um tratamento na base do... era um tratamento escravista, vamos dizê

assim, né. O sistema de Alagoas, o sistema lá, ainda é até hoje, se fala muito em coronelismo, né. Em São Paulo, devido a sua formação, né, a gente tem um pouquinho mais de liberdade. Então, eu acho que o trabalhador, se a gente for ver a questão trabalhista do nordeste e a questão trabalhista do sul ou sudeste, né, a gente começa a perceber que a diferença é muito grande, o avanço é outro. Acho, no meu ponto de vista, que São Paulo ainda é o centro tecnológico, é o coração do Brasil...

(José Ribeiro - montador de uma empresa metalúrgica de autopeças)

A noção de progresso opera uma função de mascaramento das contradições sociais. No entanto, este conceito traz dentro de si uma série de ambigüidades capaz de gerar na consciência das classes trabalhadoras em trânsito sentimentos paradoxais e muitas vezes desconexos. Se o progresso da cidade, *"com seus fascínios de asfalto e das forças da eletricidade"*, provoca primeiramente no imaginário popular uma fugaz embriaguez de luz e de cores, ele expõe, quase que em seguida, a vida de uma maneira absurdamente dura e impessoal, onde "a visão pacificante e natural" do mundo da roça e da pequena corrutela encontra-se totalmente fora de lugar.

Por se de lá, na certa por isso mesmo

Não gosto de cama mole

Não sei comer sem torresmo

Eu quase não falo

Eu quase não sei de nada

Sou como rês desgarrada

Nessa multidão, boiada caminhando a esmo...

(trecho de Lamento Sertanejo: Dominginhos e Gilberto Gil)

Desafortunadamente — conforme demonstra Romildo SANT'ANNA (1996: 359) — *"o inchaço dos grandes centros metropolitanos, repercute, salvo raríssima exceção, no urbanismo desordenado, causando mais pobreza, perda do eixo cultural, dos princípios morais, e conseqüente desfibramento do espírito"* das camadas populares expulsas do campo. Em contato com os símbolos citadinos e com o urbano propriamente dito, os camponeses perdem *"o referencial do território que dominavam, havendo um hiperbólico choque causado pelo impacto do estranhamento"*. Coexiste nesse universo, um tanto quanto abstrato, os frisos da realidade concreta, marcados pela violência dos subúrbios, pelo aumento do custo de vida, pelo mal cheiro dos corgos, pelo ordenado de fome, pela frieza da fábrica, pela humilhação do desempre-



Paisagens Urbanas: viver é muito perigoso (Donizete Marcolino da Silva)

go... Tais contrastes e desrealizações, não permitem que a ideologia do progresso absorva automaticamente toda espessura da vida das classes populares. Embora ocorra uma reação de acanhamento ao primeiro contato com a "grandiosidade" da cidade, o sujeito decodifica e (re) elabora estas circunstâncias impostas numa atitude que intercala conformismo e resistência.

As peculiaridades da expansão capitalista no Brasil impedem que as classes operárias se comportem permanentemente de maneira resignada. Isto porque, por um lado, historicamente os salários sempre cresceram menos que os aumentos de produtividade e foram reajustados, invariavelmente, abaixo do custo de vida. Por outro lado, o "sucesso" individual e a conquista de novas posições alcançadas por parcelas de trabalhadores urbanos não significam, necessariamente, um salto para as hierarquias "superiores" e nem eliminam a experiência da desigualdade típica de uma sociedade de classes. Essa experiência contraditória da formação social das classes trabalhadoras se expressa também na dimensão política: a igualdade formal de direito, por não eliminar as desigualdades presentes nas relações cotidianas, acentua as insatisfações dos excluídos face às injustiças sociais. Assim, as classes subalternas, ao trazerem para o palco político seus dramas e desilusões, passam a questionar a ordem social e o *establishement*.

A intensa mobilidade ocupacional, as idas e vindas dos operários em busca de melhores oportunidades de emprego, têm reforçado ainda mais a heterogeneidade das classes trabalhadoras em relação à sua composição

técnica e política, ao mesmo tempo que ampliam as contradições do capitalismo brasileiro. Nesse contexto, a partir de meados dos anos 70, emergiram os *movimentos sociais urbanos* que, em conjunto com o *novo sindicalismo* nascido do ABC paulista, passaram a constituir os "novos personagens" da cena política nacional.

As mobilizações da sociedade em favor da redemocratização dos país ampliaram as possibilidades das lutas sociais. Os embates protagonizados pelos trabalhadores nas fábricas passaram a adquirir visibilidade pública, não se limitando somente à esfera do trabalho e da produção. Invadiram os locais de moradia, tendo como alvo as formas de intervenção estatal no espaço urbano. É nessa conjuntura, marcada pelo (re) aquecimento das lutas operárias e dos movimentos sociais, que irá incidir a atual ofensiva das classes dominantes de "modernização conservadora" do mundo do trabalho e da esfera pública, ambos, territórios essenciais de construção de identidades e sociabilidades das classes subalternas.

3. A caminho da cidade: trajetórias e travessias

Durante os anos 60 e 70, acentuou-se a chegada de levas de trabalhadores rurais, retirantes e paus-de-araras para os grandes centros urbanos do sul e sudeste. Intensificou-se, também, o contingente de trabalhadores peregrinando em direção das novas fronteiras agrícolas, de minerações e das novas frentes de trabalho. Ao mesmo tempo que se incentivava a ocupação de todos os rincões do país, principalmente aqueles mais longínquos e despovoados, em nome da nova doutrina de "integração nacional", estimulava-se a agricultura de exportação, a concentração de terras e a modernização do campo através da incorporação de máquinas, equipamentos e insumos agrícolas liberadores de mão-de-obra.

A migração interna no Brasil é resultado, principalmente, de um desenvolvimento desigual das forças produtivas no âmbito nacional. É sabido que o capital flui até os lugares onde sejam mais favoráveis as condições para sua reprodução e acumulação, e a força de trabalho deve segui-lo. O desenvolvimento marcado por profundas diferenças e desigualdades reflete no

surgimento de fatores tendentes à expulsão populacional em algumas regiões, enquanto que em outras, os fatores determinantes são claramente de atração migratória, tanto dos fluxos internos quanto externos. As relações que marcam estas diferenças regionais são capitalistas e se expressam pela dinâmica de transferência de mais-valia, de capital e força de trabalho, desempenhando cada região seu papel específico na reprodução ampliada do capital, que somente adquire sentido na globalização das disparidades em função de suas próprias desigualdades. Isto explica a existência de regiões que atuam como *“celeiros de força de trabalho viva para alimentar a força de trabalho morta acumulada em outras regiões”*, enquanto outras exercem uma forte atração para a mão-de-obra em movimento. Ressalta-se neste aspecto, a diversidade de regimes de trabalho coexistindo no país: trabalhador rural assalariado, regime servil, trabalhador rural arrendatário, “porcenteiro”, trabalhador urbano assalariado, “camadas médias” de assalariados, trabalhadores autônomos, contratos de empreita, trabalhadores ambulantes (“camelôs”), camada marginalizada do mercado de trabalho formal, etc.

As *trajetórias migratórias* conformam os movimentos de deslocamentos de grupos ou pessoas que seguem diversos roteiros. Mais do que fenômenos particulares — conforme demonstrou DURHAN (1984) —, revelam modos coletivos de reprodução social. A migração, enquanto projeto familiar, se impõe, quase sempre, como alternativa frente à precarização das condições de sobrevivência no lugar de origem. São momentos de passagem (travessia) de um tempo para outro, de ajustamentos à nova realidade. Em seu novo espaço, o migrante encontra-se mais ou menos desprovido dos conhecimentos necessários para se adaptar e enfrentar essa situação estranha. As relações de parentesco e de vizinhança, ao serem mobilizadas desde a partida até a escolha da estação de chegada, facilitam o assentamento das pessoas que desembarcam e reconstituem, pelo menos parcialmente, os laços familiares e de amizades. SADER (1988: 95) identifica que o migrante, ao apoiar-se na família, *“recupera e reinterpreta toda uma constelação de normas e valores comunitários no interior das relações societárias. A mobilização de parentes, vizinhos e conterrâneos não constitui um resíduo de padrões tradicionais, que tenderiam a sumir com o processo da urbanização, mas são relações atualizadas na vida urbana e constitutivas dela”*. Nesse processo, as tradições, os modos de enfrentar a vida são revisitados e traduzidos para o momento presente. Como resultado, a família se reestrutura internamente, tanto no que diz respeito às suas relações “domésticas” quanto à sua ligação com o trabalho e suas estratégias de sobrevivência no novo território.

É importante observar nesses itinerários como as histórias de vida são construídas e vão se entrelaçando umas às outras. A mobilidade da força de trabalho alastra as experiências adquiridas durante os trajetos migratórios e ocupacionais. Os que saem primeiro em busca de emprego na cidade grande exercem a função de *ponteiros*¹ junto àqueles que ficam no aguardo de um aceno positivo para também partirem. Geralmente o pai, os irmãos mais velhos, ou algum outro membro da família, exercem o papel de rastreadores, de *"intérpretes do mundo"*, enquanto a mãe e os filhos mais novos permanecem no lugar à espera de alguma notícia. Os *"guias"*, quando em terras estranhas, procuram contato com algum parente ou conhecido que já vive no lugar há algum tempo. Esses encontros servem para restabelecer os laços de parentesco, amizades, atualizar os acontecimentos e trocas de informações sobre emprego, custo de vida, moradia, e outras dicas importantes para quem acaba de chegar. Através desses reencontros especulares² são tecidas as redes de solidariedade que amenizam a dor e o sofrimento de quem está longe de casa. Os trechos das falas de alguns trabalhadores migrantes revelam a presença dessas pessoas instituídas do papel de desvendar o mundo, e o quanto é *custoso* chegar a um lugar estranho...

— Ai, eu vim pra Limerá. Ouí alguém falá... A gente já tinha um cunhado que morava aqui e falava: "Vão, vão bora pra lá... Vamo mudá de ramo, né". E a gente tentô mudá. Tentô mudá um pouco de ramo pra vê se miorava, né. Até, como diz o otro, eu não me arrependi de vim...

(Silvério - operador de fundição)

— Ai, em cinqüenta e cinco, meu pai veio pra cá. Largou tudo lá e veio pra cá. Enquanto ele tava na ativa, né, trabalhando, se comunicava com a gente, com mamãe, e, depois desse período, ele se desequilibrou, né, o problema da mão e não deu mais. Acabou nos abandonando lá, né. Quando foi é..., em mil novecentos e sessenta e quatro, eu tinha uma tia, irmã da minha mãe, que morava em São Paulo, casada com um sargento da Guarda Civil, e ela resolveu nos buscar. Minha mãe sempre escrevia pra ela, né. Eles resolvero nos buscar. Trouxe nós até São Paulo. De São Paulo a gente veio parar em Itacemápolis /.../. O pai vivia sozinho, né, e já que ele se preocupou em arrumar uma casa pra gente morar, colocar os filhos (só os quatro homens, a minha irmã ficou com minha mãe). Minha mãe mora em Alagoas, ainda. Só que em sessenta e quatro, ela veio pra cá, pra São Paulo. Ela ficou seis meses mas não se adaptou com o clima e acabou voltando /.../. Cheguei aqui era moleque e, a gente e, as pessoas tinham muito carinho pela gente. Por-

que a gente sem mãe, né, sem mãe, né. Uma mãe faz muita falta dentro de uma casa! /.../. Eu vim pra Limeira em setenta e dois. Eu vim sozinho. Foi difícil sair. Mas a gente encorajou e veio. Quando eu vim aqui, foi engraçado, né. Quando cheguei aqui, já encontrei pessoas que já moravam em Itacemápolis e trabalhava aqui. Eu tinha oito, já, conhecido, meio de longe, mas conhecido que morava em Itacemápolis. Eles alugavam uma casa, formávamos uma república. Isso se deu no bairro Boa Vista: República Brasil. Me lembro até hoje..., o número cento e trinta e quatro...

(José Ribeiro - montador)

— Mudamos pra Limerá em setenta e cinco. Parte ficô lá. Naquela época, viero pra cá eu, minha mãe — eu era soltero — mais um irmão soltero e uma irmã casada. O pai já tinha falecido, já /.../. É gozado, né. Normalmente, a gente queria ir pra São Paulo, né. São Paulo, Campinas, né, mas..., eu conheci minha esposa criança, a gente ia pra escola, e, eles tinham vindo pra cá e deu a dica, e, aí, a paixão trouxe a gente pra cá /.../. Quando você vem pra cá e deixa toda família lá, na outra cidade, lá... Aí, a única pessoa que a gente tem mais próxima é a mãe, né, acaba perdendo a mãe e, aí, é duro, né /.../. Aqui em Limerá, é o seguinte: se você fô procurá aqui em Limerá, mais ou menos setenta por cento não é limerense, é sempre alguém que veio de outra cidade. Mesmo que seja aqui do Estado, mas não é daqui, né. E sempre tem alguém dali que vem da... O pessoal que vem, por exemplo, aqui do centro-oeste, dessa região de Marília, de Bauru, Tupã... Se pintô um cara de lá: "O cê veio de onde? Ô cara, fala aí! Pô, o cara é da terra!". Você confia (risos). Pode sê até que... Aí, sempre pintava isso: "Ô você! Ô cara!". Aí, pronto. O lastro de amizade se fechava, né. Aí, um dia, dois dias que você conversava com o cara, você percebia que dava pra confiá ou não, né. Normalmente, o pessoal que vem lá do setor rural pra cá, é de extrema confiança, né, um com o outro. Aí, começava a contá as experiências de onde viveu: "Eu joguei no time tal, ah!, eu conheci fulano, ah!, então jogamos juntos aí". Aí, começava a se fechar o lastro de amizade, certo?

(Benedito dos Reis - operador de máquinas)

Estes trechos de histórias evidenciam que os trabalhadores, durante as trajetórias campo-cidade e cidade-cidade, buscam sempre manter o "fio de Ariadne" que os mantém ligados aos parentes e conhecidos mais próximos. Assim, são resguardados os laços de amizade, as tradições, as maneiras de ver e enfrentar os solavancos da vida. Quem chega traz notícias "do mundo de lá"

e quer saber das novidades do lugar. Desse modo, a tristeza de estar fora de casa e longe dos seus se intercala com o fascínio de descobrir coisas novas, conhecer outras pessoas, vencer os desafios e domar o desconhecido.

Os diferentes caminhos percorridos entre o campo e a cidade, o interior e os centros urbanos, as idas e vindas, oferecem o “chão” para um outro processo mais significativo que diz respeito às *travessias* de um para outro continente. Aqui, não se tratam de regiões geográficas, mas de territórios que atravessam o mundo subjetivo, imaginário, os espaços de conexão e transição de uma cultura para outra. Essas passagens desestabilizam e reestruturam as referências originais, destroem e reconstróem os modelos de identidades consolidados. A redefinição das pessoas e da família na estrutura urbana é vivida em meio à desagregação dos laços de solidariedade, à perda dos valores e ideais, que resultam numa sistemática desapropriação e reapropriação dos elementos de auto-reconhecimento. Da mesma forma, essas travessias possibilitam que as histórias individuais se cruzem com outras na constituição de movimentos que marcam as trajetórias dos migrantes a caminho da cidade. Os encontros com as CEBs, associações de moradores, militantes sindicais e de partidos políticos, organizações religiosas, movimentos populares por moradia, saúde, educação, entre outros, podem constituir domínios de aprendizado, redes de solidariedade através das quais as famílias que chegam expressam suas necessidades, reivindicam aspirações e modelam uma nova identidade. A cidade se transforma, assim, num grande ponto de encontro onde aqueles que chegam se encontram com “a gente do lugar” e atualizam suas identidades e diferenças.

4. A cidade saudável: construindo um novo viver coletivo

A saúde não é um termo abstrato, genérico. É um tema que nos remete às condições concretas de vida e que envolve uma multiplicidade de determinantes. A grosso modo, poderíamos dizer que os processos saúde/doença são determinados por um conjunto de fatores individuais e coletivos ligados à biologia humana, ao ambiente, estilos de vida e aos serviços de assistência. A herança genética, os processos de maturidade (envelhecimento), o ambiente natural e social, os padrões de consumo, as atividades de

laser, as condições de trabalho, as possibilidades (ou não) de acesso aos serviços de saúde, tudo isso e muito mais, atuam de forma interativa e condicionam os níveis de saúde das pessoas e das coletividades.

Quando se trata de analisar os determinantes do processo saúde/doença, é necessário observarmos as relações que se estabelecem entre o biológico e o social, entre o individual e o coletivo, para que, assim, não tenhamos uma visão reducionista e "medicalizante" sobre os problemas de saúde. Os meios de comunicação passam a visão de que ter saúde é consumir medicamentos, vitaminas, exames de laboratório, consultas médicas e ter acesso aos hospitais. Não é à toa que nós, brasileiros, somos o 8º consumidores de medicamentos do mundo, no entanto, o Brasil é um dos países que apresenta os piores indicadores de saúde do planeta.

Alguns estudos têm demonstrado que dentre os fatores que mais contribuem com os índices de mortalidade estão: o estilo de vida (43%); biologia humana (27%); ambiente (19%) e serviços de saúde (11%). Contudo, quando analisamos os gastos dos governos em relação a estes fatores observamos a seguinte distribuição: estilo de vida (1,2%); biologia (7%); ambiente (1,5%) e serviços de saúde (91%).

Por que será que a maior parte dos gastos são destinados aos serviços médicos? Existem vários motivos. Um deles encontra-se ligado à pressão das indústrias de medicamentos e equipamentos médicos, que forçam, através de muito investimento em propagandas, a demanda por este tipo de consumo. Você já reparou que a maioria dos programas de rádio populares são financiados por "comerciais de remédios". Prometem o mundo e o fundo. Curam calo, caspa, calvice, unha encravada, depressão, câncer, "falta de dinheiro", desesperança, frigidez, impotência, cansaço, depressão, Aids, alcoolismo, enfim, são milagrosos. "Tem gente que mente mais do que bula de remédio" — já diz o ditado popular.

Se as pessoas tivessem acesso a saneamento básico, a um ambiente de trabalho salubre, a um salário digno, a moradia decente e arejada, com áreas verdes e de lazer. Se as cidades fossem planejadas para garantir água com qualidade para todos seus habitantes, transporte coletivo eficiente e confortável. Se os lugares de encontro e de atualização de nossa memória histórica fossem preservados. Se os bairros fossem construídos de modo a garantir a singularidade e a individualidade de cada um. Se a nossa cultura fosse respeitada e não desconsiderada. Se todos tivessem direito à comida, diversão e arte. Se os espaços urbanos fossem pensados em função dos deficientes, idosos, crianças e das gestantes... Se a solidariedade entre as pessoas to-

masse o lugar da competição do "salve-se quem puder". Se os valores da reciclagem, do cuidar substituíssem o consumismo desenfreado. Se..., precisaríamos de muito menos de remédios, de médicos e de hospitais. Não podemos negar, entretanto, que os avanços das ciências da saúde e todo seu desenvolvimento tecnológico proporcionaram grandes conquistas no prolongamento e na qualidade da vida humana. Temos que garantir que todo este patrimônio seja garantido a todos.

O prolongamento da vida, com o conseqüente aumento da idade média da população, trouxe uma série de outros problemas sanitários para humanidade. De um lado, produziu um aumento imediato dos eventos/doenças crônico-degenerativas (câncer, infarto, acidente vascular cerebral, hipertensão arterial, etc.), próprios do processo de envelhecimento biológico. De outro, causou um aumento da exposição aos fatores e situações patogênicas típicos das aceleradas transformações sociais e culturais, fortemente marcadas pela industrialização e urbanização. São os agravos de natureza social, como a violência (em todas suas matizes), o uso crescente de drogas e grande parte dos distúrbios mentais, assim como aqueles decorrentes do contato ou consumo de produtos químicos ou físicos (ruído, calor, radiações, etc.) dos grandes aglomerados urbanos-industriais. Todos esses elementos conformam os chamados "efeitos mórbidos da civilização". Referem-se aos problemas de saúde, onde as causas e efeitos se confundem e sintetizam "um certo modo de andar a vida". Hábitos alimentares, stress, poluição, esgarçamento social (sociopatias), sedentarismo, insegurança, incerteza quanto ao futuro, consumo de drogas, violência... apresentam-se como ingredientes indissociáveis dos marcos culturais e sociais onde se inscrevem. Mais do que fatores de risco, trata-se de situações complexas nas quais os "agentes nocivos" não são mais externos aos indivíduos, mas se inscrevem num complexo de múltiplas dimensões (biológicas, sociais e culturais). O que está em jogo nisso tudo, é o nosso projeto de futuro, é o nosso desejo civilizatório, é o nosso o quê fazer com a vida.

A cidade, com sua estrutura de saneamento básico (sistema de coleta, tratamento de lixo e esgoto, fornecimento de água), com suas áreas verdes e de lazer, com sua arquitetura, com seus serviços de transporte, com sua disposição urbana, com seus lugares de trabalho e de comércio, com seus rios, córregos e lagos, com seu patrimônio históricos, com seus lugares de convívio, com seus equipamentos urbanos (creches, escolas, centros de saúde, hospitais, teatros, etc.), com suas redes de solidariedade, com seu tecido social e suas organizações comunitárias, configura-se como um território

determinante da saúde coletiva. Todos nós somos platéias, autores e protagonistas de sua história. Nesse sentido, a cidade nos convida permanentemente a redesenhá-la, a demarcar com nossos traços os seus contornos, a rabiscá-la com nossos afetos e quereres, enfim, a construir no seu espaço uma nova ecologia humana, afetiva, ambiental e urbana.

A saúde, no seu sentido mais genérico, é a capacidade que todos nós temos — a partir de nosso patrimônio biológico e genético — de lutar contra todas as circunstâncias que impedem o pulsar pleno da vida para todos. A defesa da vida se concretiza, assim, num fazer coletivo, cuja raiz se finca no chão da nossa morada, do nosso lugar, do nosso rincão, de nossa terra, para (re) encantar todo o nosso planeta.

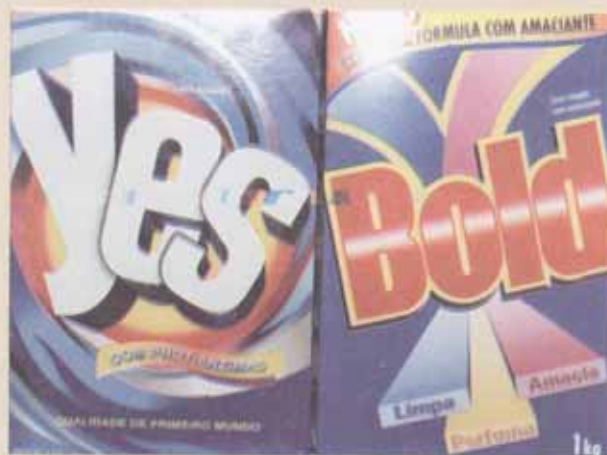
Terra,
Terra...
Por mais distante,
Um errante navegante,
Quem jamais te esqueceria...
(*Terra*, Caetano Veloso)

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte, é doce herança Itabirana.

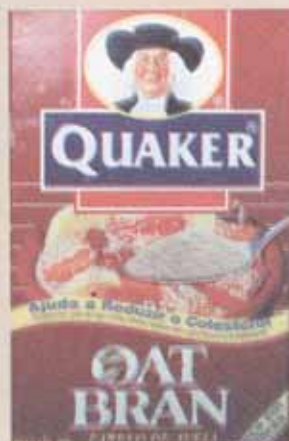
De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Durval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói!
(*Confidência do Itabirano*, Carlos Drummond de Andrade)

Inglês

Produtos com nomes em inglês



Produtos que mesclam inglês/português



Identificação do tipo de produto em inglês



Aproximação indireta com nomes em inglês



Fuscão Preto

Black People Car (Fuscão Preto)

Atilio Versutti/Jeca Mineiro

Versão: Falcão/Tarcísio Matos

Is between who she was side if other
in black people car outisidi* roady*
well dressing I display of the nighty*
is many drink and smoke without stoping.

My God of sky** say that is a big lie
if it is true try to cleara* for a pleasy*
from that too little I myself is solving nigh*
and two together if you break of love

Black people car
you are in made in steel
made my chest in many pieces
steel memo* é que to feel.

Black people car
wer* to was very on
I gasto* so good and pretty
you did it to curau*.

Carro das Pessoas Negras

Tradução literal: Denise, Glória e JoAnne

É (está) entre quem ela era ao lado se outro
no carro das pessoas negras outisidi roady*
bem vestindo eu mostro a nighty*
é muitas dose e fumaça sem parar.

Meu Deus do céu diz que é uma grande mentira
se é verdade tente cleara* por um pleasy*
de tão pequeno eu mesmo está resolvendo nigh*
e dois juntos se você quebrar de amor.

Carro das pessoas negras
você é no feito em aço
fez meu peito em-muitos pedaços
aço memo é que sentir.

Carro das pessoas negras
wer* to era muito em cima
eu gasto tão bom e bonito
você fez isso para curau.

*palavras pronunciadas de forma incorreta:

outisidi roady= outside road

nighty= night

cleara for a pleasy= clear for please

nigh=night

wer= were

** a expressão correta é "My God": em inglês a expressão "my God of sky" não existe.

Curiosidade sobre o título: é possível fazer suposições sobre como os autores, partindo do nome original da música *Fuscão Preto* chegaram ao título *Black People Car* em inglês. É possível que tenham tido a intenção de traduzir "fuscão" como "carro do povo" (ou carro popular) que é preto (black). No entanto, observando a estrutura do inglês, a única tradução realmente possível desse título seria "carro das pessoas negras".

Depoimentos sobre o Brasil e os brasileiros

1. "Eu adoraria morar fora, principalmente... ter contato com outros povos, outras culturas, outras civilizações, civilizações diferentes. Seria tipo cultura geral, pra mim conhecer os outros e pra eles me conhecerem." (Beatriz, 15 anos em Busnardo and El-Dash, 1993. *Brazilian Adolescents Confront English: Reflections of Status and Solidarity in Attitude Verbalizations*).
2. "Os americanos são mais civilizados... Muito mais confiantes... São menos ignorantes do que os brasileiros, né? Não é que eu não goste de ser brasileira. Imagina! Eu adoro ser brasileira, mas o inglês é mais culto; os ingleses, os americanos têm mais cultura, eu acho... A cultura torna as pessoas mais confiantes. Eu acho que o quanto mais você sabe, mais confiança você tem." (Beatriz, 15 anos, em Busnardo and El-Dash, 1993).
3. "Ah, o jeitinho brasileiro! Meu Deus!... Acho todo mundo tão acomodado!... Agora... nos outros países é diferente, porque lá as pessoas batalham pra conseguir o que querem; não ficam só paradas, esperando..." (Sérgio, 14 anos, em Busnardo and El-Dash, 1993).
4. "O Brasil... não tem relação com o resto do mundo, saca? O Brasil... ainda faz parte do Terceiro Mundo, saca? acho que temos que... temos que mudar isso, porque os brasileiros são tão acomodados; aceitam qualquer coisa..." (Dorotea, 14 anos, em Busnardo and El-Dash, 1993).
5. "Me sinto omisso porque eu acho que eu deveria estar fazendo alguma coisa pra mudar essa situação, mas você acaba ficando na sua, acaba aceitando tudo." (João, 17 anos, em Busnardo and El-Dash, 1993).

6. "Nosso povo? Um desastre! Os turistas querem ver só as coisas legais – como a natureza, saca? Mas o povo mesmo, as pessoas que trabalham, que moram nas cidades grandes, elas... bom, elas são meio ignorantes, saca? Eu acho. A maioria nunca estudou, a maioria é ladrão, um monte de coisas ruins... uma impressão horrível!" (Elvira, 15 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
7. "Ah, os brasileiros são... bem, você sabe... Alguns são ignorantes, saca? Eu acredito... sempre achei que fossem... pra as pessoas que vêm de fora eles... Eu acho que eles são, por exemplo, pra os americanos, os americanos acham que aqui, que o Brasil deve ser uma selva tipo... cheia de índios... leões... e... como brasileiro, acho que os brasileiros são... Ah, acho que eles não... eles são... Ah, eles são o que são ! Não sei o que dizer. Esta é uma pergunta difícil." (Bernardo, 16 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
8. "A situação é bem confusa, mas acho que a cultura brasileira não vai acabar, claro que não vai. Acho que a cultura brasileira é um barato, acho que é até melhor do que qualquer uma lá de fora... a música brasileira, a música popular, o samba..." (Dorotéa, 14 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
9. "... nós fazemos música, fazemos música em inglês... Porque tem um grupo de rock brasileiro... heavy metal ... Eu adoro heavy metal... É chamado Sepultura, eles só fazem música em inglês... Ninguém acredita que esse grupo é brasileiro porque é muito bom, música em inglês e tudo, é perfeito, e ninguém acredita que seja brasileiro." (Durval, 15 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
10. "A verdade é que nós somos um povo sem a cultura que faria com que a gente cuspsse nessa estrutura..." (Eduardo, 16 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
11. "A maioria das coisas são feitas pelos estrangeiros, né? Estamos muito por baixo, o Brasil está muito atrasado, nunca vamos pra frente. Gostaria de ajudar... levar o Brasil bem lá pra cima. Nós estamos por baixo por causa da dívida... Eu quero levantar o Brasil. Eles têm tanto e nós tão pouco..." (Bela, 15 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
12. "Todas as raças, todos os povos que acham que pensam, se deixam influenciar pelos estrangeiros, como os americanos e os ingleses. Principalmente os brasileiros que são uns caipiras idiotas que se vestem como os ianques. Um dia, os aztecas, os incas e os maias adoravam os espanhóis como deuses e foram massacrados pelos espanhóis gananciosos pelo ouro e por toda

a riqueza desses três povos. Hoje, os brasileiros adoram o americano – um deus capitalista – e eles serão exterminados pelo capitalismo selvagem.” (José, 17 anos, em *Busnardo e El-Dash*, 1993).

13. “... E esse negócio da dívida externa: essa dívida já foi paga, não foi? Há muito tempo. Acho que é idiota pagar mais. Nós já pagamos... Os outros países estão sacaneando o Brasil...” (Elvira, 15 anos, em *Busnardo and El-Dash*, 1993).
14. “Como posso ter orgulho de ser brasileiro com um país “colônia” que vive de joelhos perante o FMI?” (Francisco Correia, Teresina – PI; seção *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).
15. “... Acho que a população brasileira é muito tolerante, dócil mesmo. O governo adotou medidas econômicas que não levaram ao crescimento da economia, ao contrário, levaram ao desemprego, e as pessoas não foram para as ruas. O brasileiro se entusiasma com qualquer explicação. Eu gostaria que o País fosse mais violento e que essa tolerância fosse muito menor do que realmente é” (Celso Furtado, economista, em entrevista a *ISTOÉ*, 16/09/98).
16. “Tenho orgulho de ser brasileira. Eu moro nos Estados Unidos, não por opção de deixar o Brasil, mas por ter me casado com um americano. Aqui, aprendi demais a amar a minha terra que é toda a referência do que sou, do que acredito e admiro. Descobri que o nosso jeito, assim como o bolinho de aipim e o bife acebolado só encontramos no Brasil, terra cheia de problemas, de injustiças sociais, mas também cheia de encantos e alegrias” (Edna Preuss, Washington, EUA, na seção *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).
17. “Não há lugar no mundo como o Brasil. Somos um povo alegre, carinhoso, festivo, solidário. Eu me orgulho e muito. Meus filhos nasceram na França, mas são brasileiros com muito amor.” (Sônia Regina Pompermaier, Curitiba – PR, na seção *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).
18. “Como podemos nos orgulhar do Brasil se há milhões de excluídos, crianças e idosos marginalizados, trabalhadores sem emprego e nenhuma política social?” (André L. Neves, Recife – PE, na seção *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).
19. “Realmente é difícil hoje alguém se orgulhar de ser brasileiro ao ver que o grupo que está no poder deve-se à ignorância do povo e de uma lavagem cerebral diuturna a alienar o patrimônio e a alma nacionais” (Aulir Santos, Salvador – BA; *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).

20. "... Gostaria de salientar que muito mais central e preponderante do que orgulho ou vergonha é a responsabilidade que todos nós temos com a nossa realidade." (Ricardo Passoli, São Paulo – SP; *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).
21. "Os conservadores podem dormir tranquilos. Enquanto houver Carnaval, não haverá nenhuma revolução social no Brasil." (Mário Vargas Llosa, peruano; escritor, comentando no jornal espanhol *El País* a sua temporada no Rio de Janeiro durante o Carnaval. *ISTOÉ*, 10/03/99).
22. "... Continuo com orgulho de ter nascido neste País. E o meu orgulho é tão grande quanto a vergonha que sinto de nossos governantes." (Ariston Cardoso, Aruanã – GO, na seção de *Cartas da ISTOÉ*, 03/03/99).
23. "Eu confio no Brasil. Eu confio na Rede Globo" (Fernando Henrique Cardoso, presidente da República, em discurso na inauguração da nova sede da TV Globo." (*ISTOÉ*, 03/02/99).
24. "Deus é brasileiro." (Dito popular).
25. "Deus é brasileiro... imagina se não fosse." (Dito popular).
26. "Encaro com grande desconfiança essa 'globalização', tanto do ponto de vista econômico quanto cultural. Evidentemente que vocês são, que eu sou, todos somos a favor da internacionalização. É o ideal da sociedade humana. Mas a internacionalização só pode ser realizada entre iguais; do jeito que está sendo feita é mais uma manifestação de colonialismo. É uma 'globalização' onde o domínio dos países ricos sobre os países pobres aumenta. É por isso que eles dão tanta importância ao fator cultural, como fator de dominação. Os países poderosos, interessados na 'globalização a seu favor', investem na cultura de massas para uniformizar, destruir as culturas nacionais, locais e ou populares. (...). Cada país deve contribuir com sua nota peculiar, singular, diferente. Desta unidade de contrastes é que pode surgir a unidade da cultura universal." (Ariano Suassuna, 71 anos, escritor, ex-secretário da Cultura do estado de Pernambuco, em entrevista à revista *Princípios*, janeiro, 1999).
27. "Fui ver 'Titanic', porque custou, segundo o 'press-release' (que a crítica reproduz sem nem sequer mudar as palavras), US\$ 200 milhões. Eles podem dizer 200, 300 milhões, ou 1 bilhão, que nós acreditamos. Mas se um produtor brasileiro disser que gastou 2 milhões num filme, vocês, com a perfídia que lhes é própria, acrescentam logo: metade pro filme, metade pro apartamento na Vieira Souto." (Millôr Fernandes, jornalista; em "O resgate do soldado Ryan", revista *República*, outubro de 1998).

28. "Começava a se encher dessa estúpida mania de coisas brasileiras. Por que o Brasil? Segundo tudo o que sabia, o Brasil era um país de merda, habitado por imbecis fanáticos por futebol e corridas de automóvel. Um lugar onde a violência, a corrupção e a miséria estavam no auge. Se havia um país detestável, era justamente, e muito especialmente, o Brasil. 'Sofia!', exclamou Bruno, animado. 'Eu poderia ir para o Brasil nas férias. Passaria pelas favelas. O microônibus seria blindado. Eu observaria os pequenos assassinos de oito anos, que sonham ser chefes de bando; as pequenas putas que morrem de Aids aos 13 anos. Eu não teria medo, porque estaria protegido pela blindagem. Isso de manhã, e à tarde eu iria à praia entre os traficantes de drogas milionários e os cafetões. No meio dessa vida desenfreada, dessa urgência, eu esqueceria a melancolia do homem ocidental. Sofia, você tem razão: na volta, vou me informar numa agência da Nouvelles Frontières" (agência de turismo francesa). (Trecho do romance "Les Particules Élémentaires" – As Partículas Elementares – de Michel Houellebecq, escritor francês. Caderno Mais, *Folha de S.Paulo*, 07/03/99).
29. "Globalização é sinônimo de americanização, e isso significa uma difusão ainda maior do inglês. Temos atualmente 6 mil línguas, e, só na África 200 estão ameaçadas de extinção até o ano 2000. [...] [Defendo o bilingüismo precoce com] A língua materna e qualquer outra, menos o inglês. Alemão, francês, italiano, espanhol, português. O inglês já figura no programa escolar de todos os países a partir do secundário. Isso até que os Estados Unidos continuem poderosos, porque, quando essa hegemonia acabar, o inglês não corresponderá mais a uma necessidade." (Claude Hagège, 62 anos, lingüista tunisiano, professor do Collège de France, Paris, em entrevista à revista *República*, outubro de 1998).
30. "Seja como for, existem dois argumentos fortes a favor de um verdadeiro bilingüismo: para quem acha que a civilização anglo-americana, se não um sucesso, é pelo menos o mais tolerável dos fracassos disponíveis, o inglês é um 'must', pois lhe permite acesso ao segredo da redução do insucesso; para quem, por seu turno, vê nessa língua e no que ela contém os instrumentos diabólicos de dominação do mais solerte e voraz imperialismo, não há outra saída exceto a de aprendê-la para, no seu interior, descobrir as fraquezas ocultas do inimigo" (Nelson Ascher, em "A necessidade do bilingüismo.", *Caderno Mais, Folha de S.Paulo*, 7/03/99).
31. "O Brasil, apesar de ter conseguido modernizar as aspirações de consumo e produção, continua sendo uma sociedade de corpos mais do que de sujei-

tos jurídicos. O modelo brasileiro de relação social não é a exploração capitalista, ainda menos o capitalismo participativo de hoje (ações e opções para todos). O trabalhador brasileiro não vende seu tempo de trabalho: segundo o costume escravagista, ele vende seu corpo. [...] Ora, os Estados Unidos são a antítese específica dessa esclerose social. Os Estados Unidos inventaram, defenderam, aprofundaram o pacto social moderno e ainda lu-

YES, NÓS

Defast food a sport wear, expressões em idioma estrangeiro

Comida rápida é fast food; entrega a domicílio, delivery; roupa esportiva, sport wear; viciado em trabalho, workaholic; suspense, thriller; adolescente, teen; intervalo para o café, coffee-break; treinador pessoal, personal trainer; aluguel de carro, rent a car; à venda, for sale; dinheiro, cash. A lista é interminável. Palavras inglesas incorporadas ao vocabulário cotidiano do brasileiro nem mais é novidade, seja por modismo, esnobismo ou claro sintoma de um país aculturado. Quando o assunto é business, quer dizer: negócios, usar o inglês é garantia de sucesso?

“Na hora da compra o público bem informado não leva em conta o fato de o nome ser em inglês. Ele acham até careta”, afirma Denise Mendonça Megale, proprietária da loja Setor Casual Wear no

JOÃO NUNES

Centro. Apesar de utilizar o inglês no nome, ela “não acha legal” o uso indiscriminado da língua estrangeira e faz questão de acentuar que o nome da loja é Setor.

O “casual wear” funciona, segundo ela, como “legenda”, mas só aparece nos cartões e não para os clientes. Serve também para especificar a idéia de “roupa usual” por “não ter um bom correspondente” em português. Há cerca de dez anos, afirma, a moda do inglês era mais marcada. Hoje, garante, o País vive um espírito nacionalista e “uma valorização da cultura nacional”, tanto que até se usa bandeira brasileira nas roupas.

Para Ibraim Zacarias Gonçalves Filho, assessor de moda da Welcome, loja de roupas masculinas do Shopping Iguatemi, “o

nome identifica o produto sofisticado da loja; o cliente pensa assim”. O objetivo ao batizar a loja era esse, confirma.

Segundo ele, nomes estrangeiros no comércio são cíclicos. Hoje época em que o charme era

nomes italianos, depois vieram franceses, mais tarde as gírias e, a partir de anos 80, os ingleses. “O mercado quem determina”.

Jefferson José de Silva, da Hot Point, loja do Shopping Iguatemi direcionada para o público de 12 a 17 anos,

diz que os jovens gostam da pronúncia em inglês e o nome da loja incorporou a tendência. “O jovem associa o nome ao Primeiro Mundo. De acordo com Silva, o público que a loja se destina se apega muito à cultura norte-americana.”

**Nome em
outra
língua
dá status**

tam – até o ponto da caricatura, às vezes – para instaurar uma sociedade de direito. Por isso, uma modernização social que vai de uma sociedade de corpos para uma sociedade de sujeitos se chama 'americanização'. Americanizar significa substituir as relações corporais por relações jurídicas" (Contardo Calligaris, psicanalista; em "Americanizar é preciso", *Caderno Mais, Folha de S. Paulo*, 07/03/99).

Diário do Povo

Campinas, domingo, 28 de fevereiro de 1999

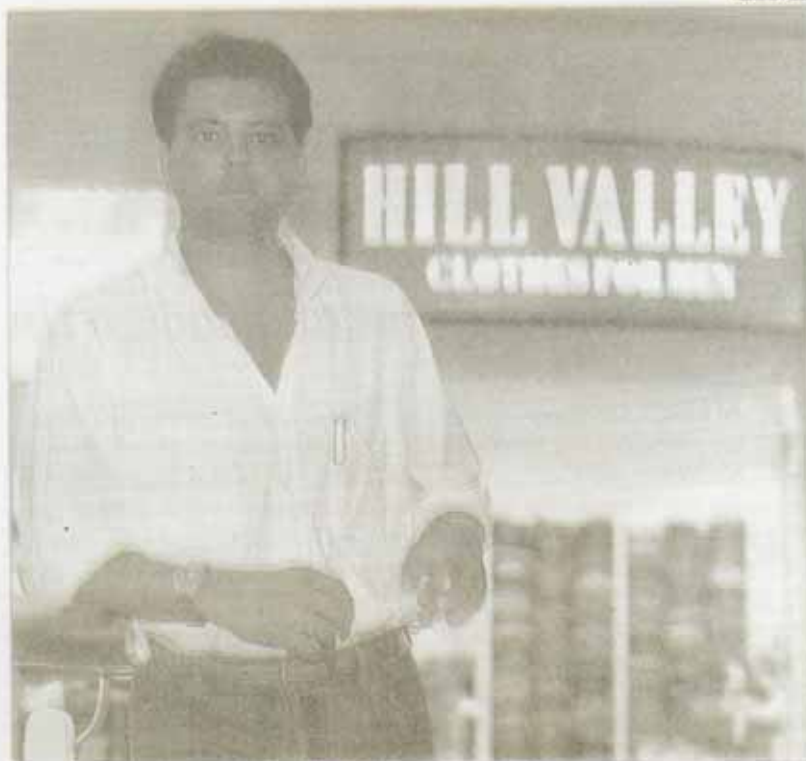
FALAMOS INGLÊS

Apocam pelas lojas de Campinas; objetivo é dar jeitão moderno

inevitável, não tem jeito".

O proprietário da Hill Valley, Guilherme Berti, do Shopping Galleria, procurava um nome para sua loja de roupa masculina. "Não trabalhamos com produtos comuns: é uma roupa mais fashion, mais transada, longe da mesmice", define. A irmã de Guilherme foi buscar inspiração no filme *De Volta para o Futuro*, de Robert Zemeckis, no qual o inquieto Martin (Michael J. Fox) vive em Hill Valley, uma cidadezinha norte-americana provinciana, até fazer uma viagem no tempo.

Daí surgiu o nome da loja, cujo gerente é Marco Aurélio Berti. Todo o marketing foi feito em cima da marca e a associação com o filme ajudou muito. "Claro que uma vitrine bem elaborada, com programação visual e outros itens fazem o nome ficar forte, mas a escolha do nome em inglês interferiu bastante e funcionou".



Marco Aurélio Berti, da Hill Valley: roupa *fashion*, nome estrangeiro



“Às vezes nem o próprio dono sabe a pronúncia certa”

O publicitário Mauro Cury Saleck, diretor-presidente da DMC Publicidade, condena o excesso do uso de inglês na propaganda de produtos. “Às vezes nem o próprio dono sabe pronunciar-lo, outras, não dizem nada”, ironiza. Para ele, o nome é importante, mas o produto precisa atender as especificações. “Pode ser que um nome simples seja até mais efetivo que um outro sofisticado, mas é difícil ser simples”.

Saleck garante que, se solicitado sua assessoria, ele evita usar o nome inglês. “Acho uma bobagem”. O problema, diz ele, é que

a maioria das pessoas que procura um publicitário para trabalhar a marca já traz o nome pronto. Culturalmente, afirma, muita gente acha que não dá status falar em português. “Por que usar *personal trainer*, em lugar de treinador pessoal?”, pergunta.

O publicitário só atenua as críticas quando fala das grandes marcas, como a McDonald’s. “Mesmo usando palavras que muita gente desconhece, como *drive thru*, faz parte da filosofia da empresa utilizá-las em qualquer lugar do mundo; aí se justifica”.

Gustavo Dechichi, sócio e diretor de arte da agência de publicidade Dechichi, é mais ameno nas críticas. “É difícil generalizar, mas, pessoalmente, eu prefiro evitar, porque há situações em que não cabem nomes em inglês”. Além disso, induz a pessoa a pronunciar expressão, muitas vezes, de forma errada, o que é negativo para a empresa. “O índice de lembrança da marca pode diminuir por causa disso”, acredita.

Para ele, o cliente das classes B gosta de nomes em inglês. O exemplo é o uso equivocado do apóstrofe em nomes como Carlo’s.

Cabelereiros. Mas, se esse é o público alvo “pode arriscar; não precisa ser patriota”. Ele usa uma frase de efeito da publicidade para avaliar: “Todo cube, da violência à nudez, desde que não seja de graça”.

Dechichi cita como exemplo a marca de sorvete Mamba Jambo. “É estranho, mas soa gostoso, positivo, com ar de Caribe, refrescante; é um ótimo nome”. Outro exemplo é Lily of the Valley uma loja de lingerie, em São Paulo. “É chique, feminino, sonoro e, portanto, tem a ver com o produto”.

(JN)

Nome chamativo não precisa entortar boca do freguês

Além de usarem inglês à exaustão, comerciantes também gostam de nomes raros, diferentes e estranhos. Quando decidiu montar um negócio, Sueli Pires Oliva da Fonseca buscou o recurso de falar palavras que tivessem sonoridade diversa até chegar a *Vinculo*. Este é o nome da sua loja no Shopping Galleria.

“É um nome forte para representar a roupa diferenciada, que não cai no básico”, diz ela. O vínculo a que se refere representa a ligação que tem com os clientes. “As filhas de minhas clientes se tornaram freguesas também”. A loja tem quatro anos, mas Sueli conquistou clientes quanto abriu na Rara Efeito, outra loja com nome raro.

Sueli vende marcas de roupas e acessórios com nomes inusitados, como Cia do Linho, Cantão, Tulina e Selo de Controle. Para reforçar a opção por nomes diferentes e distantes do inglês, ela conta a história de uma mulher que foi comprar uma calça Fiorucci, mas não sabia dizer o nome. Quando a vendedora descobriu, avisou que não tinha a calça e indicou uma loja chamada Up-To-Date. Como a mulher não conseguia pronunciar o nome, desistiu da compra. “O cliente não tem obrigação de saber falar inglês, por isso investi na simplicidade e deu certo”.

Carlos Eduardo Siqueira Sampaio apostou no nome diferente e no inglês. “Até hoje, depois de 20

anos, as pessoas perguntam o porquê do nome”, referindo-se à Limonade, nome à loja do centro e do Shopping Iguatemi. A palavra era uma gíria de surfista californiano dos anos 80 que queria dizer “dá um tempo”.

As lojas da Limonade estão cheias de inglês. Há pôsteres, anúncios e frases espalhados pela paredes. Todas no idioma do Tio Sam. O alvo, assegura Sampaio, são os jovens.

Maria da Conceição Simões Gonçalves da Silva é proprietária de uma franquia da loja Corpo & Alma, marca carioca bastante difundida no Rio. “O nome é consagrado porque existe há 18 anos e vende muito em função da própria marca”, diz.

O público são mulheres com em média 30 anos, independentes, que trabalham fora, usam moda casual e gostam de se sentir na moda e bonitas. Maria tem uma boa explicação para o nome: “Uma roupa bonita veste o corpo e faz a alma da mulher se sentir bem”.

A Helateria Massera é uma conhecida marca de sorvete — helada, em espanhol — na Argentina. Há sete meses chegou a Campinas, mas no começo foi difícil identificá-la como sorveteria. “Acho que se tivesse o desenho de um sorvete na placa, funcionaria melhor”, admite a gerente Geni Guimarães. Mas ela aposta no fato de estar no Cambuí e de muita gente do bairro conhecer a Argentina, onde existem 370 lojas da marca. (JN)

Foto: Anselmo Mariz

Do espaço ao papel

Do espaço ao papel

Luciano Castro Lima

Introdução à Geometria

A geometria é a matematização do espaço em todas as suas dimensões. É a linguagem criada para a apreensão humana dos movimentos das formas, de suas variações e transformações. A criação desta linguagem se dá num processo de representação destas formas no desenho, na recriação do espaço na folha de papel para aí *apanhar* os seus movimentos quantitativos através da linguagem numérica. De forma geral, a geometria é a matematização do espaço para realizar a numeralização dos movimentos das formas.

A criação histórica da geometria aconteceu num movimento de decomposição sucessiva do espaço, partindo das três dimensões, passando pelas duas e concluindo-se na primeira dimensão. Este é o melhor caminho para a apreensão do conhecimento geométrico e, portanto, da sua aprendizagem. É por isto que vamos criar os elementos da geometria num movimento de decomposição que parte do espaço e vai até o ponto.

Esta dinâmica será também realizada no movimento inverso da composição, em todos os seus aspectos. O elemento fundamental para a visualização destes movimentos é o tijolo.

Historicamente foi a invenção do *tijolo que permitiu* a criação da geometria que parte da perspectiva espacial para chegar na plana. É nesta conversão desenho-corpo sólido e vice-versa que acontece o primeiro e primordial passo da geometrização (*alfabetização geométrica*) do pensamento.

Elementos da Geometria

O *tijolo* na composição e decomposição dos corpos no espaço

O tijolo é usado nas construções em larga escala. Assentando vários deles em diferentes formas obtemos casas, edifícios, muros e outras edificações, as mais variadas possíveis.

A principal utilidade do tijolo é a sua combinação em grandes quantidades para a composição de diferentes formas. É a combinação, a harmonia de dois contrários:

Com vários tijolos iguais podemos compor várias formas diferentes. Mas o movimento de composição sugere o seu contrário, a decomposição:



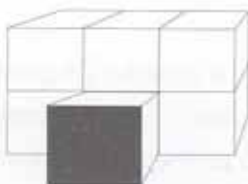
- os vários corpos com diferentes formas:



- podem ser visualizados como composições de vários tijolos:



- e decompostos em tijolos:

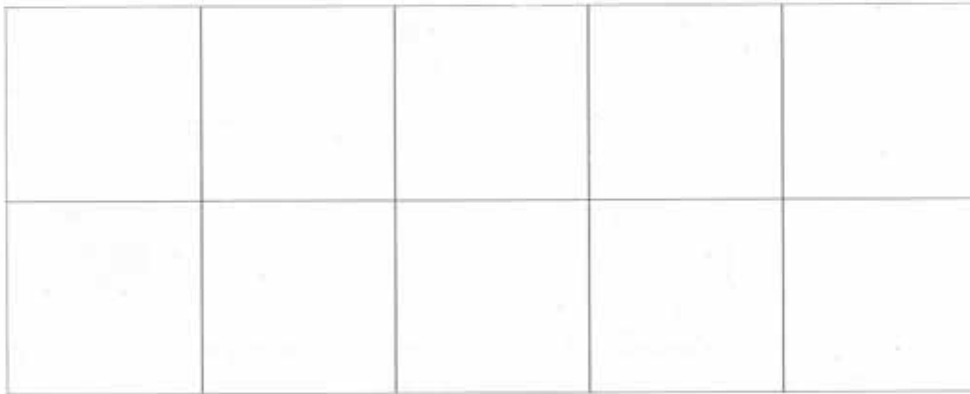


- que podem ser contados: 7 tijolos



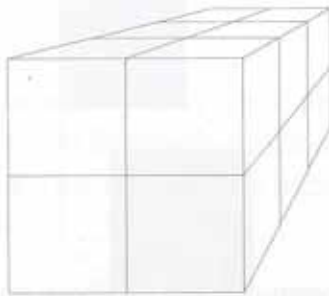
Atividades

- 1) Tome 5 tijolos (que podem ser cubos de papel, caixinhas de fósforo ou cubos de madeira do material dourado) e faça todas as composições possíveis, desenhando-as no caderno ou numa folha de papel sulfite branco:

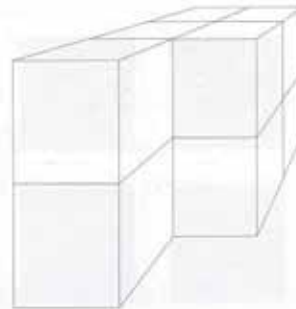


- 2) Faça com os tijolos as composições ilustradas pelos desenhos a seguir, indicando, ao final, quantos tijolos possui cada composição:

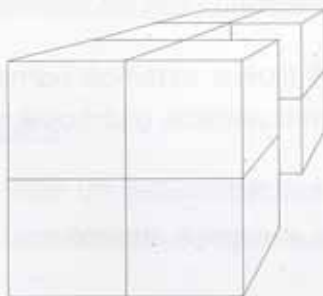
a)



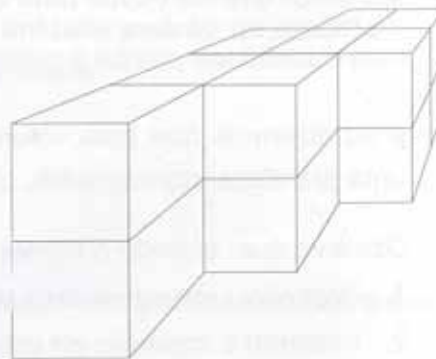
b)



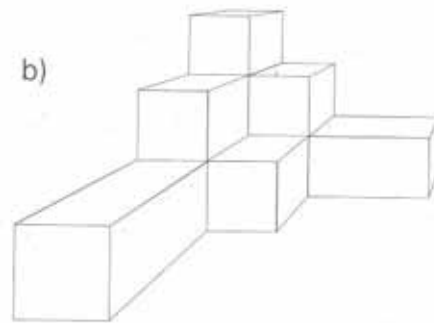
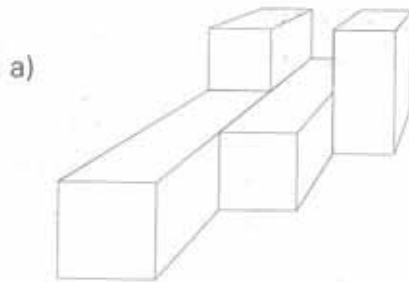
c)



d)



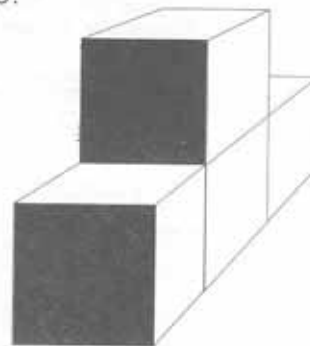
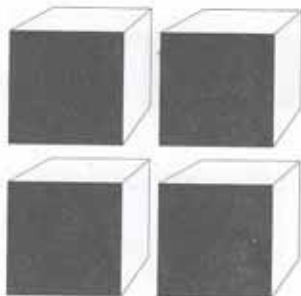
- 3) Nas composições a seguir foram colocados os tijolos e depois foi feito um reboque por cima cobrindo-os. Apesar disso, você pode indicar quantos tijolos formam a composição utilizando o senso de grandeza ou estimativa. Faça-o:



- 4) Nos exercícios anteriores – 1, 2 e 3 –, indique onde fizemos uma composição e onde fizemos uma decomposição.

O volume

Com quatro tijolos fizemos uma edificação:

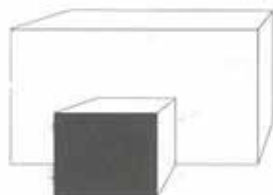


- sabemos que ela ocupa uma quantidade de espaço de quatro tijolos;
- esta quantidade possui a qualidade que leva o nome de volume;
- e ao dizermos que este volume é de 4 tijolos, estamos numeralizando uma grandeza usando outra, o tijolo, como unidade padrão de medida.

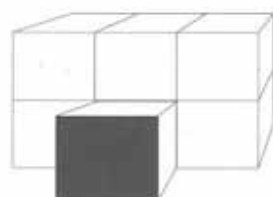
Observe que, quando o homem inventou o tijolo:

1. descobriu uma qualidade das coisas, o espaço, ou *volume*;
2. inventou a *medição de volume*;

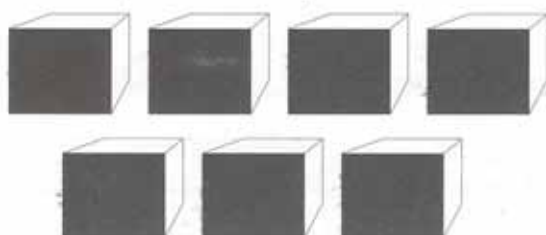
- observe uma composição com reboque:



- sem massa:



- e decomposta em 7 tijolos:



A quantidade de espaço que os tijolos ocupam nas três situações é a mesma. Na última podemos contar quantos são os tijolos, o que nos permite concluir que esta quantidade de espaço é de 7 tijolos. Ou seja, o seu volume é de 7 tijolos.

Trata-se da **medição por decomposição** numa unidade padrão de medida.

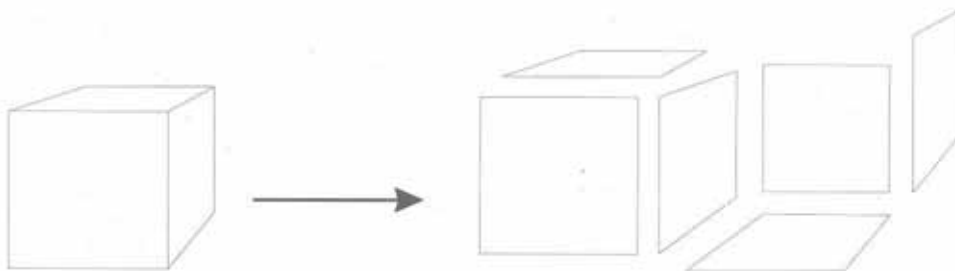
Medir é comparar uma grandeza que se quer numeralizar, com outra da mesma espécie estabelecida como unidade **padrão de medida**, decompondo aquela num certo número desta.

ATIVIDADES

- 1) Vamos fazer um estudo inicial do tijolo:
 - a) qual a qualidade do tijolo que temos trabalhado para numeralizar a sua grandeza?

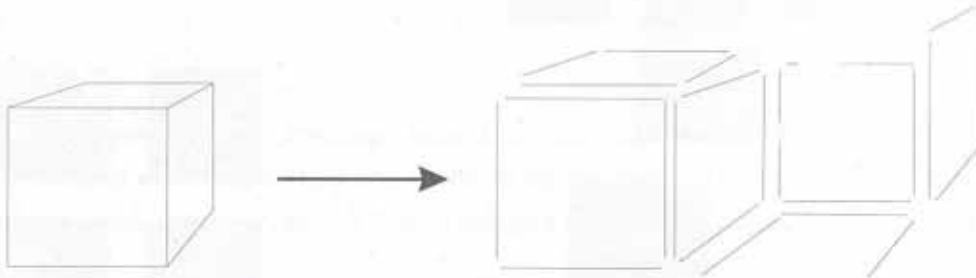
- b) Vamos *desmontar* esta qualidade numa mais simples; quais e quantas são as superfícies que caracterizam o tijolo?
- c) Vamos agora desmontar numa qualidade ainda mais simples; quais e quantos são os comprimentos que caracterizam o tijolo?
- d) Por fim, vamos indicar os elementos mais simples do tijolo; quais e quantos são os seus pontos mais importantes?

2) Agora observe a desmontagem que fizemos abaixo:

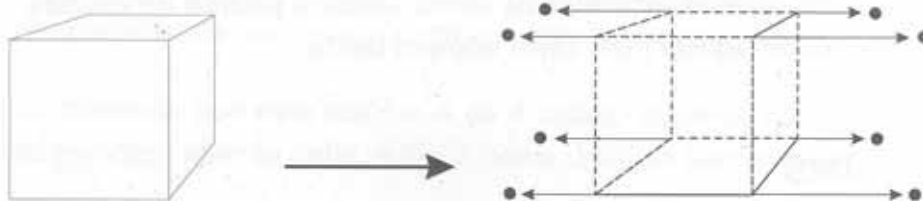


Complete a frase utilizando as qualidades volume, comprimento, ponto, e superfície.

Acima, desmontamos _____ em _____



Acima, desmontamos _____ em _____



Acima, desmontamos _____ em _____



Acima, desmontamos _____ em _____




Acima, desmontamos _____ em _____




Acima, desmontamos _____ em _____

3) Vamos acompanhar o movimento inverso, de montagem. Complete utilizando as qualidades volume, superfície, ponto e comprimento:

a) tomemos infinitas bolinhas de gude,  colocando-as uma ao lado da outra numa linha reta.



Imaginando que as bolinhas são pontos, podemos concluir que com vários _____ montamos um _____.

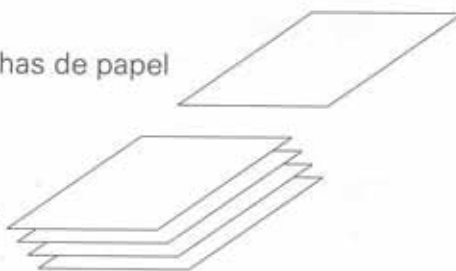
b) Colocando infinitos pedaços de linha de costura  um ao lado do outro:



e imaginando que as linhas são retas, podemos concluir que com infinitas _____ montamos um _____.

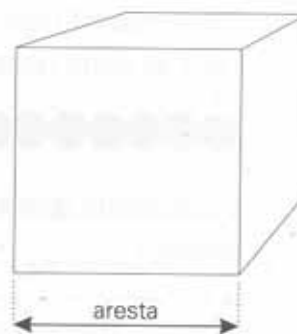
c) Colocando infinitas folhas de papel

umas sobre as outras:

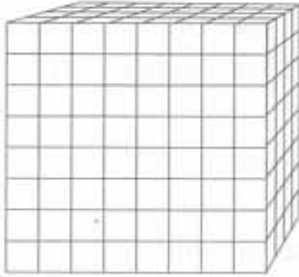


e imaginando que as folhas são superfícies, podemos concluir que com infinitas _____ montamos um _____.

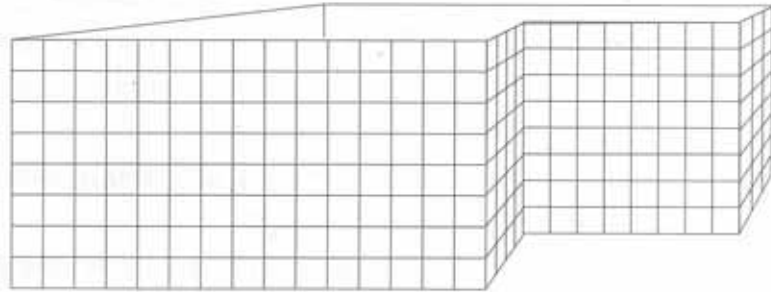
- 4) Construa, com os seus tijolos, um tanque que tenha 6 tijolos de comprimento, 5 de largura e 3 de altura. Lembre-se que o fundo do tanque é feito com uma camada de tijolos. Em seguida, responda as questões a seguir:
- Se completássemos totalmente o espaço interior com tijolos, quantos deles teríamos no total? Calcule o total de tijolos fazendo apenas cálculos.
 - Qual o cálculo que você fez?
 - Quantos *tijolos* de água poderíamos colocar no interior deste tanque?
 - Qual o cálculo que você fez?
 - Qual a diferença deste cálculo em relação ao anterior?
 - Nos cálculos anteriores utilizamos como unidade de medida o tijolo; e se utilizássemos como unidade de medida apenas o *comprimento da aresta* do tijolo:
 - Quantos tijolos teríamos no total, se completássemos o interior do tanque com tijolos?
 - E quantos *tijolos* de água caberiam no tanque?
 - Qual é a diferença entre os cálculos feitos com esta nova unidade de medida e a anterior?
- 5) Nas figuras a seguir temos os desenhos das construções de dois tanques. Calcule, para cada caso, os comprimentos das suas arestas e o volume da água que os mesmos comportam tendo como unidade de medida o tijolo.



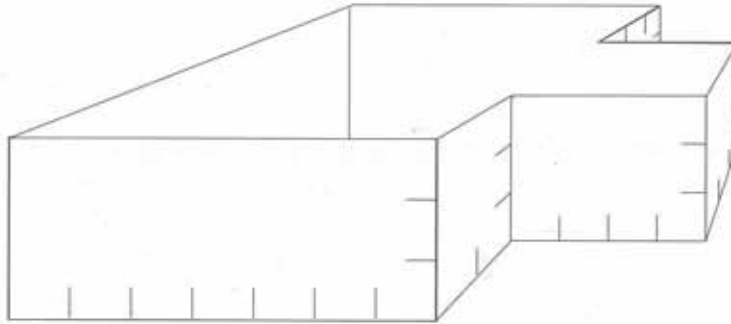
a)



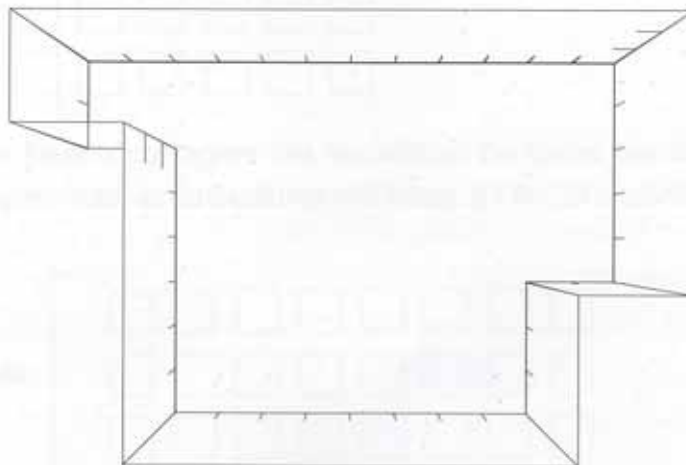
b)



- 6) O desenho abaixo é de um tanque visto de fora com as marcações feitas com a unidade de medida comprimento da aresta do tijolo; calcule o volume de água que comporta em *tijolos*.



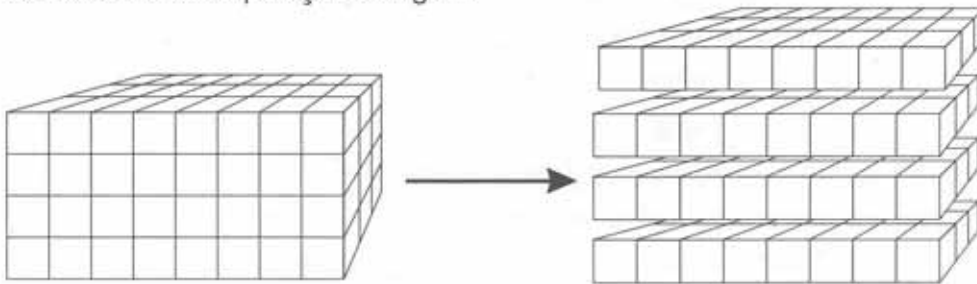
- 7) Temos no desenho abaixo a parte interna de um tanque visto de cima, com as marcações feitas tomando como unidade de medida a aresta do tijolo. Calcule o volume em tijolos de água que comporta:



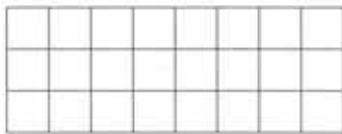
- 8) Doravante, quando falarmos de medidas de um tanque, estaremos nos referindo às suas medidas internas. Calcule:
- O volume de água em *tijolos* de um tanque que possui as seguintes medidas; 6 arestas do tijolo de altura, 10 arestas de comprimento e 8 de largura.
 - Um lavrador quer construir um tanque para armazenar 720 *tijolos* de água para a sua plantação:
 - Faça você o tanque com as medidas que achar conveniente; quais seriam elas?
 - Se o lavrador desejar que o tanque tenha 8 arestas de altura, quais poderiam ser as outras medidas?
 - Se o lavrador desejar que o tanque tenha 10 arestas de comprimento e 8 de altura, qual deve ser a largura do tanque?

Do volume à área

Observe a decomposição a seguir:



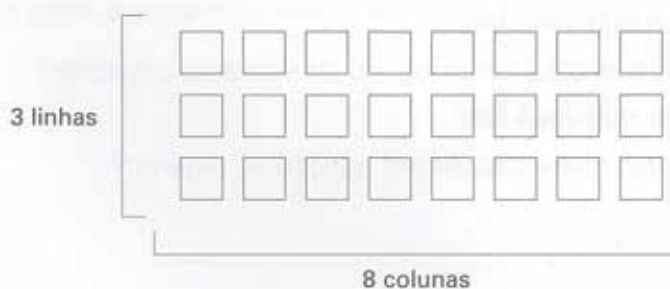
consideremos apenas uma destas partes vista de cima;



Esta figura que vemos é uma superfície. Ela é composta por superfícies iguais – as superfícies dos tijolos. Se fizermos a sua decomposição teremos:



podemos fazer a contagem das superfícies de tijolos usando o princípio multiplicativo: trata-se de 8 colunas e 3 linhas, $3 \times 8 = 24$ superfícies de tijolos;



juntos ou separados, os tijolos vão apresentar sempre a mesma superfície. Podemos concluir a superfície da figura corresponde à de 24 superfícies de tijolos. Esta é a numeração da superfície ou área.



Com relação à figura concluímos que:

- ocupa uma quantidade de superfície ou área equivalente a de 24 superfícies de tijolos;
- ao dizermos que esta área é de 24 tijolos, estamos numeralizando uma medida usando a área do tijolo como unidade padrão de medida. Observe que, quando o homem inventou o tijolo:
 1. descobriu a qualidade superfície ou *área*;
 2. inventou a *medição da área*.

ATIVIDADES

- 1) Quando decomposemos a superfície, vimos que ela se organiza em colunas e linhas de superfícies de tijolos:
 - a) Qual o nome que se dá à linha de tijolos?
 - b) Qual o nome que se dá à coluna de tijolos?
 - c) Qual o nome que se dá à quantidade de colunas de tijolos?
 - d) Qual o nome que se dá à quantidade de linhas de tijolos?

- 2) Construa, com os seus tijolos, uma superfície que tenha 8 tijolos de comprimento e 6 de largura. Em seguida, responda as questões a seguir:
 - a) Se completássemos totalmente a superfície interior com tijolos, quantos deles seriam necessários?
 - b) Qual o cálculo que você fez?
 - c) Quantos tijolos no total teríamos, no interior e no contorno?
 - d) Qual o cálculo que você fez?
 - e) Qual a diferença deste cálculo em relação ao anterior?

- f) Nos cálculos anteriores utilizamos como unidade de medida o tijolo; e se utilizássemos como unidade de medida apenas o *comprimento da aresta* do tijolo:

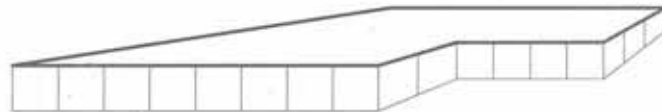
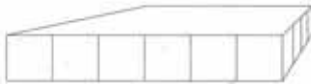


f1. Quantos tijolos teríamos no total, se completássemos o interior da superfície com tijolos?

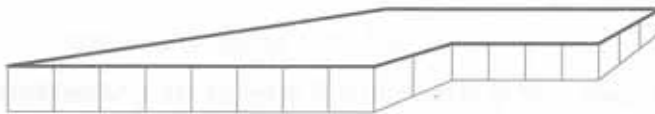
f2. Quantos tijolos caberiam no contorno?

- g) Qual a diferença entre os cálculos feitos com esta nova unidade de medida e a anterior?

- 3) Nas figuras a seguir temos os desenhos das construções de duas superfícies. Calcule, para cada caso, os comprimentos das suas arestas e a área que as mesmas ocupam tendo como unidade de medida o tijolo.

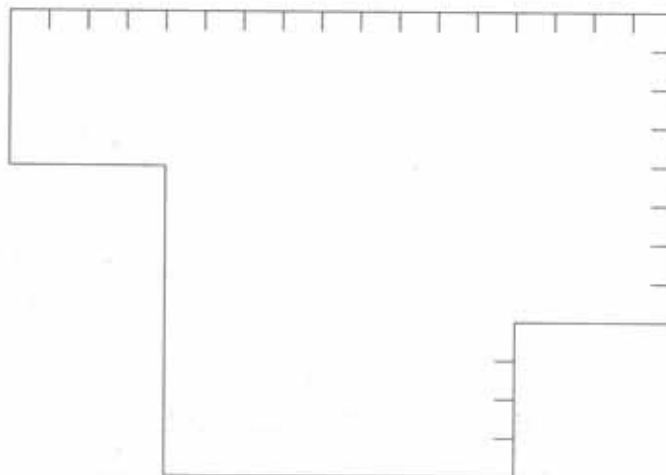


- 4) O desenho abaixo é de uma superfície com as marcações feitas com a unidade de medida comprimento da aresta do tijolo; calcule a sua área em tijolos.



- 5) No caso do volume, havia uma diferença quantitativa quando se tomava o espaço interno e o espaço total. Existe esta diferença na superfície, no caso entre a superfície interna e a total? Por quê?

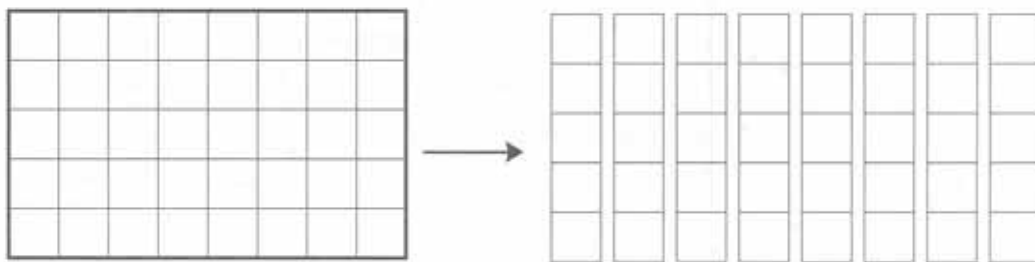
- 6) Temos no desenho abaixo uma superfície com as marcações feitas tomando como unidade de medida a aresta do tijolo. Calcule a sua área em tijolos:



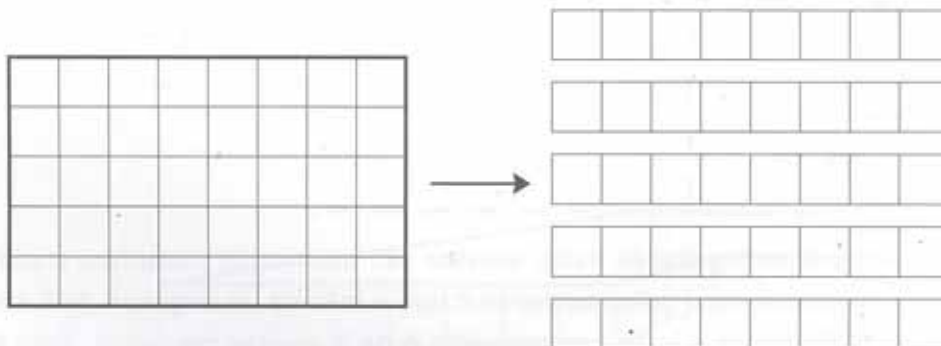
- 7) Calcule a área que possui as seguintes medidas; 10 arestas de tijolo de comprimento e 9 de largura.
- 8) Um lavrador quer cercar uma área que corresponda a superfície de 48 tijolos. Faça você a área com as medidas que achar conveniente; quais seriam elas?
- 9) Se o lavrador desejar que a área tenha 8 arestas de comprimento, qual seria a outra medida?
- 10) Se o lavrador desejar que a área tenha 4 arestas de largura, qual deve ser o seu comprimento?

Da área ao comprimento

Nas atividades anteriores, vimos que o volume é decomposto em superfícies, isto é, em áreas. As áreas, por sua vez, podem ser decompostas em colunas:

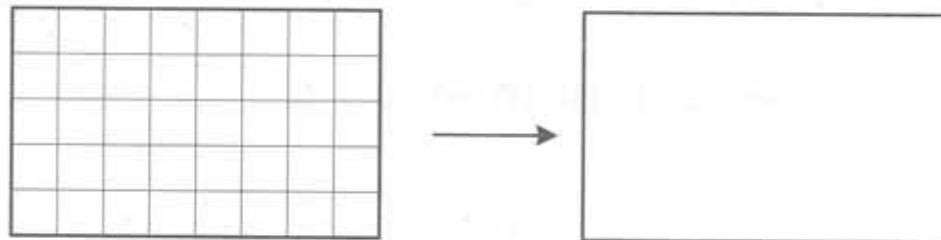


e aí teremos 8 colunas de 5 tijolos;
ou em linhas:

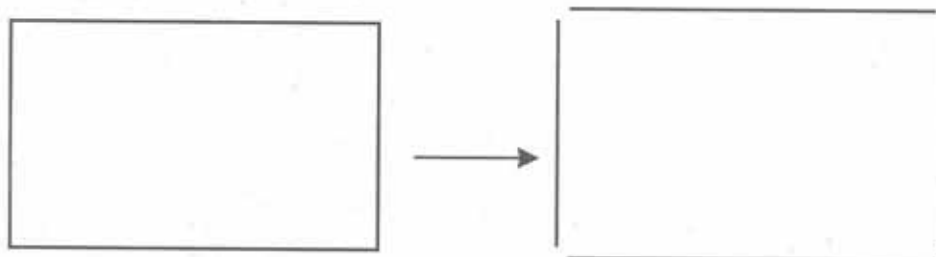


e aí teremos 5 linhas de 8 tijolos;

tomando-se apenas as arestas dos tijolos, o seu contorno externo:



teremos os lados da superfície:



que correspondem às arestas da coluna e da linha:



estes lados são chamados de largura (coluna) e o comprimento (linha);
estes lados foram compostos a partir das arestas dos tijolos:



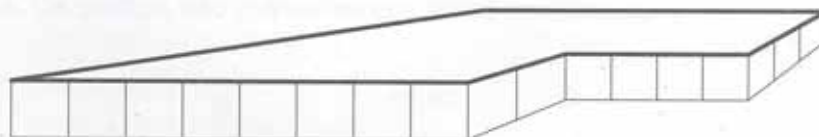
- juntas ou separadas estas arestas vão apresentar sempre o mesmo comprimento. Podemos concluir que a medida da largura é de 5 arestas de tijolos e a do comprimento é de 8 arestas de tijolos. Esta é a numeração dos lados, da sua qualidade **comprimento**.

Com relação aos lados concluímos que:

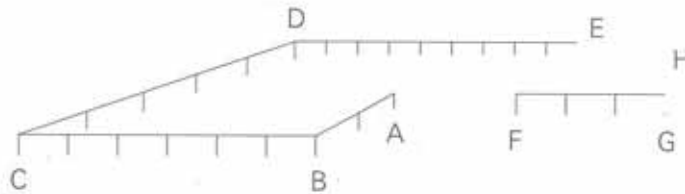
- ocupam uma quantidade de **comprimento** equivalente a de 5 e 8 arestas de tijolos respectivamente.
- A qualidade quantificada é o comprimento.
- e ao dizermos que estes comprimentos são de 5 e 8 arestas de tijolos estamos numeralizando uma medida usando o comprimento do tijolo como unidade padrão de medida. Observe que, quando o homem inventou o tijolo:
 1. descobriu a qualidade *comprimento*;
 2. inventou a *medição do comprimento*.

ATIVIDADES

- 1) Construa, com os seus tijolos, um comprimento de 7 tijolos. Corte um barbante com este comprimento e responda as questões a seguir:
 - a) Os comprimentos dos tijolos e do barbante são iguais ou diferentes? Por quê?
 - b) Os volumes dos tijolos e do barbante são iguais ou diferentes? Por quê?
 - c) As áreas dos tijolos e do barbante são iguais ou diferentes? Por quê?
 - d) Em que qualidade os tijolos e o barbante são iguais?
 - e) E em quais são diferentes?
- 2) Nas figuras a seguir temos os desenhos das construções de duas superfícies. Calcule, para cada caso, os seus comprimentos e larguras.



- 3) No desenho ao lado temos um caminho com as marcações feitas com a unidade de medida comprimento da aresta do tijolo; escreva, para cada trecho, a sua medida de comprimento.



- a) Trecho AB c) Trecho CD e) Trecho EF g) Trecho GH
 b) Trecho BC d) Trecho DE f) Trecho FG h) Todo caminho
- 4) Temos no desenho a seguir um caminho com as marcações feitas tomando como unidade de medida a aresta do tijolo. Escreva, para cada trecho, a sua medida de comprimento:



- a) Trecho AB c) Trecho CD e) Trecho FG g) Trecho DG i) Trecho CF
 b) Trecho BC d) Trecho EF f) Trecho AC h) Trecho BF g) Todo caminho
- 5) Decompomos o volume em áreas e a área em comprimentos. O que resultaria a decomposição do comprimento no seu elemento mais simples?

A anatomia do espaço: a geometria

O trabalho humano, nas construções que desenvolveu de casas, monumentos e muralhas, decompôs sucessivamente o espaço até chegar no seu elemento mais simples: o ponto. Os matemáticos gregos, acompanhando este movimento da vida feito com as mãos, transformaram-no numa teoria – a geometria.

Geometria, em grego, significa medição da terra. Ela nasce, portanto, quando o homem inicia o seu trabalho com a terra e tem a sua primeira estruturação conceitual, enquanto conhecimento abstrato, com os geômetras gregos.

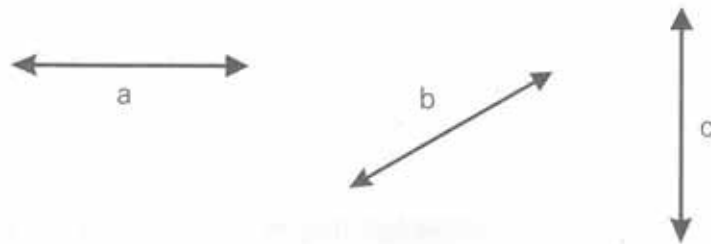
A maior contribuição para esta teorização foi feita por Euclides que viveu entre os séculos IV e III a.C. e que lecionou na cidade de Alexandria (Egito), o grande centro de produção de idéias daquele período. Na sua obra *Os Elementos*, sintetizou e desenvolveu o conhecimento geométrico acumulado até então pelas grandes civilizações da antiguidade.

Na sua decomposição ou anatomia do espaço, chegou nos termos geométricos que não são definidos, mas intuídos, conhecidos por suas propriedades. São eles: o ponto, a reta e o plano, chamados de conceitos primitivos. Elaborou a sua teoria no sentido inverso, da composição, do elemento mais simples – o ponto – ao mais amplo – o espaço.

- **Ponto:** faça uma pequena marca com a ponta do lápis na folha do seu caderno. Esta é uma idéia grosseira do que é um ponto. Quanto mais fina a ponta do seu lápis, melhor. Mesmo assim, a idéia será sempre aproximada, porque enquanto a marca ocupa alguma área, um ponto não ocupa área alguma. Os pontos são indicados por letras maiúsculas.



- **Reta:** Os pontos compõem uma reta. Mas o fazem de um modo especial. Imagine um barbante bem fino e esticado, prolongando-se indefinidamente nos dois sentidos contrários, como uma linha reta. Se você, na sua imaginação, conseguir pensar que este barbante não tem espessura, então idealizou o que é uma reta. Vamos indicá-las por letras minúsculas.



As retas são compostas por pontos, infinitos pontos. Mas nem todo ponto compõe uma determinada reta:



o ponto M não compõe a reta r.

o ponto A compõe a reta r.

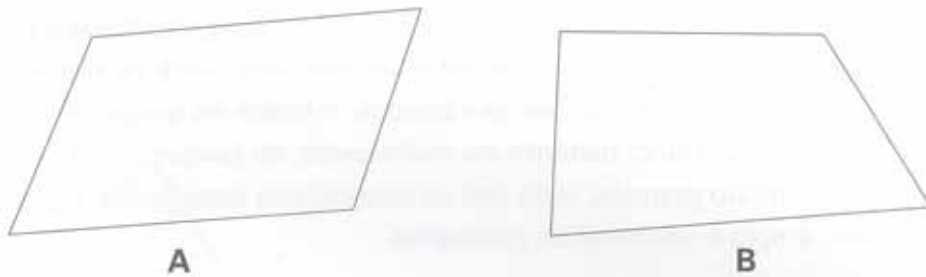
- **Segmento de reta:** Tomemos dois pontos A e B quaisquer de uma reta r que não sejam coincidentes.



A composição de todos os pontos da reta de A até B (que estão entre A e B) chama-se segmento \overline{AB} .

Indica-se AB ou BA, sendo A e B as extremidades do segmento.

- **Comprimento:** é a distância entre as extremidades de um segmento. A sua medição do comprimento de um segmento é feita comparando-o com outro segmento tomado como unidade de medida.
- **Plano:** pontos compõem retas; as retas compõem um plano num movimento especial. Imagine uma folha de cartolina estendendo-se em todas as direções. Esta é uma idéia aproximada do que é um plano. Eles serão indicados por letras maiúsculas.



No desenho, representamos os planos por figuras fechadas por impossibilidade de desenhar a sua extensão infinita.

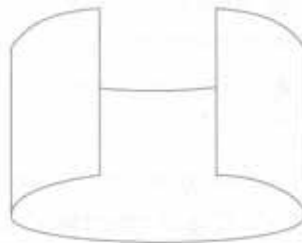
- **Superfície:** tome em suas mãos uma folha de papel de seda o mais fina possível. Com ela você terá a imagem mais aproximada do que os matemáticos entendem por superfície.

Superfície é a parte visível de um corpo.

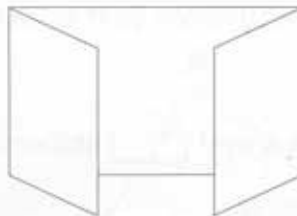
Tome uma folha de papel de seda,



ela pode estar *enrolada*,



ou *dobrada*.



Constitui-se sempre em uma **superfície**.

Área é a medida de uma superfície.

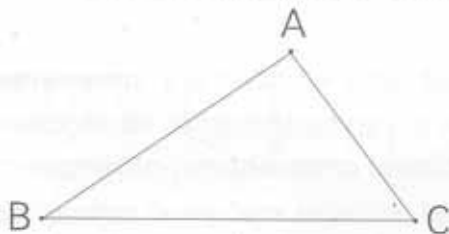
- **Espaço:** os planos compõem o espaço. Olhe para frente, para trás, para cima, para baixo, enfim, para todas as direções. Você vê vários objetos. Todos os que você vê, que são poucos, e todos os que você não vê, ou porque estão muito distante, ou muito perto, ou porque são muito pequenos ou muito grandes, tudo isto se encontra no espaço. Ele é o elemento mais amplo e universal da geometria.
- **Sólido e volume:** o nosso ponto de partida são os objetos que existem na natureza. Todos eles ocupam uma determinada *porção de espaço*. Recebem o nome de sólidos.

O volume de um sólido é a *porção* de espaço que ele ocupa.

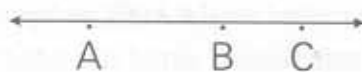
ATIVIDADES

- 1) Desenhe uma reta r e os pontos M , N e P que componham r .
- 2) Desenhe uma reta r , os pontos A e C que componham r , e os pontos M , N e P que não a componham.
- 3) Desenhe uma reta, três pontos que a componham e três pontos que não a componham. Dê nomes à reta e aos pontos.
- 4) Desenhe um plano E , três pontos A , B e C que o componham e dois pontos M e N que não o componham.
- 5) Desenhe um plano E , uma reta r que o componha e uma reta s que não o componha.
- 6) Desenhe um plano E , uma reta r que o componha, dois pontos A e B que componham r , um ponto C que componha E , mas não r , e um ponto D que não componha E .
- 7) Encontre todos os segmentos com extremidades nos pontos dados:

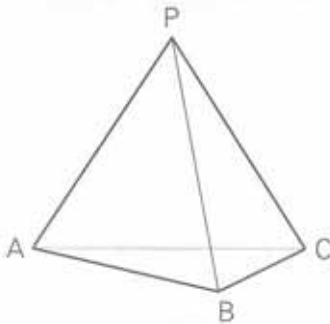
a)



b)



- 8) Escreva todos os segmentos com extremidades nos pontos dados:



- 9) Indique quais das grandezas a seguir possuem medidas de comprimento:

- a altura de uma pessoa;
- a água que cabe no copo;
- a área de um campo de futebol;
- a distância entre a escola e a nossa casa.
- o peso de uma pessoa;

- 10) Nas figuras a seguir temos algumas grandezas que se quer medir e, ao lado, algumas unidades de medida (à direita), que podem ser escolhidas. Indique as letras que correspondem às unidades de medida mais adequadas:

a) _____

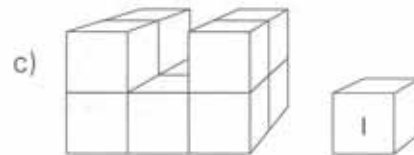
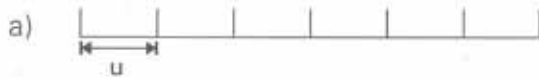


(c) _____

- 11) Utilizando como unidade de medida  faça a medição dos segmentos a seguir:



12) Escreva a medida das grandezas desenhadas a seguir, utilizando como unidade de medida as grandezas representadas por letras minúsculas:



13) Tente escrever, com suas palavras, as diferenças e o que há de comum entre:

a) reta e comprimento;

b) superfície e plano;

c) espaço e sólido;

d) reta e segmento de reta;

e) área e superfície;

f) volume e espaço.

14) Descubra na segunda coluna, a letra que tem relação com os elementos da primeira:

- | | |
|-----------|---|
| a) Ponto | (a) Possui uma área infinita mas não possui volume |
| b) Reta | (b) Possui um volume infinito |
| c) Plano | (c) Possui um comprimento infinito mas não possui; volume |
| d) Espaço | (d) Não possui volume, área ou comprimento |



Parceiros:



**MINISTÉRIO DO
TRABALHO E EMPREGO**



PUC-SP, COPPE-UFRJ, Unitrabalho, Dieese, Rede Nacional de Formação – CUT

Créditos gerais da CNM / CUT

Direção CNM / CUT

Presidente:

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro

Vice-presidente:

Antonio Balbino

Secretário Geral:

Marco Aurélio Spall Maia

Secretário de Administração e Finanças:

Wilson Fernando da Silva

Secretário de Relações Internacionais:

José Domingues Cardozo

Secretário de Formação:

Fernando Augusto Moreira Lopes

Secretário de Política Sindical:

Carlúcio Castanha Jr.

Secretário de Imprensa e Divulgação:

Jair Mussinato

Secretário de Organização:

Luci Paulino de Aguiar Olivieri

Secretário de Políticas Sociais:

Eliezer Mariano da Cunha

Secretário de Saúde:

Luiz Carlos Prates

Direção Executiva:

Abel Burgdurff de Moraes

Ademir Acosta Pereira Bueno

Ana Paula Rosa de Simone

Cláudio da Silva Rodrigues

Edgar Aires da Paixão

Emília Maria Santana Valente

Eremi Fátima Melo Fragoso

Israel Pinheiro

Jadir Baptista de Araújo

José Luiz Teixeira

José Santana dos Santos

Luiz Cláudio do Patrocínio

Marcelo Ferraz de Toledo

Marcio Ferraz

Marco Antonio de Jesus

Marcos Antonio Seibert

Marino Vani

Pedro Henrique Correia

Sergio Ivan Marchetti

Sergio Murilo Fernandes Ramos

Shakespeare Martins de Jesus

Sullivan Santa Brígida

Uriel Villas Boas

Wilson Roberto Caveden

Conselho Fiscal:

Gilmar Neumann, Sergio Nobre, Francisco de Assis Diniz, Wilson Vieira, Jari Henrique Maquine, Raimundo Bertuleza

Créditos gerais do Programa Integrar

Conselho de Gestão:

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
 Fernando Augusto Moreira Lopes
 Marco Aurélio Spall Maia
 Wilson Fernando da Silva
 Dirigente responsável:
 Fernando Augusto Moreira Lopes
 Coordenador de Projetos:
 Kokiti Nelson Nakamoto
 Coordenador Técnico Nacional:
 Tarciso Celso Vieira de Vargas

Equipe Nacional

Programa Integrar Desempregados:

Marcia Trezza, Maria da Conceição Santin Capello,
 Maria do Carmo de Sousa, Marisa Fortunato, Rosí Ramos

Programa de Formação de Dirigentes:

José Maria Dutra, Márcia Trezza, Marisa Fortunato

Programa Integrar para Empregados:

Almir dos Santos Alves, Rosí Ramos

Laboratório de Desenvolvimento Sustentável Solidário:

Epitácio Luiz Epaminondas, Maria da Conceição Santin Capello, Rubens Xavier Martins

Coordenadoria Administrativa Financeira:

Fátima Rodrigues, Lia de Souza Araujo, Ricardo Tadeu Alves

Físico:

Maria da Conceição Campanha

Secretaria:

Derli Aparecida de Oliveira, Soraia Guimarães Costa

Profissionais colaboradores – PUC/SP:

Maria Nilde Mascellani/ Odair Furtado/Selma Siqueira Carvalho

Projeto São Paulo

Conselho de Gestão
 Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
 Fernando Augusto Moreira Lopes
 Marco Aurélio Spall Maia
 Wilson Fernando da Silva
 Wilson Roberto Caveden
 Coordenador Político
 Wilson Roberto Caveden

Equipe

Coordenador Técnico:

Archimedes Felício Lazzeri

Assessores:

Lenir Viscovini, Vera Lúcia de Carvalho Izuno

Assistentes de Formação:

Edison Ignácio Marin da Silva, João Paulo de Oliveira, João Vicentini Neto, Marcelo Cazelato, Osmael Claudiano Pires, Aparecido Gonçalves Petrucci, Dumara Regina de Lima, Paula Márcia Dias Rogovschi, Vitor Renato Finotti, e Vera Aparecida Giannini

Responsável Local:

Maria Muniz, Cícero Oliveira Araújo, Antônio Rodrigues Monteiro, José Wilson Barbosa, Antônio de Azevedo Dias, Paulo Alves Gonçalves, Cristóvão F. da Silva, José Carlos dos Santos, Luiz Batista do Nascimento, Eliseu Soares Rodrigues, Flávio Rangel de Souza, Marçal Magalhães de Souza, Rita da Silva Carlos, Sueli Aparecida Nalesco, Maria Isabel Camilo Demarchi, Sebastião Florêncio da Cruz, José Antonio Souraty, Eugênio José Pereira, Juvenal da Silva Rezaghi

Auxiliar Administrativo:

Glauco Ignácio Malta, Gláucia Adriane R. Lima, Márcia Cristine Ostorlein, Ivete Aparecida Simão

Auxiliar de Serviços Gerais:

Sônia Aparecida Antunes

Educadores:

José Reinaldo Miranda de Souza, Sebastião da Silva Magalhães, Sebastião Maurílio Arsani, Vera Lúcia Gonçalves Fioriño, Fernando Ricardo de Jesus, Ana Maria da Silva, Antônio Donizete Lopes, Fábio Rodrigues, Haroldo Ferreira Rodrigues, Noé Humberto Cazetta, Maria da Penha Simão, Eduardo Magalhães, Gislene Ferreira da Silva, Néelson Hipólito da Silva, Vânia Cruz dos Santos, Amanda de Oliveira, Antônio Alberto Trindade, Antônio Fontanezi, Emir Alves da Silva, Vinícius Tertuliano, Aparecido Lino do Prado, Lígia Terçariol, Rubens Alonso Filho, José Ricardo de Andrade, Márcia Rosa M. de Barros, Elisia Silva Maia, Karin Andréa Bottini, Roney José Ferreira, Solange Guerreiro, Aparecido Rodrigues Leite, Fabiano Cândido Ferreira, Fabrício Alexandre Sanas, Nilton Gardini, José Carlos da Silva, Sandra Aparecida A. de Andreatti, Dirceu Briques Jr., Glauciane S. C. Reis, Ismael Nunes Pereira Filho, Karina de Souza, Luiz Carlos Cáceres, Vitor Joaquim do Carmo, Aparecido Soares de A. Filho, Cristino Justino da Silva, Genivaldo de Souza Almeida, Levi Costa de Oliveira, Marcos do Carmo Valter, Sílvio Projante Neto, Jerônimo de

Almeida Neto, Maria de Lourdes V. de Oliveira, Eduardo Jesus Lima, José Eduardo Fernandes, Célio dos Santos Fagundes, Vornei José do Amaral, Fabiana Martins da Costa, Eliane Nora Bittencourt, Rosalvo Ferreira dos Santos, Ana Karina Marques, Alice Aparecida C. Ambrogli, Almir Lemes da Silva, Josival dos Santos Oliveira, Marcelo Luiz Teixeira Leite, Edmilson Barbosa, Maria Cândida Costa Carvalho, Paulo Henrique de Oliveira, Washington Luiz Marcondes Leite, Aparecido Fernandes, Gláucia de Fátima Matos, Klauber Marcelo Veras, Cássio Rogério Lacerda, Pedro Alves Cardoso, Carlos Guilherme de Souza, Claudinê Mendes da Silva

Secretária:

Daniela Loureiro Lolli

Recepcionista:

Maísa da Silva Eulálio.

Parcerias:

Universidade Católica(PUC-SP)/Coordenação dos Programas de Pós Graduação em Engenharia – Universidade Federal do Rio de Janeiro(COPPE) / Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho - Unicamp (CESIT-Unicamp) /Centro Federal de Educação e Tecnologia - CEFET São Paulo/Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio Econômicos (DIEESE) /Secretaria de Emprego e Relações do Trabalho do Estado de São Paulo (SERT)/Escola Sindical São Paulo

Projeto Rio Grande do Sul**Programa Integrar Desempregados – RS****Conselho de Gestão:**

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Fernando Augusto Moreira Lopes
Marco Aurélio Spall Maia
Maria Eunice Wolf
Marino Vani

Coordenador Político:

Marino Vani

Equipe**Coordenadora Técnica:**

Solange Beatriz Marmitt

Assessores:

Soloá Citolin
Luiz Claiton Manfro Schinoff
Roselaine Lourenço Kardel

Assistentes de Formação:

Alva Cinara Manfro Schinoff, Débora Bernardo da Silva, Giane Lúcia Santos Silveira, Nei Alberto Pies

Auxiliares Administrativos Locais:

Eduardo da Silva Severo, Glacia Soares, Jeane

Anchieta da Costa Fadini, João Antônio Moraes Rodrigues, Joel Henrique Pavan, Josiane Daubermann, Luciano da Silva Jardim, Luiz Humberto Fagundes Saldanha, Pedro Rosa dos Santos, Ronei Paula Vieira Lopes, Roseleine Teresinha de Almeida, Tatiana de Bittencourt, Thais dos Santos Carvalho, Vera Lúcia Binotti

Auxiliar Administrativo:

Jorge Hilton da Silva Pereira, Luiz Antônio Pereira, Maria Inês Blasina Leite

Auxiliar de Serviços Gerais:

Terezinha de Lurdes dos Santos

Caixa:

Sandro Carpes dos Santos

Contabilista:

Romilda Nunes de Oliveira

Educadores:

Adonoir Romeu do Amaral, Alessandra Drebes, Antônio Cesar Soares, Antônio Rosa dos Santos, Aquiles Jacob Klein, Batista Nunes de Oliveira, Carlos Alberto da Luz, Cláudia Marques da Silva, Clecimara Vianna, Elio Jandir Racoski, Helena Teresinha Grings, Iuri João Azeredo, Izolde Lourdes Musa da Silva, Jefferson Rosa de Almeida, José Antônio Rossa, Lourdes do Prado, Luciano Duarte de Oliveira Lima, Luiz Fernando de Oliveira, Marcos Antônio de Oliveira, Maria do Carmo Canani, Maria Bernadete Buzzatti de Oliveira, Maria Francisca Dutra Coletti, Mauro Luiz de Oliveira, Newton dos Santos Abadie, Orlando Oliveira Pinheiro, Paulo Roberto da Silva, Régis Silva Souza, Roberto Rocha da Rosa

Assessora de Comunicação:

Marisa Ribeiro

Secretária Júnior:

Rosaura Vicente Ferraz

Recepcionista:

Vera Lúcia Cavalli Benincá

Convênio

Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas - CEFET

Centro de Assessoria Multiprofissional – CAMP

Patrocínio

Ministério do Trabalho/Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT

Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social – STCAS/RS

Projeto Rio de Janeiro**Conselho de Gestão:**

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Marco Aurélio Spall Maia, Fernando Augusto Moreira

Lopes, Wilson Fernando da Silva, Carlos Manoel Costa Lima

Coordenador Político:
Carlos Manoel da Costa Lima

Equipe

Coordenadora Técnica Pedagógica e Coordenador:
Maria Silvia da Conceição Passos, Sidney Motta de Oliveira

Assistente de Formação:
Débora Sales Baptista, Rosa da Costa Machado, Solange Bergami, Sidney Sebastião de Moura e Silva

Representante Local:
Otacilio José Machado Cerqueira, Paulo Roberto de Oliveira, João Carlos Nascimento, Carlos Augusto Asth Neto, Jose Maria Santana Costa, Ricardo Marques Correa, Alcides Castro Barbosa Filho, Antonio Fernando Diniz, Diogenes Israel Fernandes de Moraes

Administradora:
Néia Rodrigues Lobo

Assistente Administrativo:
Mauricio Bahia Lobo

Produtor:
Fábio Bezerra Cardoso

Auxiliar de Serviços Gerais:
Cristiano Henrique dos Santos

Educadores:
Benedito Dimas, Rosiléia Zacarias da Veiga, Alexander Noronha de Albuquerque, Marlene Cândida Barbosa de Paiva, Terezinha A. Pires Barbosa, Rita Érika Silva Molini, Josely Rodrigues da Silva, Patrícia Gomes dos Santos, Selma do Carmo Ribeiro, Wellington Wandroscki Pinheiro, Idair José de Carvalho, Cleber José da Silva, Luis Cláudio Machado, João Roberto M. D'almeida, Verônica Evangelista Lima, Baltazar Tavares da Silva, Mário Sérgio dos Reis, Jaime Leis Santiago, Claudionor Soares Barbosa.

Parcerias:
SETRAB - Secretaria do Estado do Trabalho, ETQRJ - Escola Técnica Federal de Química do Rio de Janeiro, CEDAC - Centro de Ação Comunitária

Projeto Pará

Conselho de gestão:
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Marco Aurélio Spall Maia, Fernando Augusto Moreira Lopes, Wilson Fernando da Silva, Sullivan Santa Brígida, Jakson Costa S., José C. F. Santos.

Convênios:
Núcleo de Auto Estudo Amazônico (NAEA), Escola Técnica Federal do Pará, SETEST e Governo do

Estado do Pará

Coordenador Político:
Sullivan Santa Brígida
Coordenador Técnico:
Lucidéia de Oliveira

Projeto Santa Catarina

Conselho de Gestão:
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Marco Aurélio Spall Maia
Fernando Augusto Moreira Lopes
Wilson Fernando da Silva
Jair Mussinato
Narciso Ferreira da Cruz

Coordenador Político:
Jair Mussinato

Coordenador Técnico:
Viviane Schumacher Bail

Assessor Pedagógico:
José Teixeira Chaves

Setor Administrativo:
Sebastião Silva Camargo

Coordenador:
Ana Claudia Dutra Bomfim

Professores:
Alfrio Rocha Martins
Elisabete Pinto Varela
Marta Regina Heinzelmann
Rudimar Fernandes de Stefani

Responsáveis Locais (pelos sindicatos):
Jesuino Pereira dos Santos
Genivaldo Marcos Ferreira
João Batista Souza

Assessoria de Comunicação:
Flávia Maria Franchini Ribeiro

Parcerias:
Secretaria do Estado e Desenvolvimento Social e da Família/Universidade para o Desenvolvimento de Santa Catarina (UDESC)/Universidade de Joinville (UNIVILLE)/Escola Técnica Federal de Santa Catarina/ Fundação Universitária da Região de Blumenau (UNITRABALHO), Escola Sindical Sul

Projeto Paraná

Conselho de Gestão:
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Marco Aurélio Spall Maia, Fernando Augusto Moreira Lopes, Wilson Fernando da Silva, Jair Mussinato

Convênios:

Centro Federal Educação e Tecnologia (CEFET)/
Secretaria de Emprego e Relações do trabalho do
estado Paraná (SERT)

Coordenador Político:

Valdenor Paulo do Nascimento

Coordenador Técnico:

Valdenor Paulo do Nascimento

Equipe**Assistente de Formação:**

José Amauri Tizot

Educadores:

Atamir dos Santos, Luciane Tessaro, Luciane Favio
Scoreptegagna, Luciano dos Santos

Projeto Espírito Santo**Conselho de Gestão:**

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Marco
Aurélio Spall Maia, Fernando Augusto Moreira
Lopes, Wilson Fernando da Silva, Marcos Seibert,
Ricardo Luiz da Silva, José Pereira

Parcerias:

Secretaria da Justiça e Cidadania (SEJUC)/Escola
Técnica Federal do Espírito Santo/Universidade
Federal do Espírito Santo.

Coordenador Político:

Marcos Seibert

Coordenador Técnico:

Edivaldo de Assis

Projeto Minas Gerais**Conselho de Gestão:**

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Marco
Aurélio Spall Maia, Fernando Augusto Moreira
Lopes, Wilson Fernando da Silva, Marco Antonio
de Jesus, CUT ESTADUAL, Antonio Roberto
Lambertucci.

Parcerias:

Secretaria do Estado do Trabalho e de Assistência
Social à Criança e Adolescente (SETASCAD) Escola
Sindical 7 de Outubro

Coordenador Político:

Marco Antonio de Jesus

Coordenador Técnico:

Antônio Carlos Sacramento

Projeto Bahia**Conselho de Gestão:**

Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro, Marco
Aurélio Spall Maia, Fernando Augusto Moreira
Lopes, Wilson Fernando da Silva, Maria das Dores
Loiola Bruni, Roque Assunção

Coordenador Político:

Fernando Augusto Moreira Lopes

Equipe**Coordenadora Técnica:**

Elenir Alves

Assistente de Formação:

Débora Rodrigues da Silva, Senildo Paulino de
Santana

Apoio:

Antonio José da Silva, Bárbara Vieira, Ricardo de
Assis Said, Maria Auxiliadora Lobo Alvim

Educadores:

Claudia Pereira Vasconcelos, Ednei Mendonça
Oliveira, João Magno Chaves, Maria Durvalina
Cerqueira Santos, Robson Carlos Almeida Correia,
Roquevaldo Ferreira Dantas.

Parceiros:

SETRAS – Secretaria do Trabalho e Ação Social,
SEDEC – Secretaria do Desenvolvimento Econômi-
co de Simões Filho, Prefeitura Municipal de Dias
D'ávila, Paróquia Santa Mônica – Cajazeiras –
Salvador, Escola Tia Ana – Dias D'ávila.

Crédito das Áreas**Inglês**

Denise Bértoli Braga – Prof. do Departamento de
Linguística Aplicada da UNICAMP e colaboradoras
Prof. Maria da Glória de Moraes e Prof. JoAnne
Busnardo. Ilustrações: Paulo Vitor Gurtler e
Marcos Assano

Edilene Aparecida Ropoli – Analista de Sistema e
mestranda da Faculdade de Educação Unicamp e
membro do NIED (Núcleo de Informática Aplicada
à Educação) - Unicamp

Helena Bins Ely – Educadora da Escola Sindical
São Paulo

Português

Luiz Percival Leme Brito – Presidente da Associa-
ção de Leitura do Brasil (ALB). Professor do
Programa de Mestrado em Educação, da Universi-
dade de Sorocaba - UNISO

História

Laura Antunes Maciel – Departamento de História da UNESP/Assis

Geografia

Sônia Morandi – Professora de Geografia do CEETEPS (Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza) aluna do curso de Pós-graduação da USP (Universidade de São Paulo) – Departamento de Geografia Humana.

Matemática

Luciano Castro Lima – Professor da Escola Nova Cultura, Coordenador de Matemática no Núcleo Multidisciplinar da Faculdade de Educação da USP, integrante do PEC – Projeto de Educação Continuada da Zona Leste e presta assessoria na área de matemática em escolas particulares

Ciências

Roosevelt Kiyohisa Fujikawa – Professor do Colégio Equipe

Marilena Nakano – Professora de Didática da Fundação Santo André, assessora da ANTEAG (Associação Nacional dos Trabalhadores de Empresas de Auto – Gestão), membro do G.T. de Economia Solidária da Fundação UNITRABALHO, Presidente do CEPS (Centro de Estudos Políticos e Sociais do ABC).

Sérgio Martins – Professor Dr. da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Universidade de São Paulo) arquiteto, artista plástico e artista gráfico.

Organizadores:

Luiz Percival Leme Brito

Edilene Aparecida Ropoli